

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA**

**Memória, ficção e aforismos:
o cronista Brito Broca em formação**

Paulo José de Castro Andrade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

São Paulo
2008

Ao Güida, eterno amigo

Agradecimentos

Ao professor Marcos Antonio de Moraes, pela compreensão, orientação e por acreditar neste trabalho.

Aos Profs. Drs. Antonio Dimas e Gabriela Kvacek Betella, pelas importantes sugestões no exame de qualificação.

A Carmem Lúcia Antônio e Cristiano Diniz do CEDAE, pela atenção especial.

A Alice e Ana do Museu de Guaratinguetá, pela colaboração.

Aos amigos Ricardo e Iris, pelo estímulo.

À minha família, em especial Tio Zé, Sílvia Helena e aos meus pais Juarez e Idair, pelo carinho de sempre.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo a reunião de crônicas do historiador e crítico da literatura José Brito Broca (1903-1961), divulgadas entre 1921 e 1931, em periódicos de Guaratinguetá, no Rio de Janeiro e São Paulo. A documentação pertence à Coleção Brito Broca, no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. A dissertação ressalta três vertentes temáticas da produção inicial do jornalista: o memorialismo, a ficção e os aforismos.

Palavras-chave: Brito Broca, crônica, memorialismo, vida literária, jornalismo literário.

Abstract

This research is related to the gathering of chronicles by the historian and literature critic José Brito Broca (1903-1961) publicized between 1921 and 1931 in periodicals of Guaratinguetá, Rio de Janeiro and São Paulo. The documentation belongs to Brito Broca Collection, Cultural Documentation Center Alexandre Eulálio at Institute of Language Studies, Unicamp. The dissertation emphasizes three discussed thematics from the initial production of the journalist: memorials, fiction and propositions (thoughts).

Key words: Brito Broca, chronicle, memorials, literary scene, literary journalism.

SUMÁRIO

1. Vida Literária: de Guaratinguetá ao mundo das Letras.....	06
2. O memorialista e o cronista.....	11
3. A crônica da cidade.....	15
4. As crônicas do primeiro Brito Broca.....	18
5. Entre o comendador e o <i>Moço Loiro</i>	21
6. Obras reunidas de Brito Broca.....	27
7. Crônicas reunidas.....	36
8. Referência bibliográfica.....	166

1. Vida literária: de Guaratinguetá ao mundo das Letras

Tão importante quanto o livro em si é o ambiente que o influencia e que por ele é influenciado. Críticos, editores, jornalistas, premiações, conferências, universidades, boemia, enfim, tudo é material de formação de uma época da literatura, e isso o escritor Brito Broca iria explorar magnificamente em sua obra *A Vida literária no Brasil 1900*, publicada em 1956¹.

José Brito Broca nasceu em 1903, em Guaratinguetá, São Paulo. Desde cedo já demonstrava grande interesse pelos livros e pela literatura. Em 1923, formou-se pela Escola Normal. Ainda estudante, escreveu as primeiras crônicas no *Correio Popular*² e *O Farol*³, jornais de sua cidade. Nessa época, enviou textos para periódicos cariocas, as revistas *Fon-Fon!* e *Para Todos*⁴. Além disso, assistiu às conferências de festejados escritores que passaram por Guaratinguetá.⁵ Em 1922, ouviu Coelho Neto no Clube Literário da cidade. Anos mais tarde, em 1958, publicaria minuciosa pesquisa sobre o “Príncipe dos Prosadores” na *Revista do Livro*⁶. Antonio Candido destacou a relevância desse trabalho: “O maior feito de Brito Broca como ‘releitor’ é o estudo de Coelho Neto, que ele restaurou no cânon da literatura brasileira.”⁷ No mesmo ano de 1922, vindo da Semana de Arte Moderna, Menotti Del Picchia deu o ar da graça na promissora cidade do Vale do Paraíba.

Em 1924, Brito Broca mudou-se para São Paulo, “com algumas páginas de má literatura no bolso e um mundo de sonhos na alma.”⁸ Em 1927, passou a trabalhar na redação de *A Gazeta* e a conviver com escritores e intelectuais na capital paulista, como Monteiro Lobato e Cassiano Ricardo. Reencontrou Menotti Del Picchia, que, em meio a discussões sobre o modernismo, indicava-lhe leituras de autores contemporâneos.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Brito Broca retornou à terra natal. Nesse período de “exílio provinciano”, dedicou-se à leitura:

¹ Em 1956 também foram publicados *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e *Duas Águas*, de João Cabral de Melo Neto.

² Fundado em fevereiro de 1914.

³ Fundado em janeiro de 1924, o jornal criticava a prefeitura e a Câmara de Guaratinguetá.

⁴ V. BROCA, Brito. A conquista do *Fon-Fon!* e do *Para Todos* in *Memórias*. Edição de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968, pp.163-165.

⁵ V. *Memórias*. Ed. cit., pp. 139-151.

⁶ V. No Arquivo de Coelho Neto in *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Organização de Luiz Dantas. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, p. 264-315.

⁷ CANDIDO, Antonio. Prefácio. *Ensaio da Mão Canhestra*. São Paulo /Brasília: Polis/Instituto Nacional do Livro, 1981, p.9.

⁸ V. ...Como Luciano de Rubempré in *Memórias*. Ed. cit., p.165.

“Ah! os vinte dias que ali passei, num estado de crescente nervosismo, entregando-me à leitura, como numa espécie de embriaguez, lendo e relendo perto de duzentos livros, alguns remanescentes da minha adolescência: a velha edição de *O Sertanejo*, e até uma brochura desconjuntada de *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, sem falar no *Destins*, de François de Mauriac, que trazia a data recente da aquisição: 1929.”⁹

Regressando a São Paulo, assumiu, em 1935, a seção literária de *A Gazeta*¹⁰. No final de 1937, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou o cargo na Comissão de Doutrina do Regime, e depois, assumiu o posto de redator na Livraria José Olympio Editora. Além disso, continuou escrevendo na sucursal de *A Gazeta*.

Na antiga capital federal, encontrou um ambiente propício para exercer sua atividade literária, colaborando em vários periódicos e entrando em contato com escritores e críticos que ali se concentravam. Entre eles, conviveu com Otto Maria Carpeaux no *Correio da Manhã*¹¹, onde discutiam a respeito da grande paixão de ambos: a literatura.

O interesse literário de Brito Broca não se restringia somente ao Brasil. Seu primeiro livro publicado, *Americanos* (1944), revelou autores do continente pouco conhecidos do público brasileiro. Na sua viagem a Buenos Aires, em 1946, como correspondente do suplemento “Letras e Artes”, de *A Manhã*, entrevistou escritores argentinos como Francisco Romero, Eduardo Mallea, Benito Lynch e outros. Dois anos mais tarde, embarcou rumo à Europa. Em Paris, conversou com Roger Caillois, e em Lisboa, com João Gaspar Simões.¹²

Durante as décadas de 1940 e 1950, Brito Broca escreveu intensamente para jornais e revistas, tornando-se um caso singular no meio intelectual brasileiro:

“Sou um exemplo quase único de sujeito que tem vivido exclusivamente do jornalismo literário [...] pois à parte o tempo em que fiz tarimba jornalística na *Gazeta*, a minha atividade

⁹ Na Revolução de 32 in idem, p.227.

¹⁰ Periódico paulistano fundado em 1906.

¹¹ Periódico carioca publicado de 1901 a 1974. Fundado por Edmundo e Paulo Bittencourt, nele trabalharam Lima Barreto, Ledo Ivo, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, entre outros críticos e escritores.

¹² V. “Brito Broca e a vida literária latino-americana” e “Brito Broca e a vida literária européia” in *O repórter impenitente*. Organização de Márcia Abreu. Campinas: Editora da Unicamp. 1994.

tem sido toda na crônica e no noticiário literário. Álvaro Moreira disse, certa vez, ter sido um escritor que se partiu aos pedaços. Acho que essa frase se aplica ainda melhor a mim.”¹³

Esses “pedaços” referem-se à multiplicidade de assuntos, autores, de várias nacionalidades e épocas abordados nos textos espalhados em periódicos. No entanto, em 1956, com a publicação de *A vida literária no Brasil 1900*, concentrou-se em um estudo detalhado da literatura brasileira nos quinze primeiros anos do século XX. Segundo Brito Broca, esse seria o terceiro volume de um conjunto de obras sobre a vida literária no Brasil: o primeiro abordaria o período colonial; o segundo, o Romantismo; e o quarto, o Modernismo. Porém, a sua morte repentina por atropelamento, em 1961, interrompeu a continuação do projeto.

O jornalista literário publicou em vida cinco livros – *Americanos* (1944), *Raul Pompéia* (1956), *A vida literária no Brasil 1900* (1956), *Horas de leitura* (1957) e *Machado de Assis e a Política e Outros Estudos* (1957) – e deixou organizado *Pontos de referência* (1962). Centenas de artigos permaneceram dispersos em jornais e revistas, textos que, depois, foram sendo reunidos por amigos do crítico.

O conterrâneo Francisco de Assis Barbosa publicou, sob o título *Memórias* (1968), parte do livro inacabado de Brito Broca, *Quando havia província*, bem como *Letras Francesas* (1969), colaboração no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*.

Alexandre Eulálio, companheiro de Brito Broca na redação da *Revista do Livro*¹⁴, idealizou o plano das *Obras Reunidas de Brito Broca* em dezesseis volumes. Na quarta capa do primeiro deles, *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro* (1979), documentou o projeto:

- “1. *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos (Vida Literária & Romantismo Brasileiro)*
2. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas (Vida Literária do Realismo ao Pré-modernismo)*
3. *Futuristas, Passadistas, Modernistas (Vida Literária & Anos 20 no Brasil)*
4. *Modernismo & anti-modernismo (Problemas e Figuras da Época Modernista no Brasil)*

¹³ Apud PEREZ, Renato. Brito Broca. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 15 de setembro de 1956.

¹⁴ Lançada em 1956 pelo antigo Instituto Nacional do Livro, circulou durante 16 anos, mantendo em suas páginas várias figuras da intelectualidade brasileira.

5. *Teatro das Letras*
6. *Passeio pelos Livros*
7. *Papéis de Alceste*
8. *Escrita & Vivência*
9. *Mapa Literário*
10. *O Repórter Impenitente*
11. *Estudos¹⁵ da Mão Canhestra*
12. *Americanos 1ª e 2ª séries*
13. *Horas de Leitura 1ª e 2ª séries*
14. *Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos 1ª e 2ª séries*
15. *Pontos de referência 1ª e 2ª séries*
16. *Letras Francesas 1ª e 2ª séries*¹⁶

Dentre os volumes, publicou, além daquele dedicado ao romantismo, os *Ensaio da mão canhestra* (1981) e *Machado de Assis e a Política e Mais Outros Estudos* (1983), respectivamente os volumes 1, 11 e 14. A morte de Alexandre Eulálio, em 1988, adiou a continuidade desse projeto editorial.

O material que constituiria os volumes restantes – recortes de jornais, originais ou cópias, autógrafos, datiloscritos e provas tipográficas – foi depositado por ele, antes de falecer, no Centro de Documentação que leva o seu nome, na Unicamp. Baseado nesse acervo, pesquisadores prosseguiram na publicação das Obras Reunidas: *Papéis de Alceste* (1991), *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo* (1991), *Horas de Leitura* (1992), *Teatro das Letras* (1993), *Escrita e Vivência* (1993), *O repórter impenitente* (1994) e *Americanos* (1998). Cinco títulos ainda não foram publicados: os inéditos *Modernismo & Anti-modernismo* (Problemas e figuras da época modernista no Brasil), *Passeio pelos livros* e *Mapa literário*, e as reedições de *Pontos de Referência* e *Letras Francesas*. O volume 3 das Obras Reunidas,

¹⁵ Posteriormente publicado como *Ensaio da mão canhestra*.

¹⁶ BROCA, Brito. *Românticos, Pré-românticos, ultraromânticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo, Polis/INL, 1979. No plano exposto na quarta capa, lê-se que Alexandre Eulálio obteve a “assistência bibliográfica de Carmen Lucia Jaquinta”.

Futuristas, Passadistas, Modernistas (Vida Literária e Anos 20 no Brasil), não possui material correspondente no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio¹⁷ (CEDAE).

¹⁷ V. WALDMAN, Berta. “Brito Broca e Alexandre Eulálio: dois viajantes”. In *Remate de Males. Brito Broca. Vida literária e história cultural*. Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Org. Francisco Foot Hardman, Campinas, nº 11, 1991.

2. O memorialista e o cronista

O memorialista

Quando havia Província era o sugestivo título que José Brito Broca imaginava para as memórias que deixaria inacabadas, mas que postumamente viriam a lume em 1968, pela Livraria José Olympio Editora, com introdução, estabelecimento do texto e notas de Francisco de Assis Barbosa.

A introdução, “Um D. Quixote das Letras”¹⁸, revela a preocupação do organizador em dar aspecto de livro, coerência e seqüência aos originais deixados fora de ordem pelo autor de *A vida literária no Brasil 1900*:

“O que desejo deixar bem claro é que assumo integral e absoluta responsabilidade na organização do texto das memórias, não só quanto à seriação dos capítulos da primeira parte, como quanto à seleção do material coligido nas duas outras. Pois o organizador não deixa de ser um intruso, na sua forçada co-autoria, em obras deste gênero: ninguém possui o dom divinatório de saber o que ainda passaria pelo crivo da reelaboração ou o que estaria destinado, não à letra de forma, mas simplesmente ao cesto dos papéis inúteis. Brito Broca era, na sua aparente displicência, muito exigente consigo mesmo, e talvez desejasse ainda polir aqui e ali o diamante que deixou por lapidar.”¹⁹

A opção por uma quebra da ordem cronológica e pela escolha, como primeiro capítulo, de “O vício impune”, que retrata o menino já alfabetizado, começando a interessar-se pela leitura de romances, parece extremamente oportuna. Pois supõe-se não haver melhor tema para prólogo dessas memórias do que o despertar no jovem do interior do hábito e do prazer da leitura. Símbolo daquilo que elucida para o leitor o interesse desse nostálgico *Quando havia província*.

Para Brito Broca, vida e literatura se confundiam. Segundo o organizador da edição, no texto introdutório ao volume, Broca não podia compreender que houvesse alguém capaz de diferenciar os dois conceitos: vida e literatura. Daí o seu espanto ao ser advertido por um secretário de jornal que disse: “Não escreva sobre literatura, trate de assuntos gerais.”

¹⁸ Este texto aparece como introdução à quarta edição de *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

¹⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. Um D. Quixote das letras in *Memórias*. Ed. cit., p.X.

As reminiscências dos casos contados pela avó, que afirmava “minha vida é um romance”, perfazem uma camada importante no arquivo das memórias guaratinguetaenses. Aí, Guará (Guaratinguetá) é a personagem principal. “Miniatura do mundo, ela foi a medida com a qual o menino pôde calcular comovido, a grandeza e a pequenez inseparáveis da terra.”²⁰

Sua habilidade como contador de histórias fica mais evidente que a de autobiógrafo. São os acontecimentos que lhe atraem a atenção, mesmo aqueles em que não seja o protagonista. Raramente ou pouco aprofunda-se na expressão de sentimentos, confidências, revelações íntimas. Só muito de passagem é possível encontrar algo pessoal nas entrelinhas da narrativa. É aos pedaços que o memorialista se deixa enxergar. Controladas e discretas como seu autor, dotadas de muita reserva em falar de seu universo pessoal, são memórias quase objetivas, sem efusão lírica.

Nas últimas duas partes que concluem o volume de *Memórias*, “Anos de Aprendizagem” e “Na revolução de 32”, há uma reunião de artigos e crônicas já publicados, de conteúdo autobiográfico. Já não mais criança, a literatura ocupa plenamente seu espaço. Os primeiros textos publicados em jornal de sua cidade, a emoção de ver o próprio nome em letras de forma, a insatisfação e a vergonha de vê-lo alterado para Brito Breca na colaboração inaugural enviada ao *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, os contatos iniciais com os escritores admirados e até então personagens da vida literária da época, tudo isso é recordado nessas páginas.

Segundo Rachel Teixeira Valença, se, no início das *Memórias*, temos a vida que se torna literatura, pode-se dizer que o segundo momento é, em compensação, a literatura transformada em vida: o redigir crônicas, o comentário sobre autores e livros, tornado meio de sobrevivência²¹.

As recordações (vivas de novo, no coração, segundo a etimologia) tentavam recompor, à maneira de Proust, em busca do tempo perdido, as fabulosas histórias da província. E no decorrer de toda a sua obra são muitas as menções a fatos e personagens do lugar onde nasceu. A memória alia-se à imaginação, sugerindo aos seus leitores a experiência miúda do fato humano associado ao conhecimento do universo literário.

²⁰ In Conferência em homenagem a Brito Broca. Guaratinguetá, 1965. Encontra-se no CEDAE, acervo Alexandre Eulálio.

²¹ V. VALENÇA, Rachel Teixeira. “O ‘Quando havia província’ de Brito Broca”. In *Remate de Males*. Ed. cit., p.103.

Para Francisco de Assis Barbosa, houve com Brito Broca a transferência lírica do seu mundo infantil para o presente, o que representava para ele um dos motivos permanentes de sobrevivência, uma como que volta à alegria de viver.

“Alexandre Eulálio contou-me que, certa tarde, em pleno Instituto Nacional do Livro, surpreendeu-o a cantar os hinos colegiais do seu tempo de menino. Sabia todos de cor, na ponta da língua. Esses hinos infantis povoaram com certeza a sua solidão, como a música de um órgão numa catedral vazia.”²²

O cronista

Antes do predomínio da produção universitária, Brito Broca foi, assim como Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, um dos expoentes do jornalismo literário no Brasil. Esse tipo de atividade, quase ausente hoje na imprensa, entre as décadas de 1940 e 1950, ocupou um grande espaço, como descreveu o autor de *A vida literária no Brasil 1900*, em crônica de 1958:

“De 1950 para cá, a literatura não tem feito mais do que ganhar terreno na imprensa. Sua última conquista seria o que os franceses chamam *courrierisme* e nós colonismo. Passaríamos a ter o colonismo literário, como sempre tivemos o artístico, teatral, social etc. A informação literária, oferecida diariamente ao público, em paridade com os outros ramos de noticiário.”²³

Brito Broca não enveredou pela crítica literária. Optou pela “crônica”, caracterizada por Antonio Candido como “narração concatenada de fatos, como história ou biografia baseadas no relato minucioso do acontecido com pormenores pitorescos e a capacidade de os fazer falar, isto é, transformarem-se em significados.”²⁴ Essa “crônica” pode ser entendida por “vida literária”, termo usado pelo próprio jornalista para retratar o contexto dos escritores e das obras. Ao mencionar a importância do cronista para uma cidade como o Rio de Janeiro, deixa implícito o seu ofício em relação à vida literária:

²² BARBOSA, Francisco de Assis. Um D. Quixote das letras in *Memórias*. Ed. cit., p.XX.

²³ A valorização jornalística da literatura (*A Gazeta*, 7 ago. 1958) in *Teatro das Letras*. Organização de Orna Levin, Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p.105.

²⁴ CANDIDO, Antonio. Ed. cit., p.7.

“fixador dos aspectos transitórios, que se poderá mais tarde fazer o levantamento de todas as particularidades de uma época. Nada será fútil ou desprezível na crônica, sempre que ela registre com precisão de detalhes, mesmo os mais insignificantes, os hábitos, os costumes do teor de vida da cidade.”²⁵

Dessa maneira, os pormenores testemunhados no texto ajudam a compor um quadro de alcance cultural maior, como explica Davi Arrigucci Júnior:

“a biblioteca imaginária de Brito Broca, constituída lentamente ao longo de décadas, espelha o processo histórico por um ângulo específico, mas que pode interessar não apenas à história das mentalidades, como à literatura comparada, demonstrando uma viva atualidade para nossa época [...] através do movimento de seu espírito por entre autores, obras e fatos variados se pode acompanhar o próprio processo de constituição da experiência histórica de seu tempo, além da documentação miúda da cena literária. Nele se forma o espectro de uma época. [...] O que se pode então revalorizar na obra de Brito Broca é a própria experiência do leitor que sabe contar, num determinado momento histórico, o que leu nos livros, nos homens que os escreveram e no mundo que os cercava.”²⁶

Uma passagem de “Os intelectuais no advento da República”, de Brito Broca, pode ilustrar o comprometimento com o instante em que ele vivia. Ao comentar as dificuldades da profissionalização literária de Bilac e seu grupo, o cronista afirma:

“o que acontecia com essa geração [...] era pretender viver da atividade literária, numa época em que (como certamente, até hoje, *hélas!*) isso não se tornava possível, ou antes, se tornava difícilíssimo no Brasil.”²⁷

²⁵ Notícia de um “inverno” carioca in *Teatro das Letras*. Ed. cit., p.25.

²⁶ ARRIGUCCI JR., Davi. “Conversa entre fantasmas” In *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 229.

²⁷ *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Ed. cit., p.118-119.

3. A crônica da cidade

A crônica notabilizou-se como um gênero literário fortemente difundido no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, sendo inscrita na relação história/memória coletiva por se revestir de um caráter pedagógico para determinação de uma sociedade brasileira com emblema da ordem.

“Busca-se assim, de múltiplas formas, reconstruir a história, por uma releitura do passado como pela definição de uma meta comum de futuro, através de uma memória coletiva que se pretende ‘nacional’ e que sublinha as descontinuidades representadas eminentemente pela implantação da forma republicana por sobre continuidades de uma sociedade marcada por seu caráter historicamente excludente e hierarquizador.”²⁸

Ao reinventar o cotidiano, essas narrativas podem ser interpretadas como “lugares da memória”. O Rio de Janeiro vai ser o protagonista das mudanças, palco para celebrar a ordem enquanto progresso: “O Rio civiliza-se”.

A crônica, tida como gênero menor na opinião de alguns críticos literários, vai difundir o novo universo carioca-nacional, o afrancesamento e a modernização, acompanhados das sombras históricas de um país dividido entre letrados e iletrados, elite e escravos, herdeiro de um sistema colonial inimigo do progresso democrático.

A crônica evidencia-se, então, como

“portadora por excelência do ‘espírito do tempo’, por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente casuais do cotidiano, que registra e reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através delas é possível perceber.”²⁹

A imprensa do Rio de Janeiro moderniza-se, passando do quase artesanato diário a uma imprensa de moldes empresariais, ocupando na capital significativo destaque na Avenida Central, espaço especialmente simbólico do progresso.

Machado de Assis cronista, já em 1859, valoriza o jornal como “um sintoma do adiantamento moral da humanidade” em crônica publicada no *Correio Mercantil*:

²⁸ NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p.78.

²⁹ Idem, p.82.

“O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si as frescuras das idéias e o fogo das convicções.”³⁰

A *Belle Époque* carioca significou um tempo de mudanças e transformações para os que, como Lima Barreto, criticam veementemente as proclamadas melhoras advindas da República e aquelas soluções que o tal progresso traria para sua capital. Em 1921, o criador de Policarpo Quaresma encara da seguinte forma a gestão da prefeitura do período: “Vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra a indígena.”³¹

Lima Barreto, Olavo Bilac, Paulo Barreto, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque, Luís Edmundo e muitos outros, com seus nomes reais ou assinando seus pseudônimos, deixavam marcas na história literária brasileira, por meio da crônica, suas versões e visões desse período agitado da vida carioca. Um gênero amplamente utilizado pelos grandes intelectuais da época como por todos os artistas que pretendiam viver das letras. “Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível.”³²

Flora Süssekind, em *Cinematógrafo de letras*, ao apontar os aspectos gerais do gênero crônica entre 1870 e 1920, destaca a profissionalização do jornalismo, a formação de um público de massa, a assimilação dos meios técnicos na produção literária, para além da técnica como tema, e a escrita literária assumindo um estilo e uma linguagem em sintonia com os avanços da época. A autora enfatiza no ensaio a relação das transformações das crônicas na passagem do século XIX ao XX às inovações técnicas que seduzem a cidade.³³

³⁰ Crônica de Machado de Assis. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12 jan. 1859. Apud. NEVES, Margarida de Souza. Op. cit.

³¹ Crônica de Lima Barreto, “O prefeito e o povo”. *Careta*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1921. In *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 117. Apud. NEVES, Margarida de Souza. Op. cit.

³² SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p.292

³³ SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Apesar de distintas as visões dos diversos cronistas desses “novos tempos”, parece haver um deslumbramento geral com o “Novo”. Bilac, por exemplo, em uma crônica, em tom altissonante, valoriza o progresso:

“Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. Bem andou o governo [...]. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente.”³⁴

Época de transformação e inovação para o controverso João do Rio, que desenha a imagem positiva do novo, na crônica “A era do automóvel” que abre *Vida vertiginosa*, ressaltando as discrepâncias da mudança:

E subitamente, é a era do automóvel. O monstro transformador irrompe, bufando, por entre os escombros da cidade velha, e como nas mágicas da natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda de mau piso, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França.³⁵

Por outro lado, João do Rio também enxerga o aspecto negativo do progresso em outra crônica:

Que nos resta mais do Rio antigo, tão curioso e tão característico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas. O progresso, a higiene, o confortável nivelam almas, gostos, costumes, a civilização é a igualdade num certo poste, que de comum acordo se julga admirável... O Rio, cidade nova – a única talvez no mundo cheia de tradições, foi-se delas despojando com indiferença. De súbito, da noite para o dia, compreendeu-se que era preciso ser tal qual Buenos Aires, que é o esforço despedaçante de ser Paris.³⁶

³⁴ BILAC, Olavo. “Crônica”. *Kosmos*, Rio de Janeiro, março de 1904. In: DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. Crônicas, v. 2. São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp/Editora da Unicamp, 2006, p. 337.

³⁵ RIO, João do. “A era do automóvel”. In *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911 Apud. NEVES, Margarida de Souza. Op. cit.

³⁶ RIO, João do. “O velho mercado”. In: *Cinematographo*. Porto: Chardon, 1909, p.215. Apud. NEVES, Margarida de Souza. Op. cit.

4. As crônicas do primeiro Brito Broca

Nos primeiros textos de Brito Broca, a cidade de Guaratinguetá, situada no Vale do Paraíba, e a cidade de São Paulo aparecem como cenários principais em que o cronista vai descrever a modernidade do início do século XX, tendo o automóvel como símbolo e a urbe como lugar do “fausto e da humildade”³⁷. Outros temas da tradição lítero-jornalística também têm o seu lugar: conflitos amorosos da juventude, crimes passionais, o amor romântico, o carnaval, a nostalgia etc.

Em 1923, em Guaratinguetá, no que tange às relações de Brito Broca com o modernismo de São Paulo, vale retomar a crônica “*Era uma vez...*” (1922), dedicada ao livro homônimo de Guilherme de Almeida. O articulista demonstra afeição pelo movimento, mas critica o “desastrado poema “*Era uma vez...*” do maravilhoso poeta Guilherme de Almeida”. Manifesta ironia:

“Felizmente o poeta ainda não se comoveu de todo, e no mesmo volume encontramos ao lado dessas enervantes vacuidades algumas concepções como: “Saber”, “Ciúmes”, “Razão” que, realizando esse exotismo preconizado pela arte moderna, tem coerência, graça e, sobretudo, substância para se ‘pescar’ qualquer coisa.”³⁸

No registro de um presente urbano, quando Brito Broca instala-se na capital paulista, na metade da década de 1920, o tema da vida moderna já se instaura em seus primeiros textos, citando, por exemplo, o americanismo e o superficialismo da burguesia paulistana na metrópole “futurista” que começa a crescer descontroladamente.

Em tom irônico, “Os petits monsieurs” e “O Americanismo” criticam a frivolidade cultural da juventude paulistana dos anos 1920 que copiava o modelo “americano” de vida ideal, exaltado na imagem avassaladora de felicidade que as estrelas cinematográficas dos Estados Unidos da América impunham.

Contos enviados para periódicos cariocas como o *Fon-Fon!* e para a revista paulistana *A Cigarra*³⁹ assumem um destaque peculiar na trajetória do escritor, pois será o único momento em que escreverá ficção em toda sua vida literária. No capítulo “Anos de aprendizagem” das *Memórias* lembra:

³⁷ Constituindo a oposição entre o endinheirado curso carnavalesco na Avenida Paulista e o bairro pobre com seus cortiços e operários que alimentam o “grande monstro” do progresso, Brito Broca descreve o contraste social na crônica “São Paulo do fausto e da humildade”.

³⁸ V. “*Era uma vez...*”, em *Crônicas reunidas*, neste volume.

³⁹ Revista de variedade que circulou de 1914 a 1975.

Mas nesse tempo, o meu ideal era escrever contos; e se o *Fon-Fon!* E o *Para Todos...* tinham poucos leitores na cidade, enquanto o *Correio da Manhã* andava em todas as mãos, era o meu nome apregoado aos quatro ventos. Resolvi tentar mais essa empresa, animado pelo êxito das outras. Tinha o assunto de um conto que há muito me vinha trabalhando a imaginação: a história de um rapaz rico e gozador, cuja vida repartida em prazeres e aventuras, sem que nenhuma mulher conseguisse prendê-lo.⁴⁰

Nas *Memórias*, Brito Broca recorda o cuidado dispensado para escrever e reescrever esse conto⁴¹ e o medo do texto não ser publicado e ter como destino o lixo.

Eis que a alegria do aprendiz de contista irrompe num misto de contentamento e decepção, já que o *Correio da Manhã*, ao publicar a ficção, trouxe o nome do autor com a grafia incorreta e risível: “Brito Breca”.

Mas... qualche chose malheur est bom. Alguns anos depois descobri que eu podia ser acusado de plágio, pois repetira, sem saber, o tema de uma peça de Roberto Gomes.⁴²

Se é possível afirmar que o primeiro Brito Broca está impregnado da leitura de Oscar Wilde, não se deve omitir a influência também de João do Rio, comprovada na crônica “Sob a minha admiração”, publicada em 1925 em *A Gazeta*, quando confessa que a obra e o nome do cronista do 1900 encontravam nele tanta estima e admiração que tocava as raias do fanatismo.⁴³

Os aforismos da mocidade, aqui reunidos, claramente têm inspiração nos pensamentos e máximas de Wilde, seja na forma de ladainha de um romântico erudito em “Litanias”, nas lamúrias românticas de “Jeremiada”, ou nos monólogos de um errante apaixonado em “Solilóquio de um vagabundo”.

Como em Brito Broca, para Oscar Wilde não existia diferença entre a vida e a arte. Este confidenciou a André Gide em 1897: “Minha vida é igual a uma obra de arte. Um artista jamais recomeça duas vezes a mesma coisa.”⁴⁴

⁴⁰ V. A conquista do *FonFon!* e do *Para Todos* in *Memórias*. Ed. cit., p.164.

⁴¹ V., nesta dissertação, o fragmento do conto “[Remorso]”.

⁴² Idem, p.165.

⁴³ V. BROCA, Brito. João do Rio revela Oscar Wilde; João do Rio, historiador de uma época in *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005, p.161 e p.321, respectivamente.

⁴⁴ V. WILDE, Oscar. *Aforismos ou mensagens eternas*. Introdução James Joyce; tradução Duda Machado. São Paulo: Landy Editora, 2006.

Viver da própria pena foi tema sempre presente em toda a carreira do jornalista literário, e já nos primeiros escritos a profissionalização de escritor é colocada em discussão na crônica “Escrever”.⁴⁵

Inspirado no Pestana de Machado de Assis, que sonhava sobreviver pela arte, ou criticando os medalhões da vida real, o primeiro Brito Broca revela o embrião do cronista literário que fugiu da ficção e que, amparado na nostalgia da província, escreveria páginas de histórias literárias.

⁴⁵ V. BROCA, Brito. Capítulo XIX. In: A Vida Literária no Brasil 1900. Ed. cit., p.285.

5. Entre o comendador e *O Moço Loiro*

A crônica de Brito Broca, divulgada em 28 de fevereiro de 1924, na seção “A Sociedade”, de *O Farol*, em Guaratinguetá, criticando a postura do Comendador Rodrigues Alves⁴⁶ poderia ter se transformado em mais uma página para figurar nas lembranças provincianas. O artigo foi o motivo da saída de Brito Broca de sua cidade rumo a São Paulo, onde iria se deslumbrar por estar tão próximo a figuras marcantes como Monteiro Lobato e nomes do modernismo nascente.

Dos primeiros textos publicados em jornal, essa crônica adquire um valor peculiar na vida e na biografia intelectual do jovem jornalista que “vez por outra criticava o conservadorismo coronelesco local... Em um desses ataques [...] recebeu *ultimatum* para abandonar a cidade em 24 horas. Aceitou-o com o fito de não criar dificuldades a seus familiares”⁴⁷, segundo Alves Motta Sobrinho, em discurso na Semana Brito Broca em Guaratinguetá, em 1966.

A crônica:

Continuaram domingo entre o estrépito de zabumba e uma alacridade essencialmente almofadística as “domingueiras” com que o nosso mundo taful se arregimenta para as folias estardalhaçantes de Momo.

Podem louvar a Deus os almofadinhas profissionais que agora contam um excelente *metteur-en-scène* que lhes há de condicionar com a mais religiosa habilidade nos sucessos dos bailes e dos namoros.

Graças a esse melindroso e flexuoso “*bonbon fondant*” dos paladares super-finos das nossas indiferentes “*jeunes filles à marier*” vós, srs. almofadinhas, tereis coisa grossa porque esse homúnculo não poupa os seus misteres, e nunca poupará a sua atividade e o seu donaire para bem servir-vos a causa do pagode.

Lembro-me do Moço loiro, um surradíssimo romance de Macedo cujas páginas já se emboloraram dos dedos de uma legião de “pálidas airosas”.

Desse romance que devorei nos anos de primeira erupção sentimental, recordo o perfil esguinado, anguloso, de um conselheiro tal, homem quarentão, mas alegre e amigo da bombachata, que era popularíssimo entre as damas que dele faziam o “Sto. Onofre” dos seus

⁴⁶ Antonio Rodrigues Alves, Comendador, irmão do Conselheiro do Império Francisco de Paula Rodrigues Alves (ambos de Guaratinguetá). Este governou São Paulo por três vezes e foi presidente eleito duas vezes: cumpriu o 1º mandato (1902 a 1906), mas faleceu antes de assumir o segundo mandato (que deveria se estender de 1918 a 1922).

⁴⁷ In Arquivo Memória de Guaratinguetá – Museu Frei Galvão, Pasta Escritores: José Brito Broca I, Doc. 17, pág. 3 – 5 páginas manuscritas.

namoros. Mas o simpático do velhote, espertalhão, não se deixava explorar assim sem auferir das suas propriedades de encenador frívolo as suas rendosas vantagens, apesar de já lhe doerem os rins e as forças de juventude lhe enfraquecerem a fantasia. O velhote, intercambiando os namoros, aproveitava-se disso captando a amizade dos rapazes, o que lhe poderia ser útil e sonhando concessões das damas, o que lhe era um aperitivo capitoso.

O homenzinho que hoje desliza pelas nossas ruas em companhia de alvacentos petimetres de folha de banana e que adeja nos nossos salões com o seu semblante de Adônis gorado, é um similar extemporâneo daquele velhote do bom Macedo.

Empresário de namoros, o homenzinho lucra com isso um imposto, que vai auferindo de ambas as partes; com os rapazes, tendo-lhe o seu caso de pacholice e às vezes um automóvel para um delicioso passeio; com as moças, as pequeninas dádivas – promessas tentáticas, “daquilo que não se pode dizer.”

Dançai amigos. O Conselheirozinho aí está! Ele não vai para Jaú.

28/02/1924 J. B. Broca

Embora a ironia violenta à postura do comendador Antonio Rodrigues Alves, presente nesta crônica, já possa estar subentendida nos textos de 1923 sobre o mesmo político, a família e a imagem do irmão conselheiro do Império foram enaltecidas na crônica “Lídima homenagem”, em que, diferentemente da figura romanesca do comendador, o ex-presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves aparece como personagem histórico.

E segundo Francisco Foot Hardman, a crônica polêmica:

“[...] dá conta de um estilo em formação e de sua mordacidade com respeito ao clã dos Rodrigues Alves, um dos pilares da dominação oligárquica em Guaratinguetá e na República Velha. Até mesmo nessa crítica política de província, o andamento é literário e o pano de fundo é a vida literária universal.”⁴⁸

Durante o Segundo Império e a Primeira República, Guaratinguetá teve participação relevante na vida política, com destaque nos fatos históricos locais, regionais e brasileiros, alcançando maior representação no cenário nacional. “Seus valores ultrapassam o município, dominam o estado e a nação. Estes valores, entretanto,

⁴⁸ V. HARDMAN, Francisco Foot. “Introdução: um historiógrafo da vida literária”. In *Remate de Males*. Ed. cit., p.9.

estão quase totalmente concentrados em mãos de uma família, à qual se ligam outras da elite agrícola.”⁴⁹

Mas é nessa época também que a política dos “coronéis” começa a ser criticada, questionada ou mesmo atacada pela imprensa que aparece como poderoso meio de contestação, acompanhada de material panfletário e livros em que a oligarquia é vista como o mal que deve ser combatido.

“A oposição era situação bastante difícil; os mandões locais continuavam, nos municípios, dominando a administração, poder judiciário, a Câmara Municipal. A oposição nem sequer podia votar porque o processo eleitoral, estando nas mãos da Câmara e do Judiciário, era o mesmo que estar nas mãos do coronel.”⁵⁰

Em Guaratinguetá não era diferente, com suas duas facções em combate: uma preservando a conservação do *status quo*, a outra declarando oposição e tentando assumir o controle da situação.

No cenário, a família Rodrigues Alves protagonizava o primeiro grupo, com seus correligionários: os alvistas. Os antagonistas concentravam-se naqueles que seguiam os Camargo (Eduardo Augusto Nogueira de Camargo e, depois, seu filho João Baptista Rangel de Camargo), chamados de camarguistas. “Era, assim, o alvismo no mando e o camarguismo na resistência.”⁵¹

Alvismo e camarguismo eram as duas forças políticas que se digladiavam em Guaratinguetá quando José Brito Broca escrevia a crônica, publicada no jornal *O Farol*, órgão de oposição à família Rodrigues Alves.

Em suas memórias, Brito Broca lembra:

“Um dos nomes com que me familiarizei muito criança foi o de Rodrigues Alves. Falava-se a todo momento, em Guaratinguetá, nos Alves, nos Paula, no Comendador, mas Rodrigues Alves, o Conselheiro, personificava um ser distante e superior. Vinha-lhe a efígie nos selos, o retrato nos jornais e nas revistas. E minha avó, obrigada a aposentar-se pela pressão

⁴⁹ HERMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos* in Revista de Administração. Ano II. São Paulo: Universidade de São Paulo, maio-julho de 1948.

⁵⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo na vida política brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1970.

⁵¹ MAIA, Tom & MAIA, Teresa. Alvismo e Camarguismo: mandonismo e resistência em Guaratinguetá. In CHALITA, Gabriel. (Coord.) *Vale do Paraíba: Política & Sociedade*. Aparecida [SP]: Editora Santuário, 1993, p.73.

política do Comendador, e censurando-lhe o espírito vingativo e as maneiras ríspidas, costumava dizer: “O Conselheiro, sim, é outra coisa. Um homem delicado e atencioso.”⁵²

O Comendador Antonio Rodrigues Alves foi o representante máximo do alvismo. Seu domínio durou cerca de trinta anos, perdurou até 1928. Dono de vasta extensão de terras no atual bairro do Pedregulho, era também homem de outros negócios, sócio-proprietário do Banco Popular e da Cia. Luz e Força de Guaratinguetá. Habilmente, o poderoso político do Vale do Paraíba, que trazia consigo a força e o prestígio do irmão que fora presidente da República, não encontraria dificuldades para dar as cartas na política de Guaratinguetá. Era ativo: fazia questão que o mando geral das coisas da cidade estivesse sob o seu controle. A prefeitura e a Câmara viviam sob suas ordens. Durante muitos anos, ninguém na cidade conseguiu opor-se ao Comendador com sucesso.

Em *O Farol* de 1º de março de 1925, sob o título de “Perseguição Política, uma exclusão acintosa”, lê-se que o Dr. Leônidas Machado teve sua entrada vedada no Clube Literário. O mesmo jornal, em 15 do mesmo mês, noticiou, sob o título “Mais uma exclusão odiosa”, a eliminação do sócio do Clube Literário do Dr. Alves Motta, que era advogado na cidade e colaborador do jornal *O Farol*. Na seqüência, em 22, o jornal noticiou a eliminação de sócio do Clube Literário do professor Darwin Felix.

Esses casos acima mencionados foram postos em execução por Benedito Rodrigues Alves, filho do Comendador e presidente do Clube Literário, procedendo de acordo com orientação do pai.

A arma que o movimento de resistência à oligarquia dispunha contra o que classificava de “prepotência alvista” era o jornal *O Farol*, que depois de uma tentativa de empastelamento, passou a ser impresso na própria residência de Rangel de Camargo.

Mas se de um lado *O Farol* defendia pontos de vistas considerados justos, por outro lado, muitas vezes, foi influenciado pelo fanatismo político. Na edição de 22 de junho de 1924, sob o título “Recordando fatos”, lê-se que não existe entre o alvismo um só homem que se elevasse no conceito público pelo seu valor pessoal, pelos seus talentos jurídicos, oratórios ou jornalísticos. Na verdade, tal afirmativa é questionável, já que o alvismo teve também como destaque o Conselheiro Rodrigues Alves, que por duas vezes foi eleito presidente da República, tendo em seu primeiro mandato realizado

⁵² BROCA, José Brito. *Memórias*. Ed. cit., p.114.

marcante administração, principalmente na cidade do Rio de Janeiro; ou José Rodrigues Alves Sobrinho, ministro do Tribunal de Contas.

Francisco de Assis Barbosa também documenta o evento envolvendo Brito Broca:

“E, quando estava em maré de confidências, o que era raro, explicava minuciosamente o episódio anedótico que motivara o seu exílio, um dos muitos equívocos da vida sem lances extraordinários de Brito Broca, num período de luta brava entre as duas facções municipais do finado Partido Republicano Paulista.”⁵³

Na guerra política travada em Guaratinguetá, a onipotência alvista e a dura resistência e ataque camarguistas estabeleciam regras sociais que deviam ser cumpridas à risca pelos correligionários. Tudo na cidade respirava política. Como os clubes e os jornais, definitivamente rotulados como pertencentes a uma facção ou a outra, também as bandas musicais tinham a sua cor política. A Sociedade Musical “União Beneficente” era apadrinhada pelos Rodrigues Alves. Em contrapartida, a Corporação Musical Mafra e, depois, A Lyra Democrática tinham como protetores os Camargos. Lutavam “musical e corporalmente muitas vezes”, informa o professor de Guaratinguetá Benedito Dubsy Coupé⁵⁴.

No capítulo “Recordações de uma República”, em seu livro de memórias, Brito Broca critica mais uma vez a postura do Comendador:

“Em 1921, Sampaio Dória, então diretor-geral da Instrução Pública, encontrara um meio prático de ensinar a democracia aos estudantes normalistas, transformando cada uma das escolas normais numa ‘república escolar’... [...] À posse, realizada solenemente no anfiteatro da Escola, compareceu o ‘pai da república’, Sampaio Dória, e também o Comendador Rodrigues Alves, que há cerca de trinta anos dominava como um senhor feudal na cidade. Lembro-me deste detalhe curioso: quando pronunciava o discurso de posse, Dutra passou a aludir com muita seriedade à luta eleitoral, as condições em que vencera o pleito e aos seus planos de governo. O Comendador Rodrigues Alves, velha raposa da política, calcinado nas tricas e futricas eleitorais, não conseguiu disfarçar um sorriso. Na verdade jamais poderia ele levar a sério aquela ‘república’.”⁵⁵

⁵³ BROCA, José Brito. Um D. Quixote das letras in *Memórias*. Ed. cit., p.XX.

⁵⁴ MAIA, Tom & MAIA, Teresa. Op. cit., p.82-83.

⁵⁵ BROCA, José Brito. *Memórias*. Ed. cit., p.161.

Como se vê, esses fatos engendram e contextualizam a crônica de Brito Broca da seção “A sociedade”, texto que tocava fundo nas tensões políticas brasileiras, no microcosmo de Guaratinguetá. Em São Paulo, depois, a nova fase.

6. *Obras reunidas de Brito Broca*

A *Coleção Brito Broca*, reunida e depositada no CEDAE–Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, pelo professor Alexandre Eulálio, é composta, em sua maioria, por artigos (originais e fotocópias) do autor de *Letras francesas*. A documentação está dividida em 25 pastas, numeradas, as quais, em parte, determinaram a seqüência do projeto editorial *Obras reunidas* de Brito Broca, elaborado pelo pesquisador mineiro, que por sua vez tentou reconstituir o plano proposto anteriormente por Brito Broca.⁵⁶

Dentro deste projeto, Alexandre Eulálio, falecido em 2 de junho de 1988, conseguiu publicar três volumes: *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro* (São Paulo/Brasília, Polis/INL), em 1979; *Ensaio da Mão Canhestra*, em 1981 (congregando prefácios a obras de Tolstói, Dostoievski, De Quincey, Cervantes, Par Lagerkvist, Goethe e José de Alencar, um ensaio sobre Coelho Neto) e *Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos*, em 1983. Este último volume acrescenta novos textos à edição de 1957, preparada por Brito Broca.

Equipe de pesquisadores do CEDAE, formada por Luiz Carlos Pereira Nunes, Danielle Lorençon, Renata G. Nomura e Mônica Merket, sob a coordenação de Vânia Regina Personeni, elaborou um catálogo descritivo (concluído em 1992) da documentação congregada em 25 pastas, seguindo as diretrizes propostas por Eulálio⁵⁷. As pastas reúnem recortes de jornais, originais e/ou cópias, datiloscritos, provas tipográficas e até manuscritos de Brito Broca e de Alexandre Eulálio. A numeração das pastas segue o número correspondente às *Obras reunidas*, até o volume 16. Não há material correspondente ao volume da pasta 3, *Futuristas, Passadistas, Modernistas (Vida Literária e Anos 20 no Brasil)*, pois não foi encontrado conteúdo que preenchesse de maneira adequada as características do título, e nem índice que pudesse orientar na seleção dos artigos.

⁵⁶ Conforme introdução constante no volume *Românticos, Pré-Românticos e Utra-Românticos*, intitulada Este Volume.

⁵⁷ Realizamos, a partir daqui, uma síntese (metodologia, processamento arquivístico, ordenação das pastas) do extenso Catálogo da *Coleção Brito Broca*, no CEDAE-IEL, Unicamp.

Salienta-se que a documentação não relacionada (pastas 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25) ao conteúdo dos volumes propostos foi ordenada posteriormente, embora alguns documentos tenham contribuído sobremaneira para a constituição dos volumes. É o caso do *Roteiro Bibliográfico* (pasta 25), pesquisa coordenada por Alexandre Eulálio que certamente serviu para aumentar o elenco de textos propostos pelos títulos.

Como orientação aos organizadores de volumes, a equipe constatou as seguintes ocorrências:

- a) Alguns textos constam de mais de um volume;
- b) Outros textos tiveram seus títulos originais alterados por Alexandre Eulálio;
- c) Há casos em que Alexandre Eulálio juntou dois textos cujos temas coincidiam, ou formavam uma seqüência, e publicou-os como se fossem um único artigo, considerando apenas um dos títulos. Isso pode ser observado no volume I – *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro* e no volume XIV – *Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos*.

Para facilitar os trabalhos dos organizadores, a equipe técnica do CEDAE elaborou três instrumentos auxiliares:

- 1) Um índice geral contendo os artigos em ordem alfabética dos 16 volumes. Quando há repetição de título (caso a), a listagem aponta;
- 2) Um índice para cada volume, contendo o título de todos os artigos constantes nas pastas. Nesse caso, quando constatou-se alteração no título feita por Alexandre Eulálio (caso b), foi colocado o título original junto ao título alterado;
- 3) Uma listagem que permite a comparação de títulos nos casos em que Alexandre Eulálio alterou-os. O título alterado aparece antes do título originalmente publicado.⁵⁸

⁵⁸ Catálogo da *Coleção Brito Broca* (CEDAE, IEL, Unicamp).

Coleção Brito Broca, CEDAE, IEL, Unicamp

Pasta 1

Documentação referente ao volume 1 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos (Vida Literária e Romantismo Brasileiro)*. Org. Alexandre Eulálio. São Paulo: Polis/INL/MEC, 1979.

- Recortes originais ou xerox dos artigos que compõem o volume.
- Artigos datilografados e revisados.
- Provas tipográficas do volume.

Pasta 2

Documentação referente ao volume 2 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas (Vida Literária do Realismo ao Pré-modernismo)*. Org. Luiz Dantas. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

- Alexandre Eulálio propôs dois índices para a edição deste volume: índice I e o índice II (numeração dada pelos organizadores do arquivo), sendo o segundo maior.
- recortes de jornais ordenados de acordo com o índice I.
- Índice I e artigos datilografados. Dez dos títulos indicados não estão datilografados nem foram encontrados entre os recortes; dois deles estão ilegíveis.
- Índice II e artigos datilografados.

Pasta 3

Documentação referente ao volume 3 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Futuristas, Passadistas, Modernistas (Vida Literária e Anos 20 no Brasil)*.

- Inexistência de material correspondente ao volume.

Pasta 4

Documentação referente ao volume 4 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Modernismo e anti-modernismo (Problemas e Figuras da Época Modernista no Brasil)*.

– Recortes de artigos que integram índice elaborado por Alexandre Eulálio, bem como oito outros recortes correspondentes ao tema proposto.

– Textos manuscritos focalizando escritores modernistas; presença de documentos incompletos.

– Textos datilografados referentes aos manuscritos.

Pasta 5

Documentação referente ao volume 5 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Teatro das Letras*. Org. Orna Messer Levin. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

– Artigos (originais e xerox) relacionados em índice feito por Alexandre Eulálio, do qual faltam dois artigos

– Série de dezenove artigos que, apesar de não-constantes do índice de Alexandre Eulálio, estão incluídos na pasta.

Pasta 6

Documentação referente ao volume 6 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Passeio pelos Livros*.

- Recortes de artigos originais e fotocópias.

- Índice. Faltam dois artigos arrolados nesse documento; outros dois textos, não computados no índice, foram incluídos na pasta.

Pasta 7

Documentação referente ao volume 7 das *Obras Reunidas* de Brito Broca, *Papéis de Alceste*. Org. Alexandre Eulálio. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

- Volume composto por crônicas curtas que foram publicadas no jornal *A Gazeta*, em São Paulo, sob o pseudônimo “Alceste” a partir de 1935.
- Recortes originais dos artigos que compõem o volume.
- Artigos datilografados correspondentes ao volume.
- Cópia xerográfica dos textos datilografados.
- Provas tipográficas.

Pasta 8

Documentação referente ao volume 8 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Escrita e Vivência*. Org. Enid Yatsuda Frederico. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

- Índice relacionando 12 títulos. Na pasta, além dos títulos arrolados no índice, há outros 6 artigos que tinham sido conservados para exame do futuro organizador.

Pasta 9

Documentação referente ao volume 9 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Mapa Literário*.

- Recortes de jornais, organizados de acordo com a seguinte subdivisão:

“Viagem a Minas”: relato de viagens de Brito Broca às cidades de Belo Horizonte, Diamantina, Ouro Preto, Barbacena, São João Del Rei e Tiradentes.

“Diversos”: relato de viagens do cronista a Porto Alegre, Goiânia, Buenos Aires (vários, datando 1947, enviado especial de *A Gazeta*), Paris (série de 1948, enviado especial de *A Gazeta*).

Alguns artigos fazem parte da coluna “Notas de viagem”.

Pasta 10

Documentação referente ao volume 10 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *O repórter impenitente*. Org. Márcia Abreu. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

– Reportagens de Brito Broca com personalidades do mundo literário-cultural, refletindo estudos e opiniões pessoais.

Pasta 11

Documentação referente ao volume 11 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Ensaio da Mão Canhestra*. Org. Alexandre Eulálio. Prefácio de Antonio Candido. São Paulo: Polis/INL, 1981. Compõe-se de introduções a obras célebres da literatura mundial, publicadas como prefácios ou posfácios de traduções brasileiras editadas entre 1940 e 1946, bem como estudos literários não diretamente determinados pelas atividades jornalísticas de Brito Broca.

– Fotocópia dos textos.

Pasta 12

Documentação referente ao volume 12 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Americanos 1ª e 2ª séries*. Org. Miriam Garate. Campinas, Editora da Unicamp, 1998. A primeira edição da obra, em 1944 (Curitiba: Guaira), trouxe os artigos da 1ª série. Alexandre Eulálio selecionou outros artigos de temática afim formando a 2ª série.

– Índice e todos os artigos relacionados (originais ou fotocópias), sendo que a 1ª série está duplicada.

Pasta 13

Documentação referente ao volume 13 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Horas de Leitura 1ª e 2ª séries*. Org. Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. A primeira edição do volume foi publicada pelo MEC/INL em 1957.

– Na pasta, além de alguns recortes do referido volume anteriormente publicado, há uma série de artigos relacionados por Alexandre Eulálio, que provavelmente formam a 2ª série.

Pasta 14

Documentação referente ao volume 14 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos 1ª e 2ª séries*. Volume publicado em 1957 por Brito Broca e republicado por Alexandre Eulálio em 1983. À 1ª edição foi acrescentada uma 2ª série com textos de temática afim publicados nos jornais em que Brito Broca colaborava.

– Três versões do índice feito por Alexandre Eulálio.

– Fotocópias de recortes pouco legíveis e com muitas falhas.

Pasta 15

Documentação referente ao volume 15 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Pontos de Referência 1ª e 2ª séries*. Volume publicado pelo MEC, em 1962, com nota esclarecedora de que não é um livro póstumo, pois foi organizado pelo próprio Brito Broca.

– Cópia da edição de 1962 (com alterações feitas por Alexandre Eulálio). Provavelmente é a 1ª série do volume que Alexandre Eulálio pretendia organizar.

– Série de 25 artigos originais e xerox presentes na edição de 1962.

– Série de artigos, selecionados por Alexandre Eulálio, que provavelmente formariam a 2ª série do volume.

Pasta 16

Documentação referente ao volume 16 das *Obras reunidas* de Brito Broca, *Letras Francesas 1ª e 2ª séries*. Este volume teve sua primeira publicação organizada por Francisco de Assis Barbosa em 1969. Alexandre Eulálio não deixou índice e, para a organização dos recortes de artigos foi seguida a ordenação daquela publicação,

sendo que nem todos os artigos anteriormente publicados foram encontrados. Na pasta, há outros artigos que foram colocados no final. Provavelmente formariam a 2ª série.

Pasta 17

– Artigos de Brito Broca publicados na coluna “Vida Literária”, do jornal *A Gazeta*, entre 1959 a 1961. A coluna trazia como subtítulos: “Os dias correm”, “De um diário de leitura”, “À margem da vida e dos livros”, “Marginália”. Os artigos trazem breves comentários literários.

– Artigos de Brito Broca publicados no jornal *A Gazeta* sob o pseudônimo “Alceste”.

Pasta 18

– Artigos de Brito Broca publicados no jornal *A Gazeta* sob o pseudônimo “Alceste”, de 1939 a 1943.

Pasta 19

– Artigos de Brito Broca publicados no jornal *A Gazeta* sob o pseudônimo “Alceste”, em 1944, 1945 e 1949.

Pasta 20

– Artigos de Brito Broca publicados no jornal *A Gazeta* sob o pseudônimo “Alceste” – Artigos sem data, ordenados alfabeticamente.

Pasta 21

– Artigos de Brito Broca, sob o pseudônimo “Lauro Rosas”, publicados em *A Gazeta* de São Paulo entre 1927 e 1930; e artigos que trazem a assinatura do autor, conservados nessa pasta por apresentarem afinidades estilísticas e temáticas com os outros documentos do conjunto.

– Índice organizado por Alexandre Eulálio.

Pasta 22

– Subdividida em 22a, 22b e 22c. Artigos assinados por Brito Broca, de diversas épocas, divulgados em vários periódicos, ordenados alfabeticamente. Documentação não integrante dos índices propostos no projeto *Obras reunidas*.

Pasta 23

– Contos e artigos variados de diversos temas que não constam dos índices propostos no projeto *Obras reunidas*. Textos que, em sua maioria, espelham a atividade jornalística inicial de Brito Broca, no período de 1921 a 1931.

Pasta 24

– Elenco de textos sobre Brito Broca (necrológios, homenagens, fortuna crítica).

Pasta 25

Roteiro Bibliográfico: listagens realizadas por Alexandre Eulálio, resultantes de pesquisa realizada para recuperação dos artigos de Brito Broca em diversos periódicos:

– relação de problemas de localização dos artigos de *Letras e Artes*, *Pensamento da América*, *Correio da Manhã*.

– relação de artigos publicados em *Letras e Artes*, 1951-1953; *Letras e Artes*: 1946-1952; *Cultura Política*: 1949-1951; *Correio da Manhã*: 1953-1961; *A Gazeta*: 1946-1948.

Nota: o Instituto de Estudos Brasileiros – USP possui parte dos manuscritos da obra *Quando havia Província*, de Brito Broca, doação feita por Alexandre Eulálio em 29 de setembro de 1975.

7. Crônicas reunidas

As crônicas de Brito Broca nas Pastas 22 e 23

Na Pasta 22 da coleção, localizam-se artigos de datas e assuntos variados, organizados em ordem alfabética. Lá encontramos as crônicas “[O conselheirozinho aí está]” (1924), “Partida para Citera” (1925) e “Sob a minha admiração” (1925). Já na Pasta 23 encontram-se contos e crônicas que, na atual organização arquivística, não seguem uma rigorosa seqüência cronológica. As duas pastas contemplam textos assinados por Brito Broca que não constam de nenhum índice proposto no projeto *Obras reunidas*. Os da 23, em sua maioria, foram publicados entre 1921 e 1931, com a assinatura “José Brito Broca”, “José B. Broca”, “Brito Broca”, “J.B.”.

Nesta pesquisa, cuja abrangência compreende mais os textos da pasta 23, pois aí aparecem as experiências literárias do historiador da literatura, enfocamos o início de sua juventude intelectual em Guaratinguetá e os primeiros anos das experiências na capital paulista. Vale ressaltar que a Pasta 23 não contempla os textos divulgados pelo cronista em *A Gazeta* de São Paulo, entre 1927 e 1930, com a assinatura “Lauro Rosas”; artigos congregados na Pasta 21.

Selecionamos nesta dissertação as crônicas que espelham a formação do “primeiro” Brito Broca. Outros textos, dos anos de 1950, por exemplo, conservados nas mesmas Pastas 22 e 23, ficam de fora de nosso projeto. No trabalho de transcrição, atualizamos os textos de acordo com a norma ortográfica vigente e os organizamos em ordem cronológica, de 1921 a 1931. Apesar de vários escritos aparecerem aqui como “Artigos sem data (Organizados em ordem alfabética)”, já que, ao ser recortados do jornal em que vieram a lume, perderam as indicações de data ou local de publicação, acredita-se que foram publicados na mesma época.

Códigos usados na transcrição dos textos:

[ilegível]: trecho ilegível;

[]: leitura possível de palavra ou expressão pouco visível no periódico ou em sua reprodução;

[...]: trecho não conservado no processamento arquivístico (IEL-CEDAE);

[sic]: transcrição fiel de vocábulos ou de construção sintática precários;

s. ind.: (“sem indicação”) impossibilidade de atestar o periódico;

s.l.: (“sem local”) impossibilidade de atestar o local da publicação;

s.d.: (“sem data”) impossibilidade de atestar a data da publicação.

//: mudança de parágrafo, nas citações de nota de rodapé.

Índice

Artigos datados

1921

- Onze de abril p. 40

1922

- Bum! Bum! Bum! p. 42
- Retalhos p. 45
- A chegada do inverno p. 47
- Impressões de arte p. 50
- Palmas p. 52
- Reformas sociais p. 54
- Trabalhar p. 55

1923

- [Comendador Rodrigues Alves] p. 57
- “Era uma vez” p. 58
- O teu porte p. 61
- Acendalhas p. 62
- Poema ciranda de dois olhos p. 63
- Comdr. Rodrigues Alves p. 64
- Lídima homenagem p. 66

1924

- [O Conselheirozinho aí está!] p. 69
- O meu Carnaval p. 71

1925

- Jeremiada p. 73
- “Sob a minha admiração” p. 75
- Quem elas amam... p. 77
- O automóvel p. 79
- Na Hudson p. 81
- Partida para Citera p. 82
- Natal, Ano Bom... p. 84
- A obra de um cronista p. 86

1926

- Príncipes p. 88

1927

- Mme. Rubio – mulher do século p. 90
- “Os petits monsieurs” p. 92
- Tentação p. 94

1928

- A hóspede p. 96
- [Dito Carreiro] p. 98
- O Americanismo p. 100
- Odor di juventa p. 101

1929

- O venturoso “chauffeur” p. 103
- A perfeição na mentira p. 105

1931

- O Carnaval (Bilhete Paulistano) p. 107
- Um forte p. 109

Artigos sem data (organizados em ordem alfabética)

- Adeus, primavera	p. 111
- Ano Bom!	p. 112
- A cidade da colina	p. 114
- “A Cigarra”, em São Roque	p. 116
- A cólera de cupido	p. 117
- Conto semanal (Conclusão)	p. 119
- [Desnorteante mistério]	p. 122
- Escrever	p. 122
- Espontâneo	p. 124
- A grande inexplicável	p. 125
- A lareira	p. 127
- A lição de todos os dias	p. 128
- Litanias	p. 129
- Os literatos e os inteligentes	p. 130
- Meia-luz	p. 132
- A mulher não tem idade	p. 134
- Narração de Sábado de aleluia	p. 136
- Onze horas!...	p. 137
- Parágrafos	p. 139
- Passado e presente	p. 141
- O pirata	p. 143
- [Remorso]	p. 145
- Em resposta	p. 147
- São Paulo do fausto e da humildade	p. 149
- A Senhorita Tro-ló-ló	p. 151
- Sensações	p. 153
- Serenata	p. 155
- Sobre uns versos	p. 157
- Solilóquio de um vagabundo	p. 158
- Trovas	p. 160
- Uma idéia	p. 161
- A um rapaz feliz	p. 165

7.1. Artigos datados

1921

“No ano seguinte, 1921, ampliando cada vez mais o círculo de minhas leituras (é preciso notar que eu lia geralmente não o que despertava curiosidade, mas o que encontrava ao alcance da mão) vim descobrir Coelho Neto”. (*Memórias*, p.143)

Onze de abril

Trecho do discurso lido na Escola Normal⁵⁹, no dia 11 de abril de 1921, por ocasião do aniversário da mesma Escola.

A data que hoje se celebra é mil vezes bela. O aniversário de uma escola é uma festa de confraternização, de amor e de glórias.

Surgindo no seio de um povo laborioso e esforçado como é o desta cidade, a Escola Complementar foi o plano lucilante que encheu de alacridade todos os corações, foi como aquela centelha sagrada que a roubou Prometeu, do paraíso, o fogo da vida que rejuvenesce o espírito e vivifica a matéria inanimada.

Mais tarde essa luz intensificou-se e derramou novos raios.

Foi no dia 11 de abril de 1911, quando passou a ser Escola Normal.

E hoje aí a temos esbelta, colossal, à semelhança dum gigante mitológico, a casada instrução que espera aqueles que a procuram.

Compassiva, meiga, bondosa, ela acolhe a todos com a mesma solicitude.

Equiparando o rico ao pobre, a ninguém ela nega o que lhe é pedido.

A escola é o caminho da glória.

Se algum dia quereis atingir o apogeu, é daqui que deveis partir.

A vereda da glória é pedregosa e marchetada de espinhos.

Coelho Neto⁶⁰ pinta-a horrível, de trânsito difícilimo e povoada de algozes.

⁵⁹ Atualmente, Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves, conhecida como “Instituto”.

⁶⁰ Henrique Maximiliano Coelho Neto (1864-1934): atuou na imprensa, foi professor em Campinas (SP) e no Colégio Pedro II (RJ); diretor da Escola Dramática Municipal (RJ) e deputado pelo Maranhão por três legislaturas. Sua obra compreende romances, contos, poesia, crônicas, teatro, memorialismo, conferências e obras didáticas. Foi presidente da Academia Brasileira de Letras (1926).

Na escola, porém, aprendereis os ardis para ludibriardes os inimigos, aqui criareis forças e é aqui que obtereis o roteiro dessa senda bem-aventurada.

Artigo assinado: “José Brito Broca”, s. ind., s. l., [1921].

1922

“Mas, já em 1922, numa noite em que eu dava o meu giro no jardim da Praça Treze de Maio, Anfilóbio Meneses tomou-me pelo braço, dizendo-me: ‘O Menotti vem fazer outra conferência aqui.’ ”
(*Memórias*, p.141)

Bum! Bum! Bum!

O alvoroço atingia o paroxismo. Era a apoteose do barulho. O estertor se fazia ouvir de todos os lados; sanhudo, altissonante, numa promiscuidade infinita de sons.

Eu entrei no delírio, conscientemente, sem me deixar contaminar pelo meio, sem me identificar com o barulho entontecedor. Levava no bolso um vidro de lança-perfume que me dava ingresso na festa, e na alma o ceticismo dos que costumam refletir na vida.

Sozinho e boemiamente, estaquei num ângulo do largo e encarei aquilo que os urbanos consideram com orgulho, o Carnaval.

O “corso” desfilava, entoando em uníssono, o grande hino algarávico de Momo. Um rapaz glabro aproximou-se de mim.

– Quem é aquele senhor que vai ao lado do prof. Jerônimo de Aquino⁶¹? perguntei.

O rapaz mirou-se e sorriu.

– É o Jeremias de Aquino.

– Como? Pois ambos não são uma só pessoa?

– Não. O prof. Jerônimo é um homem muito sério, muito grave, muito bondoso prof. emérito e cidadão de bom tom.

E o Jeremias?

– Ah! Esse é um cronista que escreve artigos picarescos em estilo faceto repassado de humorismo peralta, à guisa de Machado de Assis⁶².

⁶¹ Jerônimo de Aquino Araújo foi um dos diretores do jornal *Correio Popular*, de Guaratinguetá, fundado em 14 de fevereiro de 1914. Foi também um dos diretores da Escola Normal onde Brito Broca estudou: “Em 1920, o professor Jerônimo de Aquino, exercendo o cargo de subdiretor da Escola Normal, foi à nossa classe, num sábado, comunicar-nos que o poeta Luís Edmundo realizava, à noite, no Clube Literário, uma conferência para a qual eram convidados todos os alunos da Escola.” In Conferencistas – *Memórias*, p.139.

⁶² No artigo “Pré-História de um Machadoiano”, em *A Gazeta*, São Paulo, 1958, Brito Broca lembra: “Eu tinha dezessete anos e quem me absorvia agora era Coelho Neto. //Quase na mesma época, outro amigo me emprestou o volume da *Semana*, organizado e prefaciado por Mário de Alencar. Achei aquelas crônicas frias e sem vida. Que diferença diante das páginas do *Cinematógrafo*, da *Vida Vertiginosa*, a de

Engelhei o sobrolho. Eis aí uma distinção sutil com a qual eu ainda não atinara. Entre uma profusão de luzes e de cores aproximou-se um carro deslumbrante. O “Carro do Sol”, blasonaram todos. Dentro do carro via-se numa expressão prazenteira o Cândido Dinamarco ao lado de uma moça de “olhos verdes” e insinuanes.

Outro automóvel passava, entre grande alarido com o Sr. Sinésio Passos à frente, fardado de escoteiro, gritando por quantos poros tinha que a salvação do Brasil se resumia no magno problema da “Cultura e defesa”.

Um grupo numeroso dirigia-se para o meu lado e eu vislumbrei nele o prof. Zulmiro de Campos, que me cumprimentou com o seu sorriso burguês.

– Aqueles homens que circundam o prof. Zulmiro?

– São os “Vultos de Sorocaba”. Só então percebi que o erudito prof. se trajava à Virgília e se ria gostosamente da colossal pândega, imbuído de um otimismo admirável.

Mais adiante vinha o respeitável prof. Gustavo Khulmann, num impressionante carro alegórico entre dois símbolos: “Bondade e Pátria”. Na retaguarda, fantasiada sedutoramente de “Rosa do Vale”, a senhorita Dholly Braga sussurrava com voz dolente a canção da “Cigarra que amou”.

Espetáculo inédito! Eu via o Carnaval e pensava que ele fora criado para desvendar os caracteres e dar expansão à insensatez dos homens. Cada qual se trajava e se caracterizava nesses dias conforme as suas tendências, as suas maneiras de pensar e de ver as coisas, e assim desnudavam a alma, revelavam abertamente os seus intuitos bons e maus.

O ideal comum da multidão saturava-me de entusiasmo e eu tinha ímpetos de me revelar, de denunciar a todos que eu também sorvia com sofreguidão e âmbar da taça de Hebe.

– Viva o Carnaval: gritei inconsciente para a grande massa e penetrei ousado pela rua que vai ter ao parque – quartel-general de Momo.

Seguia apressado, quando um vulto bem trajado se abeirou de mim.

– O Sr. vem da praça 13 de maio? Está imensamente deliciosa a orgia lá, não?

– Sim...

João do Rio, a minha recente descoberta e nas quais andava mergulhado. Eu teria subscrito, então, o paralelo fora de propósito que Ronald de Carvalho faz entre os dois escritores na *Pequena História da Literatura Brasileira*. Somente a maturidade viria integrar-me no espírito da obra machadiana, a compreendê-la verdadeiramente, senti-la e amá-la.” Editadas por Francisco de Assis Barbosa, as *Memórias* trouxeram o artigo com o título “Entre Alencar e Machado de Assis”, p.179.

– Olha, imagine o senhor como estou sofrendo para reagir contra a invencível tentação de compartilhar da farândola... Eu sou o Bom Senso.

– O Bom Senso?!

– Sim e não posso mais conter-me.

Eu estava atônito, conturbado com semelhante encontro.

– E não consigo resistir mais. É impossível. Desde há muito que a minha forçada indiferença me faz sofrer.

Desta vez vou capitular. Leve o diabo todos os preconceitos. Adeus, eu vou me embriagar no Carnaval. E o Bom Senso saiu a correr, desatinado, vociferando uma canção, caminho do delírio.

Era a vertigem integral. Foi nessa hora que eu tomei do lança-perfume, e atirei o ceticismo à conta do mais mazorro inimigo da vida, do gozo, da felicidade...

Artigo assinado: “José Brito Broca”, s.ind., Guaratinguetá, 28 fev. 1922.

Retalhos

Nas horas de ócio; penso. Nas horas de atividade, observo. E vivo constantemente insatisfeito, a reguingar como um misantropo contra tudo em que o meu pessimismo me faz vislumbrar uma nesga de maldade.

A vida, considerada, desvenda-nos muitos [abismos] que não percebemos na vertigem comum de viver. Os abismos, porém, são os dínamos que revigoram a saciedade da existência.

Shakespeare foi um tônico para a humanidade.

*

Toda mulher foi destinada a provocar lágrima. É esse talvez o motivo pela qual elas vivem sempre sorrindo.

*

O *fox-trot* e o tango argentino são sons característicos fiéis da época que atravessamos.

O *fox-trot* com seus pulinhos ritmados é o símbolo da nossa indecisão perene.

O tango argentino é uma espécie de volubilidade com os pés.

Em resumo: tudo a imagem dos nossos ideais frívolos.

*

Eu não sei qual a estrutura do namoro; se o amor recíproco ou o amor próprio.

*

Os rapazes frívolos têm sempre dois prazeres capitais: o requinte dos gestos e uma corrida de automóvel. Não há o que supere a distinção de um relógio pulseira ou de um charuto. Fora disso só meia hora de automóvel é realmente um encanto.

*

Eu gosto de conviver com os rapazes frívolos, sentir a banalidade de suas palestras, onde se observa um amálgama de calão com um pouco de lirismo prosaico.

São enervantes os rapazes frívolos..., mas têm uma qualidade superior que me leva a estimá-los: a cortesia, oriunda da doçura dos espíritos que experimentam a vida na sua parte superficial.

*

Neste século em que todos dão o que pensar é de se lamentar que ninguém pense.

*

Há momentos de *spleen* doloroso em que a vida nos conta o que realmente ela é: tédio e desilusão. O regresso de um baile nos proporciona desses momentos de angústia moral.

*

Para o homem que ama intensamente, só pode haver uma ventura inigualável: deixar de amar.

Para o homem que já amou, só pode haver uma ventura inigualável: amar sempre.

O amor nasceu da fraqueza que convenceu o homem de ser incapaz de suportar todo o peso da carga da vida. O homem que ama busca quem lhe auxilie a carregar o enorme fardo. Quem passasse pela vida sem amar seria o mais soberbo dos heróis.

*

Eu só compreendo João do Rio nas multidões. Suas páginas hiperestesiadas parecem escritas na rua, dentro de um automóvel vertiginoso. A impressão é sempre a do bulício e das massas.

*

Entre os escritores gregos e os literatos hodiernos só há a diferença de terem vivido com um intervalo de 20 séculos.

Se Píndaro⁶³ ou Anacreonte⁶⁴ existissem hoje certamente se tornariam poetas futuristas.

Artigo assinado: “José Brito Broca”, *Correio Popular*, Guaratinguetá, abril 1922.

⁶³ Píndaro de Cinoscefale ou Píndaro de Beozia (518 a.C. – 438 a.C.): poeta grego, autor de *Epinícios* ou *Odes Triunfais*.

⁶⁴ Anacreonte (563 a.C. – 478 a.C.): muito apreciado pelos gregos, suas poesias chegaram até nós sob a forma de fragmentos. Cantava as musas, Dionísio e o amor. Seu estilo foi muito imitado ao longo da antiguidade e do período bizantino.

A chegada do inverno

E o céu se torna integralmente azul, a atmosfera parece rarefeita e as noites são poemas de latidão derramando estrelas ao palor dos luars alabastrinos.

Então na cidade o aspecto se modifica. Dos fundões das canastras e das malas saem os betustos *Cache-nez* e capotes já usados em muitas estações. Os almofadinhas calçam as luvas e ajustam as suas elegantes capas impermeáveis e cintadas que fazem a delícia dessas noites enluaradas.

As moças recebem das modistas os *manteaux* e os costumes que vão experimentar sôfregas nos espelhos, despedindo-se dos decotes agora banidos pelas incômodas vestes de inverno.

Arre! Que frio. Estou vendo que não conseguirei ocupar outra vez o meu vestido de *organdi*. O frio aumenta e o vestido é deveras decotado e tem as mangas muito curtas. Que maçada!

E eu que aborreço os capotes. Oh! Não há como o calor em que os vestidos nos ficam tão bem.

Tal é a maneira hostil com que recebeu o inverno as nossas incorrigíveis contemporâneas.

Em Guaratinguetá, porém, o inverno é desolador. Olhar o jardim da Praça 13 de Maio à noite é lembrar o aspecto da monotonia. Nem uma moça; ou melhor, existem sempre uma ou duas moças. Mas essas nada constituem para o nosso apetite de beleza querendo admirar não uma moça, mas sim as moças em geral. Rapazes em número limitadíssimo. Aliás, está bem visto que não se encontrando moças tão pouco se encontrará os seus adoradores ou satélites que são os rapazes. Realiza-se milhares de voltas pelo passeio e nada nos anima, nada afugenta aquela melancolia desesperadora.

E é realmente para se desesperar. As árvores perderam o matiz. Não são mais verdes; formaram-se engelhadas, amarelas da cor da nossa desilusão; os bancos tomam aos nossos olhos fantasistas atitudes... Até a luz parece mais débil, pois tudo ao nosso “lado” é penumbra desconfortante.

Só há movimento e atividade nas casas comerciais adjacentes que, insensíveis como o dinheiro de que delas são objetos, mantêm inalteráveis quer faça frio ou calor.

Mas o jardim é dolorosamente nostálgico. Cada encontro com um amigo é logo procedido desta frase condensadora de todo o desalento.

Que é feito das moças?

Não sei, sumiram, desapareceram, estão estudando; aproximam-se os exames... Ah, o exame. Eis aí talvez o poderoso fator do êxodo feminino. Como os exames coincidem com a entrada do inverno, as moças sentindo muito frio e tendo ainda muito mais o que estudar decidem em se conservar nas suas casas decorando os enormes e caturros pontos ao aconchego acariciante dos adoráveis penates⁶⁵...

O inverno porém foi sempre o tempo do recolhimento e portanto da saudade e do amor.

Ontem como fazia frio surgiu-me desejo de reconcentração e fui-me sentar num dos bancos mais isolados do jardim. Estava só e tinha uma certa dose de hiperestesia. O barulho da praça aturdiava-me. Ao meu lado desejava escutar somente uma voz melíflua e consoladora que parecia ciciar pelo recinto narrando-me coisas misteriosas. Era a evocação.

Quanto amor desfeito, quanto amor consolidado, quantas tragédias íntimas não tiveram por testemunha o romântico jardim da Praça 13 de Maio. Hoje o abandono vinha a ser completo. Não havia namorados, nem moças, nem amor, nem ilusões. Tudo vazio, inânime deixava desprender de sua tristeza imutável o fluido magnético de uma saudade. Saudade de quê? Nem eu o sabia explicar. A saudade é às vezes descabida, mas muito fremente. Senti-me lírico. Ah! O inverno foi sempre o tempo do recolhimento e, portanto, da saudade e do amor.

O inverno aí vem fulvo... E lhe traz na face macerada o ríctus do sofrimento sopitado, a sua tristeza contamina, parece um grande amor perdido, o acaso de miríade de sonhos.

Há dias a cidade era um ruidoso bacanal em que os moços e moças dirigiam oblatas a Hebe e saltitavam álacres como envolvidos num halo de contentamento frenético. Chamava-se a isso, o Carnaval. O verão sufocava e o povo queria dar largas ao nervosismo. Quando o inverno se aproxima, porém, traz consigo o ímã da quietude. Há uma profunda mistagogia⁶⁶ em cada coração, os sentimentos têm tonalidades estranhas e nós parecemos desejar a solidão como o único abrigo a essa magia inexplicável.

⁶⁵ Deuses domésticos dos romanos e dos etruscos. V. KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1995.

⁶⁶ Iniciação aos mistérios, na antiga Grécia.

Desapareceram as alegrias voláteis, o entusiasmo, a energia que estava nos dias abafadiços de verão. Através de um *cachecol* ou de um capote é impossível se desferir um sorriso.

Entretanto – coisa singular – a tristeza não parte de nós; ela reside no ar vagando erradia, dispersa no céu azul-celeste, diluída no ambiente, ela nos absorve e acalenta ao mesmo tempo em que aniquila.

O inverno aproxima-se pulverizando o espaço pela branca névoa. A névoa é a imagem do sonho que se desfaz diante da realidade inexorável. É impossível sonhar agora. Só queremos recordar.

O passado até bem pouco era um vago ego que mal percebíamos. No inverno, o passado vem a ser a própria vida do momento, e transluz, invadindo a alma de prazer, de uma satisfação ignota; essa de lembrar o que já foi, o que deixou de existir, o que desapareceu.

Agarramos ao passado para haurir a sensação nova dessa existência desaparecida que agora nos reconforta o espírito abatido, prodigalizando-nos a suavidade da recordação: bruma que se esgarça no nosso íntimo tremeluzindo um rosicler de ventura e de sorrisos.

...

Ficamos tristes./Tristeza de inverno! Poesia única da vida de agitação perene!
Gérmes do romantismo.

O rapaz pôs-se a contemplar a lua, terno como um apaixonado; enquanto eu deixei que os meus lábios balbuciassem os versos emotivos de Adrien Delpech⁶⁷: “*Je regarde le paysage/ Tout attristé par les antans / L’automne est lá; mais ton visage / Reflète un éternel printemps*”.

Artigo assinado: “José Brito Broca”, s.ind., Guaratinguetá, maio 1922.

⁶⁷ Adrien Delpech (1867–1942): professor belga formado em Paris. No ano de 1892, aos 25 anos de idade, chegou ao Brasil, onde se radicou. No Rio de Janeiro, ingressou no Colégio D. Pedro II, em seguida no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Música, lecionando francês e arte. De grande cultura humanística, foi professor de várias disciplinas, inclusive Literatura Brasileira. Traduziu Machado de Assis para a Língua Francesa. Atuou na imprensa do Rio de Janeiro; publicou *Le roman brésilien* e *L’idole*.

Impressões de arte

“Les choses n'ont d'attrait qu'elles ne nous touchent pas”.

Schopenhauer

Eu pensava em coisas materiais e experimentava a comercialidade de uma das ruas de S. Paulo, quando a minha boa estrela me levou ao vasto salão onde figura a exposição Weingärtner. Perto de meia hora deixei-me ficar naquele sítio sempre freqüentado por curiosos e admirei quadros de tão indizível beleza que, ao deixar o salão, parecia ter saído de um banho de estética.

Bem disse, então, o excelente aviso que, horas antes, tinha recebido do Cândido, na praça Antônio Prado.

– Já foste à Exposição Weingärtner? Pois olha: aquilo é um pintor e tanto.

Abandonando a exposição agora, assaltava-me logo o desejo peculiar a todos os literatelhos: escrever alguma coisa sobre o assunto.

Esses começam certamente por umas considerações pretensiosas em estilo campanudo, para desfiarem em seguida uma lenga lenga interminável de [encômios] ao artista, onde se salientam alguns termos rebuscados.

Detesto a banalidade e, cômico do meu erro, reconheço ser o primeiro a ir procurá-la em todas as emergências como bom semelhante que sou dos meus semelhantes.

Uma exposição! Quantas não pululam por este mundo? Que importa, no entanto, à minha vulgaridade, se ela me traz neste momento a doce e suave revelação de uma frase nítida do meu íntimo?

Não foi apenas com a objetividade de um observador que eu fui apreciar os quadros atento e minucioso, mas com o duplo sentir de uma alma propensa à mistagogia inebriante da arte.

Não conheci o pintor, e muito menos logrei apertar-lhe a mão de mestre sinceramente comovido ao balbucio dos clássicos parabéns. Para que tudo isso, que seria uma expansão acentuada, um exagero, no dizer de muitos? Os fenômenos mais intensos do nosso sentir são aqueles que nunca conseguimos exteriorizar com acerto.

Para que apertar a mão do pintor, que me julgaria um convencido ou, com muita bondade, um gabarola? Não. Neste Brasil são muitos os entendidos em arte, mas poucos os verdadeiros experimentadores da arte.

A feição primordial do talento de Weingärtner é sem dúvida o sentimentalismo. Esse sentimentalismo me foi contagiado pelas suas obras-primas, dispersas no vasto salão.

Os reformistas, esses inúmeros inovadores da arte, haviam de me poupar em me vendo jun [ilegível] ao seu sentimentalismo e [ilegível]

– Defeito imprescindível de raça!

Abençoado defeito, porém, que esconde no seu âmago o segredo de uma estupenda manifestação psíquica!

Abençoado defeito, neste século de progresso e de grosserias!

Ao domínio desse defeito adorável eu me embestia na contemplação do quadro *Pousada*. Mas que frescura tão amena de bucolismo! Roça. Tarde. Desaparecimento do sol num ocaso de uma energia rubra. Uma casa de fazenda ao lado. Bonomia nos campos circunvizinhos. Esparsos pela várzea, em ranchos, alguns tropeiros, matutos desempenados, preparam a pousada para a noite que vem lenta e sombria. Estrepida um fogaréu entre gravetos. À roda os caboclos têm áreas de palestrar. Qual será o assunto de tão frugal conversação? Casos roceiros, caçadas talvez, lendas de famanazes ou de assombrações temíveis. Daí a pouco a noite chegará cabisbaixa, como uma mulher triste vestida de preto e de cabelos negros. No quadro as tintas formam um conjunto de coloração viva e insinuante. Eis tudo. Caminhando algum tanto, eu veria outros quadros tão perfeitos e evocativos como aquele. *Paisagem do pampa*, *Vida gaúcha*, *Recordação* são painéis de valor custoso e de timbre artístico rútilo e potente.

Ao retirar-me, ainda contemplando aquele romance silvestre da *Recordação*, pensei no amor, em todas as suas modalidades e enalteci – reavivando-as no meu lirismo – as melífluas e deleitosas páginas de Alencar⁶⁸, testemunho de um tempo, cujos derradeiros ecos se diluem hoje na faina acirrada de uma nova vida.

Artigo assinado: “José B. Broca”, s. ind., São Paulo, 18 jun. 1922.

⁶⁸ “Devo dizer que a minha primeira ‘amizade literária’ foi José de Alencar. E como já observei, certa vez, acho Alencar um amigo muito mais indicado para a adolescência do que Machado de Assis. Entretanto eu não chegara aos treze anos ainda, quando tive o meu primeiro contato como o romancista de *Brás Cubas*.” V. *Memórias*. Ed. cit., p.180.

Palmas

Esmiuçando os mínimos nadas da existência eu procuro observar as grandes questões.

De Acanto

Quando o homem começa a amar, ele passa a compreender o valor da mulher porque antes ela só lhe tinha significação nos romances ou nas comédias.

O passado é um débil sussurro.

O presente é um estertor.

O passado dulcifica. O presente aturde. Daí a intensidade do amor no passado, quando no presente ele é apenas a saciedade.

Mulheres! Esfinges, eternamente indecifráveis! Gama psíquica de sentimento e paixões que se contradizem e se desfazem para a tortura de quem neles crê. Cambiante de emoções que se confundem, e desatinam.

É pensar que na mulher mais prosaica, está sempre a alma mais enigmática e insolúvel!

De alecrim

Um tipo superlítico, o que é uma raridade nos nossos dias, dizia-me:

– Eu quisera amar docemente como nas *Bucólicas* de Virgílio ou nas descrições do suavíssimo Bernardim Ribeiro⁶⁹.

Amar sem o gongorismo fastidioso dos salões e dos chás-dançantes, pois ornamentar o amor é abatê-lo na sua espontaneidade.

Eu sorri amargo e nada disse para não aborrecer o rapaz. Ele falava de amor, com tanta singeleza em pleno século XX.

[ilegível] é a mulher [ilegível]; no último o homem. [ilegível]

⁶⁹ Bernardim Ribeiro (1482?–1552?), escritor português renascentista. A sua principal obra é a novela *Saudades*, mais conhecida porém como *Menina e Moça*. Teria frequentado a corte de Lisboa, colaborou no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, que assim como Bernardim pertenceu à roda dos poetas palacianos juntamente com Sá de Miranda, Gil Vicente e outros. Foi introdutor do bucolismo em Portugal.

Coisa intolerável um namorado queixoso. Pior que isso só um namorado feliz.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., ago. 1922.

Reformas sociais

Cercavam-nos um correr longo de casas humildes, onde repousava a pobreza esfalfada dos serviços rudes e padecendo da falta de comodidades que não lhe dão os trastes velhos e miseráveis.

No tope da ladeira a igreja de S. João iluminada pelo luar tinha um aspecto muito puro e de candidez divina: como a abençoar os pobres guaritados nas suas circunvizinhanças. Olhamos então a cidade mansa, lá embaixo, rendilhada de luzes. E vendo a sombra de mil tetos, eu pensei que ali devia dormir pacatamente essa sociedade que o Sousa, idealista, procurava regenerar...

Artigo assinado: “José B. Broca”, s. ind., s. l., out. 1922.

Trabalhar

(Trecho de discurso aos operários no dia 7 de setembro)

O trabalho é a alvorada dos povos.

O Brasil precisa trabalhar insanamente para vencer. País exúbere admirável, pródigo que seduzido a todos os forasteiros e merecido alusões encomiásticas, o Brasil seria um gigante anquilosado, tolhido de movimentos, um colosso manime [sic] se não o tivesse levantado e sacudido a operosidade dos seus filhos. Mas o Brasil ainda precisa trabalhar muito; trabalhar nunca é excessivo nem bastante porque o momejo[sic] é a vida e a vida quanto mais farta, mais extensiva, tanto melhor. Nós temos ainda um mundo por construir, por animar e dotar de civilização.

As grandes datas nacionais deviam ser ocupadas em meditação sobre o estado do país. A festa que hoje presenciamos, o gáudio alvissareiro que se hipertrofia, por todo território pátrio, é a asseveração do que valem até hoje. Precisamos, entretanto, valer muito mais. A natureza circundou-nos das mais solícitas prerrogativas alcatifando de doçuras o nosso ambiente, ofertando-nos fraternalmente uma riqueza imensa.

O Brasil é um enorme mineiro que necessita ser lapidado. Olhando-o na sua forma primitiva teríamos o torrão formidável e tosco, um enorme bloco cuja única virtude consistia na expressão do bruto e do natural; mas inteiramente inútil.

Levemo-lo à ourivesaria, façamo-lo passar pelas diversas influências artificiais do artista dos metais, que o teremos ouro ofuscante, rútilo, irradiando chispas áureas e representando incalculável fortuna. O Brasil já teve encetada a sua lapidação. Cem anos foram aplicados nesse mister dificultoso. O diamante aí está e ainda reclama muito trabalho. Nós somos os seus felizes detentores e, portanto, os ourives que devem bruni-lo para a perfeição.

Ao labor! Ao trabalho, pois em busca do novo vê-lo de ouro[ilegível]!

Os homens trabalham sempre cantando porque o trabalho acende o contentamento de viver, de experimentar da vida honestamente e com lisura.

Meus amigos. Nada como a certeza de ser bom. Lá está o homem tressuando, esfalfado brandindo o machado nas matas, mourejando de sol a sol na lide rude e exaustiva. Mas nem uma sombra ligeira de desânimo ousa perpassar na sua face grosseira de lenhador onde o suor rola como um conta-gotas. O homem mantém-se sempre inabalável e põe-se a cantar.

Ele canta e canta vivamente: canta porque tem a convicção da sua bondade, da sua utilidade concorrendo para o bem dos outros homens, canta porque está alegre, porque está sendo bom.

O Brasil requer para o seu progresso e triunfo a colaboração desses homens que cantam porque são os homens bons e aproveitáveis. O Brasil exige a bondade dos seus filhos; a bondade – fonte de todas as virtudes e do trabalho, para prosseguir no seu *excelsior* ininterrupto.

Vós srs. operários sois os homens bons de quem o Brasil muito espera.

Enquanto os outros fazem o desenvolvimento mental do país, disseminam as letras e as culturas intelectuais, vós sois construtores materiais desse progresso dionisíaco que todos sonhamos. A indústria, a arquitetura e outros ramos profissionais formam o aspecto externo do país e se a nação vale pela sua mentalidade, vale também pelo seu distendimento e esplendor material.

Acabastes de ver o que foi o trabalho através da história – o seu maior fator.

Pois bem, a história do Brasil poderia ser considerada como a história do trabalho brasileiro. Cem anos de nacionalidade de emancipação são também cem anos de trabalho perseverante para construção e aperfeiçoamento.

O centenário da nossa Independência é por assim dizer o centenário do nosso trabalho.

O dia de hoje é para vós o mesmo que o dia 1º de maio consagrado ao trabalho é para o Brasil porque um reflete o outro e ambos fundem uma significação lisonjeira e sublime – o patriotismo.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., dez. 1922.

1923

“Meados de 1923. Veio-me às mãos o romance *Os Condenados*, de Oswald de Andrade, publicado no ano anterior. Li e com uma presunção incrível julguei-o, num artigo no *Correio Popular*, onde eu começava a colaborar. Um artigo ‘severo’ contra o que me parecia a má orientação do decantado futurismo. Aconselharam-me a enviar o recorte a Menotti. Aceitei o alvitre, sem imaginar que o escritor viesse a dar atenção ao provinciano plumitivo, ainda de tão escassas penas.” (*Memórias*, p.142)

[Comendador Rodrigues Alves]⁷⁰

“À *quelque chose malheur est bon*”, reza a sabedoria dos franceses.

Se o Sr. Comdr. Rodrigues Alves na ininterrupta operosidade característica da sua gestão vem continuamente fazendo pela prosperidade, o progresso e a paz desta cidade, ainda na sua lamentada enfermidade contribuiu indiretamente para o rigor dos princípios que tem implantado.

Em saúde, o Sr. Comendador lançou a paz que desfrutamos; enfermo “fez-nos melhor ficar sabendo qual o grau de estima que lhe temos.”

Unânicos no ideal, adstritos numa só Campanha com uma única finalidade, prosseguiremos na nossa vida bonançosa, próspera, alevantada, dando o exemplo da concórdia, gênese da felicidade coletiva e da união que faz a força.

Inteiramente ao abrigo das terríveis desinências políticas, que são os principais contraproducentes das cidades do interior, podemos blasonar, parafraseando os ditosos súditos de Antônio Pio⁷¹: “Felizes as cidades que não têm história”. Entretanto não deixamos de tê-la e até brilhante, profusa, e louvável, um atestado apologético da nossa existência.

Essa história é apenas – a biografia do Sr. Comdr. Rodrigues Alves.

Artigo assinado: “José B. Broca”, s.ind., s.l, 1 jan. 1923.

⁷⁰ Título atribuído pela pesquisa.

⁷¹ Antonino Pio (86–161 d. C.): imperador romano (138–161), filho adotivo e sucessor de Adriano, adotou Marco Aurélio, a quem escolheu para seu sucessor.

“Era uma vez”

O comboio corria célere, marginando o Paraíba caudaloso. Estirei-me molemente na áspera poltrona em que me esfalfara desde o Rio. O livro escolhido para me entreter nessa viagem produzira-me um efeito rebarbativo.

“A simpatia é a qualidade essencial para se conhecer uma coisa”, disse Carlyle⁷².

– Intensa tem sido a afeição com que venho seguindo os modernistas, vulgo futuristas de São Paulo. Sou dos que votam ojeriza aos moldes de escravização literária, às imolações da inspiração sujeita ao bizantinismo das regras, ao estacionamento da estética.

Causam-me náuseas e objeções o carrancismo dos estilos retrógrados e o mofo das linguagens pesadas e sistemáticas.

Amando fetisticamente o passado no qual sempre diviso um incentivo e um consolo, respeitando o passado como a coluna basilar do presente, não deixo de ser inteiramente do presente, para o qual tenho voltado todas as minhas atenções e os meus propósitos.

Desta arte quero e propi[no] pela atualização da literatura, a razoável *camouflage* estética consoante à época que atravessamos, época cuja bizarria só pode implicar uma arte bizarra, requintada, esquisita, admirável por conseguinte.

Isso sempre esperei dos decantados modernistas da Paulicéia nos quais depositei grande simpatia e interesse.

O comboio agora atravessava um salto, ruidoso, escachoando-se num atravancado de pedras e eu abandonando o livro que me irritava pus-me a divertir a vista e o pensamento pela paisagem agreste.

Lembrei-me novamente do conceito de Carlyle. O livro que tão acre impressão – era um autor da minha simpatia, o puritano enraigado da arte que eu incensava, do muito [apreciado] Guilherme de Almeida.

*Era uma vez...*⁷³ nominava-se a pequena brochura com uma inexpressiva *charge* na capa comprado de fresco numa livraria do Rio.

Há dias na intimidade pacata de um serão familiar, um amigo, esforçado *diseur*, recitou-me sentidamente a poesia “Saber” de Guilherme, que eu reputei obra prima do insigne aedo.

⁷² Thomas Carlyle (1795-1881): escritor escocês que se dedicou à história, crítica literária, filosofia e política. Leitor dos filósofos transcendentalistas alemães e de Goethe; publicou *A vida de Schiller* (1825) e traduziu *Wilhelm Meister* (1825); divulgou sua autobiografia intelectual (*Sartus Resartus*) e textos de caráter político-filosófico.

⁷³ Livro de poesia de Guilherme de Almeida publicado em 1921.

A poesia açulou mais o desejo que me preocupava de ler esse livrinho: *Era uma vez...* tão promissor no título imaginativo acrescentando-se o motivo de ter sido esse um dos primeiros padrões da nova e brilhante educação intelectual.

A desilusão nos sugere a idéia de termos prolongado por mais tempo o prazer suave e [acalentador da] miragem.

Eu preferia, entretanto, não ter lido já o livro de Guilherme, antes mais tarde, antes nunca; sim nunca; em que pese aos meus conhecimentos literários.

Um livro que se nos depara é uma ilusão que se forma na nossa fantasia e é tão cruel o esvanecimento de uma ilusão por insignificante que ela seja. Um mau livro suscita sempre a minha zanga contra o autor que capciosamente tantalizou o meu senso fantasista.

Por isso eu queria mesmo nunca ter lido as poesias desse volumezinho, que vinham me revelar com acidez a atoleimada estética em que se enlabuzara um talento verdadeiramente grande nas peias de uma mal orientada compreensão. Porque a imaginação, a acuidade descritiva, a disposição das imagens em Guilherme de Almeida é tão excepcional que, apesar de abespinhados, não se deturparam de todo, ainda alguma estria fugitiva, subida de beleza, denota o primor da inspiração amordaçada insidiosamente pela fraude voluntária do poeta.

Francamente eu queria ver como se arranjaría o sr. Guilherme para fazer uma exegese do seu poema. As estrofes todas parecem que foram engendradas baseando-se num princípio: torná-las incompreensíveis ao leitor. Não foi sem mágoa que constatei essa verdade. Ao começo eu lia as pequenas e caprichosas poesias sujeitando-me estoicamente à extravagância daquele jogo japonês, uma espécie de “pega três” com versos, e cheguei a me torturar, – acusando inocentemente a rudeza da minha emoção – no firme propósito de vislumbrar uma hipotética beleza que eu julgava existir. Desvaneci-me porém e compreendi bem outra coisa: a inanidade do livro.

O meu gesto e minha exacerbação tinham portanto [cabais] razões.

Guilherme de Almeida, cujos méritos incontestes de talentoso poeta nunca lhe resgatei, tem todavia – segundo o meu modo de ver – dirigido mal a sua inspiração rica e copiosa.

O seu primeiro livro *Nós* sofreu da mesma moléstia desse último, somente com diferença na qualidade da intoxicação. No primeiro, o sentimentalismo, o melão do lirismo prosaico embotaram a inspiração; no último o “dadaísmo”, o *parvenu*, enfim, a obsessão moderna constituíram os colaboradores do malogrado surto artístico.

Um espécimen dessa poesia ultra-exótica que poderá falar pelas outras é a intitulada “Footing”, que me deixou boquiaberto, aturdido. O poeta com a epígrafe citada compõe uns versos muito bonitinhos, e muito engraçadinhos, mas completamente ociosos e incompreensíveis. Aliás “Filosofia”, “Passa o amor”, “Jardim de inverno e [ilegível] são do mesmo molde –

“– A China é um encanto! – Prefiro o fox-trot.
– Já disse: não gosto dos homens ciumentos!
– Que triste figura, Senhor Dom Quixote.”⁷⁴

Bonito! Sim, Engraçado? Também. Mas o que é que dizem? Nada.

Felizmente o poeta ainda não se comoveu de todo, e no mesmo volume encontramos ao lado dessas enervantes vacuidades algumas concepções como: “Saber...”, “Ciúmes”, “Razão” que, realizando esse exotismo preconizado pela arte moderna, têm coerência, graça e, sobretudo, substância para se “pescar” qualquer coisa.

E, ao contrário, maior seria minha desilusão ao ler naquele meio incômodo do vagão o desastrado poema “Era uma vez...” do maravilhoso poeta – Guilherme de Almeida.

Artigo assinado: “José B. Broca”, s. ind., s. l., 21 jan. 1923.

⁷⁴ Versos do poema “Five o’clock tea” (*Era uma vez...*).

O teu porte

O teu porte é a plastisação [sic] da tua alma tênue, leve, duma transparência traiçoeira, que não raro, vai deixando mais de um olhar chegar-te ao mesmo tempo ao coração – bibelô, onde se dependuram os adornos voláteis dos teus desejos.

Quando caminhas em passos curtos, ritmados, ondulando na bizzarria do teu encanto, julgo ser invejável a bonança dos teus sentimentos disciplinados, como o teu andar, sem afetações ou falhas.

Sentirás talvez com a mesma saúde estampada no teu semblante, em que delineias, em lindos e luminosos traços, os debuxos da graça espontânea e autêntica.

Tua alma não alberga nem paixões violentas, nem inclinações irrefreáveis.

Deves amar moderadamente, fazendo do amor uma distração comum, na qual não se empenha com arraigado interesse e exaltado prazer, mas com reconfortante bom humor e perene satisfação. Os teus modos, as diversas atitudes que toma a tua louçania, pela ginástica gentil dos teus movimentos, é bem a contínua indiferença em que vives, e em que amas – na pura intuição de quem, sendo dotada de inestimáveis belezas, conserva-as sempre viçosas no desprendimento da sua naturalidade.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., Guaratinguetá, 4 jun. 1923.

Acendalhas⁷⁵

Cena de latada (fragmento)

Pierrô muito branco recostado numa latada ao esplendor astral da noite enluzada. Colombina olhando vagamente o céu e a terra a se confundirem no mesmo manto alvinitente do luar.

Pierrô: – Colombina, meu amor dos lábios de mel e dos olhos de tanagra; por que já não me fitas com aqueles olhares penetrantes e dulçorosos que me davam um punhado de mentiras lindas? Por que já não me dizes aquelas coisas prosaicas que me fascinavam tanto, banalidades das mais corriqueiras bordadas a ouro pelo fluido encantador da tua voz, por que já não me dizes que eu sou o teu amor, o teu único amor? Colombina, dealbar do meu coração dorido, responde-me Colombina!

Colombina: – Pierrô, perdoa-me Pierrô branco como luas brancas; eu compreendi a vida e vi que nem tu nem Arlequim podiam me fazer feliz, dessa felicidade das mulheres bonitas que eu muito sonhei.

Tu, porque és o exagero detestável da ternura perene, o sentimentalismo fastidioso do homem que ama muito.

Arlequim porque não me alcança com a sua brutalidade de expressão, a grosseria do seu amor de homem que nunca amou.

Pierrô, eu estou triste, deixa-me cantar um pouco.

E no esplendor astral da noite prenhe de luar, Colombina cantou, com uma voz tépida, que era talvez a voz do tédio e Pierrô pranteou a desdita do homem que ama muito.

Artigo assinado: “José B. Broca”, s.ind., s.l, 30 jul. 1923.

⁷⁵ Na crônica “O escritor e as palavras”, em *A Gazeta de São Paulo* [s.d.], Brito Broca refere-se às anotações que foi realizando ao longo da leitura de *Enriqueça seu vocabulário*, de Aurélio Buarque de Holanda. Deixa registrado no artigo: “Acendalha - Alberto de Faria deu o título *Acendalhas* a um livro bem interessante, em que há pesquisas de história literária e folclore, etc Escrevendo a respeito, em 1920, no *Para Todos*, Humberto de Campos expandia-se em louvores para concluir com este trocadilho: Eram as cem dalias”. (V. *Memórias*. Ed. cit. p. 218).

Poema ciranda de dois olhos

São dois olhos Wildeanos⁷⁶:

Olhos percientes, salientes, dolentes, virentes, docemente tentadores no cenário doce da fisionomia singelamente atraente.

Olhos brilhantes, reverberantes, insinuantes, inebriantes, flamejantes, agradáveis, admiráveis, adoráveis, desejáveis, porque são a expressão feminina, gentil dum espírito grácil.

Estrelas desgarradas, insuladas, engastadas, colocadas na placidez, na maciez de uma tez que é o seu céu sereno onde elas rutilam e cintilam, iluminando e acrisolando as noites nostálgicas de corações romantizados, apaixonados, deslumbrados, lamartineados.

Olhos lindos, infindos de doçura tão pura, macios como cílios de favônios iônios, olhos que sentem e que mentem a ilusão – única verdade da realidade.

Olhos que são dois enleios, dois anseios que se transfundem e se fundem em volutas de voluptuosidades, voluptuosamente voluptuosas e vulpinas.

Olhos de Salomé, de Garret, sem Bourget ou Mallarmé, mas com Macedo ou Quevedo e tocados a Aluísio Azevedo.

Olhos bons porque são belos;

Olhos maus porque são bons.

Artigo assinado: “José Brito Broca”, s.ind., s.l, 30 jul. 1923.

⁷⁶ Adjetivo referente a Oscar Wilde. Na crônica “Uma Tradição Paulistana”, em *A Gazeta*, São Paulo, em 1958, na seção *Vida Literária*, reproduzida nas *Memórias*, Brito Broca recorda: “Transferindo residência para São Paulo, numa época em que me iniciava na leitura de livros em francês, era natural que a primeira livraria a despertar-me a atenção fosse a Casa Garraux, especialista em obras nesse idioma. [...] um dia lá vi, no mostruário, um livro de André Gide sobre Oscar Wilde. Se eu nada sabia de Gide, tinha lido três obras de Wilde na tradução imperfeita e apressada de João do Rio, e também algumas de suas peças em versão castelhana. Grande era a curiosidade que me despertava a arte e a vida do autor de *Dorian Gray*”.

Comdr. Rodrigues Alves

A política é certamente, entre as escolhas da vida social, o espetáculo mais impressionante da orgia das paixões.

Psicologia agudíssima seria essa de penetrar por esse mundo biforme de egoísmo, de ambição e de sofismática lógica, discernindo o bem do mal, escarpelando com o bisturi do bom senso e da eqüidade, tão intrigada mealha.

Então veríamos, como através de um microscópio, um flagrante de lutas ininterruptas: desejos que se arrojaram, sentimentos que se deprimem, caracteres que malbarateiam, almas corrompidas, almas oprimidas, tudo se digladiando canibalescamente em prol dos seus interesses.

A política vem a ser a glorificação e a derrota do homem impelido a conviver em tal meio de hiperegoísmo. Mas assim como acachapa uns – os que dela procuram extrair somente a glória como míseros parasitas – também aureola justa e merecidamente aqueles que nela visam o bem da coletividade nos sagrados princípios do altruísmo.

Imiscuindo nesse remoinho humano, o político é um ser extraordinário que se precisa munir de uma grande inteireza moral, abrindo o coração em catadupas, às irradiações da bondade, a fim de abater o mal que se lhe anteponha, encarar com galhardia os problemas desconcertantes e se tornar com precisão invejável o intérprete e o defensor dessa coisa amorfa e de terrível responsabilidade: o sentimento público.

Esse seria o político perfeito, que, associando à honra, à justiça, se elevaria em proveito dos seus semelhantes.

Com um belo tirocínio de muitos anos, o sr. Comdr. Rodrigues Alves realiza esse político integral, cujas largas vistas têm descortinado brilhantes páramos e cujo caráter translúcido é a reverberação de uma alma a todas as luzes imensamente nobre.

Varão insigne, ele é o portador de galardões que espelham os seus infinitos méritos e produzem, no coração de todos os que o conhecem, a infiltração de uma amizade espontânea, tecida de respeito e veneração, onde não se sabe qual mais admirar: se o homem bondoso e leal ou o político amestrado a valer-se da força do seu imperecível critério, porque o homem e o político se completam numa personalidade única e distinta.

Ao vê-lo, só, no seu passo tranqüilo, mas a fronte erguida, como a dos homens que crêem em si próprios e propugnam pela verdade; o olhar esmaecido, esgarçado na contemplação talvez de uma miragem que deve ser a miragem do bem que ele

concretiza, ninguém deixará de amá-lo nessa expressão tão genuína e doce do seu caráter, forma persuasiva de um super-humanismo nietzscheano.

Às vezes, porém, se alenta e tem arroubos eloqüentes, quando blasona uma verdade ou discute um princípio, e vemos o político congesto na defesa tenaz da sua causa, pontificando com garbo, doutrinando com maestria e acerto.

Tal é o valor do homem que hoje festeja mais um ano de existência benéfica, o que equivale a dizer: mais um laurel para o seu condão.

Terêncio, o grande filósofo latino, deixou esta frase lapidar, síntese de um código de bem viver: “*Homo sum et nihil humani a me alienum puto.*”⁷⁷

O mal de muitos é a pouca compreensão da vida que os arrasta a conclusões deploráveis, ou as peias do ceticismo que tudo destrói e nulifica. Precisamos compreender a vida, desculpando as suas falhas e os seus males, porque tudo, ao nosso lado, é essencialmente humano e essencialmente humanos também nós somos.

O Comdr. Rodrigues Alves certamente tem a sua diretriz no famoso verso de Terêncio, de onde tirou o cabedal construtor da sua imensa obra de generosidade e benemerência.

O gáudio do seu aniversário não se restringirá apenas no círculo dos seus parentes e amigos, é toda a Guaratinguetá que vibra e se congratula; são milhares de corações que erguem, acordes, as suas preces de bem-aventurança para a felicidade desse homem superior; são todos os que foram contemplados pela sua bondade que entram nesse coro de saudações, somente com a alma onde se engasta o diamante rútilo da gratidão indefinível.

E o Comendador, venerado representante da estirpe gloriosa dos Rodrigues Alves, é bem merecedor dessas provas sinceras de reconhecimento.

Que os fados propícios circundem de flores a sua existência. Que este dia lhe seja como dilúculos de novas satisfações.

Que a ventura dispense sempre um bafejo álaque na sua alma ungida para a Justiça e para o Bem.

São os votos que faço na minha pequenez.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., Guaratinguetá, [s.m] 1923.

⁷⁷ “*Homo sum: humani nihil me alienum puto*” (“Sou homem: não julgo alheio a mim nada do que é humano”), expressão do poeta cômico latino Terêncio (185-159 a. C), em *Heautontimoróúmenos*. (Paulo Rónai. Não perca seu latim. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 81).

Lídia homenagem

“*Sub tegmine fagi*”⁷⁸

Estão sendo açodados os aprestos para a elevação da imponente estátua que, ao centro da praça principal da cidade, destacando-se do conjunto da vegetação garrida do jardim, assomará austera e majestosa à vista de todos, como a lição gratuita e pública desse que foi um dos nossos maiores estadistas e homens representativos.

Hoje, ao descer eu pausadamente a rua Dr. Moraes Filho, o belo e novo jardim se me apresenta risonho no seu aspecto adolescente. Ao meio, ergue-se em andaime. Lá dentro trabalha-se na ereção da estátua.

Quando pela primeira vez, no Rio, em 1921, estaquei no pedestal do monumento a Floriano Peixoto, meu coração pulsou forte, e senti um arroubo de patriotismo que nunca mais olvidei.

O colosso artístico, simbolizando o caráter nacional, erguido numa das melhores praças da Capital, entre os edifícios suntuosos do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional e do Monroe; de um lado a Avenida borborinhante, do outro a Guanabara azul e formosa, deu-me a mais veemente e impressionante página de civismo em que o meu espírito pôde abeberar-se.

As estátuas são livros abertos, tendo caracteres de pedra; são pregões largos, blasonando aos quatro ventos as grandezas reais que representam, espelhos das nacionalidades, concitadores indiretos e constantes das energias, estímulos perenes de entusiasmo e de fé.

Diante de Floriano Peixoto, eu quis ajoelhar contrito, do meu ancestral indiferentismo de brasileiro: diante de Rodrigues Alves, cujo vulto olímpico irá em breve dominar a praça na sua atitude plasmada artisticamente no bronze, a minha promoção não será menor.

Porque o Sr. Cons. Rodrigues Alves encarnou uma pujante organização de homem político e social no nosso país.

Sua vida traduz-se num curso brilhante de patriotismo, de dignidade e de límpido civismo.

O Cons. Rodrigues Alves trazia, além de tudo, uma estupenda faculdade de vitória, que costuma minguar aos nossos grandes homens.

⁷⁸ “(Descansando) à sombra da faia”, expressão de Virgílio em *Éclogas* e *Geórgicas*. (Paulo Rónai, Op. cit, p. 168).

Essa faculdade levava-o a encarar, corajosamente, as questões com que topava, os lances capciosos, armados pela ironia do destino, e a meter ombros e arriscadas empresas com desassombro, cheio de calma, de reflexão e energia conscienciosa.

Governando a nossa pátria em 1904, antepos-se-lhe um levante militar, manifestado por arruaças, motins e a polvorosa da cidade.

Ameaçavam a vida do presidente. Os revoltosos, como acontece sempre, não tinham razão. O Conselheiro soube manter a sua linha. “O meu lugar é aqui”, declarou, incisivo, e não demoveu um passo.

Sim: o seu lugar era ali, em defesa do direito, agindo em nome da nação. Dali jamais arredaria. Que o matassem! Saberá tombar honrado e resistindo heroicamente. A sua frase serviu por um credo, uma profissão de fé, que deve ser a de todos os que carregam o lastro de grande responsabilidade.

“O meu lugar é aqui” é o mesmo que dizer: – Saberei cumprir fielmente o meu dever.

Uma importante virtude administrativa que o distinguia era a agudeza, a inteligência, ao escolher os auxiliares de estado, crendo, naturalmente, serem os auxiliares a mola primordial no exercício dos governadores.

Assumindo a presidência da República em 1902, chamou a si, confiando-lhes os principais cargos, um grupo de homens obscuros, esquecidos uns e outros ainda ignorados, com os quais organizou um egrégio ministério.

A febre amarela campeava, daninha, pela Capital, desolando a população e afastando o estrangeiro, elemento ingente de nossa vitalidade. O Conselheiro incumbiu o Dr. Oswaldo Cruz da campanha tremenda do saneamento.

– Quem é esse Oswaldo? Inquiriu-lhe alguém.

Ninguém conhecia o tal médico, que se pôs a caçar “stegomias”, a prescrever e executar imperiosas medidas higiênicas, banindo rapidamente o feracíssimo mal que nos flagelava.

O Barão do Rio Branco jazia no olvido, engenhando-se num posto consular na Europa. O Conselheiro trouxe-o para cá, e entregou-lhe a pasta do exterior, onde o Barão desenvolveu uma magnífica política de relações internacionais. Lauro Müller, Frontin e outros, apareceram nessa ocasião, fundamentando o renome que os vem adornando.

O Rio de Janeiro era uma cidade insalubre e faltava-lhe o esplendor dos maiores centros, Rodrigues Alves saneou-a, varrendo-lhe as infecções. O seu espírito

civilizadíssimo e heleno queria ver mais bela a nossa Capital, já exuberantemente privilegiada pela natureza.

Construiu cais, abriu avenidas, arborizou ruas, criou jardins, fazendo uma excelente obra arquitetônica de remodelação urbana.

Resumem-se, aí, os valiosíssimos trabalhos do eminente estadista, na gestão da cadeira presidencial do país. Nunca estagiou, porém, a sua atividade. Desde que iniciou os seus passos na vida pública, trabalhou incessantemente e foi sempre um vitorioso.

Duas vezes ocupou a presidência do Estado de São Paulo, e pôde ser contado como fator de monta, no progresso espantoso, azoicante, que já atingiu este núcleo predestinado do Brasil.

Abatido na sua velhice, valetudinária, desfrutando os galardões inumeráveis do seu glorioso passado, o Conselheiro teve de atender, ainda uma vez, à voz da pátria que lhe solicitava os relevantes préstimos. Elegiam-no novamente para a presidência da República. Doente mesmo, o venerando Conselheiro, arrimado, chegou até lá e lá continuaria a sua ação profícua e extraordinária, se as parcas inexoráveis não nos roubassem a preciosidade nacional que era a sua existência, tão eficaz no país inteiro.

Todavia, deixou confirmadores do seu nome laureado, e continuadores da obra ciclópica que produziu.

Sua família aí se encontra, coberta de notoriedade: são os seus diletos filhos, representantes de elevados cargos políticos; os seus irmãos: o falecido Cel. Virgílio Rodrigues Alves e o Comdr. Rodrigues Alves, nosso respeitado patriarca, a quem nunca serão demasiadas as demonstrações de apreço; o Sr. Dr. Rodrigues Alves Sobrinho, jovem deputado no *excelsior* da sua galharda carreira, e outros distintos filhos do Sr. Comdr., corações generosos e acolhedores, inteligências clarividentes, caracteres sólidos e impolutos. É quase raro encontrar-se uma família como essa, tendo todos os componentes um subido posto na sociedade e na nação. Poder-se-ia dizer uma família de varões.

Os Rodrigues Alves são, incontestavelmente, a ufanía dos seus conterrâneos e da terra que os viu nascer – a nossa esperançosa Guaratinguetá.

A estátua que se está erigindo ao Conselheiro é mais que um afetivo preito – é um dever de gratidão.

Artigo assinado: “José B. Broca”, s. ind., Guaratinguetá, s.m. [1923].

“No ano seguinte [1924], ainda no dia 6 de janeiro, Martins Fontes fez outra conferência em Guaratinguetá, dessa vez sobre o tema: ‘O que os Cegos Vêem’. Como anteriormente, tornaram-se objeto de comentário suas extravagâncias. Disseram que, tendo chamado um barbeiro ao hotel, onde se achava hospedado, recebeu-o completamente nu. Era um dia de verão tórrido. Alves Mota, já o conhecendo de São Paulo, convidou-o a visitar a redação de *O Farol*, jornal que recentemente fundara.” (*Memórias*, p.149-50)

[O Conselheirozinho aí está!]⁷⁹

Continuaram domingo entre o estrépito de zabumba e uma alacridade essencialmente almofadística as “domingueiras” com que o nosso mundo taful se arregimenta para as folias estardalhaçantes de Momo.

Podem louvar a Deus os almofadinhas profissionais que agora contam um excelente *metteur-en-scène* que lhes há de condicionar com a mais religiosa habilidade nos sucessos dos bailes e dos namoros.

Graças a esse melindroso e flexuoso “*bombon fondant*” dos paladares super-finos das nossas indiferentes “*jeunes filles à marier*” vós, srs. almofadinhas, tereis coisa grossa porque esse homúnculo não poupa os seus misteres, e nunca poupará a sua atividade e o seu donaire para bem servir-vos a causa do pagode.

Lembro-me do *Moço loiro*, um surradíssimo romance de Macedo cujas páginas já se emboloraram dos dedos de uma legião de “pálidas airosas”.

Desse romance que devorei nos anos de primeira erupção sentimental, recordo o perfil esguinado, anguloso, de um conselheiro tal, homem quarentão, mas alegre e amigo da bombachata, que era popularíssimo entre as damas que dele faziam o “Sto. Onofre” dos seus namoros. Mas o simpático do velhote, espertalhão, não se deixava explorar assim sem auferir das suas propriedades de encenador frívolo as suas rendosas vantagens, apesar de já lhe doerem os rins e as forças de juventude enfraquecerem a fantasia. O velhote, intercambiando os namoros, aproveitava-se disso captando a

⁷⁹ Título atribuído pela pesquisa.

amizade dos rapazes, o que lhe poderia ser útil e sonhando concessões das damas, o que lhe era um aperitivo capitoso.

O homenzinho que hoje desliza pelas nossas ruas em companhia de alvacentos petimêtres de folha de banana e que adeja nos nossos salões com o seu semblante de Adônis gorado, é um similar extemporâneo daquele velhote do bom Macedo.

Empresário de namoros, o homenzinho lucra com isso um imposto, que vai auferindo de ambas as partes; com os rapazes, tendo-lhe o seu caso de pacholice e às vezes um automóvel para um delicioso passeio; com as moças, as pequeninas dádivas – promessas tentáticas, “daquilo que não se pode dizer”.

Dançai amigos. O Conselheirozinho aí está! Ele não vai para Jaú.

Artigo assinado: “J. B. Broca”, *O Farol*, Coluna “A Sociedade”, Guaratinguetá, 28 fev. 1924.

O meu Carnaval

O apogeu da folia farandolava às soltas pelas ruas de Orgiópolis, numa barulhenta e alarido [sic] verdadeiramente infernais. O Carnaval mascarado tirava a máscara de compostura em todas as faces. Todos nós perdíamos o direito de seriedade, o direito urbano de não ser atropelado ou importunado por transeuntes.

Lá vai aquele folião, saracoteando-se pantomimicamente, fazendo esgares, desarticulando-se em momices espalhafatosas.

Um velho afrontando a balbúrdia da rua encarou o carnavalesco fanatizado, que se desconjuntava freneticamente:

– Bonito! Bonito! regougou o velho num olhar fulminante de reproche e de amarga lástima.

O folião preparava-se para arremeter uma resposta gaiata, quando o seu olhar, cruzando-se com o do velho, estremeceu-se...

A multidão avança, a promiscuidade é asfixiante. O velho e o folião desaparecem-se na avalanche humana.

Seria um pai necessitado e um filho cruel?

Ou um pobre pai e um pobre filho vítima da vertigem carnavalesca? Que drama não seria a vida desses dois entes cujo encontro tanto os afligia?

Que sei eu? Dois infelizes, naturalmente.

...

E vendo a explosão abracadabrante⁸⁰ do povo, eu pensei na miséria recalcada e no supremo sacrifício da alegria...

...

Um rapaz miseravelmente caracterizado, em companhia de uma moça pálida, tristonha, mal vestida, que devia ser sua esposa, e uma velha alquebrada e magra tomam o bonde de assento. A moça traz uma criança nos braços, procurando defendê-la aos solavancos dos passageiros que atulham o elétrico. A velha tem um semblante prematuro de Quarta-feira de Cinzas. Creio mesmo que aquela velha era a Quarta-feira de Cinzas do casal. Um rancho ruidoso passa entre pitos e algazarra. O rapaz espicha-se no bonde e se descompõe em berros.

Ao lado a criança começava a gritar e os seus berros eram abafados pelos do pai. A velha espargia cinzas no seu olhar mórbido.

⁸⁰ Segundo Brito Broca, vocábulo muito em voga na década de 20. Martins Fontes e Guilherme de Almeida empregaram-no muitas vezes. V. *Memórias*. Ed. cit., p.218.

E o rancho passava entre berreiros e espinoteio.

...

Como era triste a alegria do povo!

...

Oh, meu caro Cândido das horas acerbadas!

Como me conforta a tua lembrança nestes dias de bacanal!

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1924.

1925

“Por volta de 1925, tudo para mim, em São Paulo, era novidade. Como esquecer de minhas perambulações, à noitinha, pelas ruas tristonhas e mal iluminadas do Brás.

Bem ao lado da casa onde eu morava havia um boteco, e era ali que eu ia, freqüentemente, tomar café, quando saía do cinema. [...] Pelas ruas, à noitinha, desembocavam avalanches de operários.”
(*Memórias*, p.183-4)

Jeremiada

Quando eu aprendi a amar foi que vi que não sabia amar...

Um amigo, a quem contei os meus infortúnios, ponderou, filosoficamente:
A mulher para se gozar dela não podemos levá-la a sério.

Todas as mulheres que amei ofereceram-me os lábios. Elas não viam que eu lhes desejava a alma.

O melhor amor é aquele que nunca chegamos a sentir acentuadamente.

Um piano turturina gemidos de paixões asfixiadas. O luar era embriagador... tudo tão poético, puro Júlio Dantas⁸¹!

– Que noite bela! Parece que as flores entretêm confissões de amor, no recesso ensombrado dos jardins. Que luar lindo, não achas? Sabes o que ele me recorda?

– Ah! Aquela fita do Rodolfo Valentino⁸².

⁸¹ Júlio Dantas (1876–1962): médico, poeta, dramaturgo, jornalista, político e diplomata português. Foi embaixador do Brasil entre 1941 e 1949. Publicou, entre outras obras, *O que morreu de amor* (1899), *A Ceia dos Cardeais* (1902) e *Arte de Amar* (1922).

⁸² Rodolfo Valentino (1895–1926): ator estadunidense de origem italiana, um dos mitos do cinema e protótipo do “amante latino” fabricado por Hollywood. No início da carreira, participa como figurante de vários filmes do cinema mudo. A partir de 1924, sua reputação é abalada pela acusação de ser homossexual, feita pela sua segunda mulher Natasha Rambova. Em 1926, atua em seu último trabalho, *O Filho do Sheik*. Em agosto do mesmo ano, morre em Nova York, aos 31 anos. Sua morte precoce e inesperada provoca manifestações de histeria das fãs e até suicídios.

Um maledicente chamou-me romântico anacrônico.

– O tempo hoje não é mais dessas pieguices...

Pieguices – possuir um temperamento inveteradamente sentimental; um coração escandalosamente romântico!

Para amar, disseram-me um dia, é preciso ser arrojado.

Eu me arrojiei... e caí no abismo.

Eu comecei a amar às apalpadelas sentimentais. Diziam que o amor era uma das coisas melhores da vida. No dia em que senti a primeira lágrima de amor, flutuando nos cantos dos meus olhos, reconheci que tinha conquistado uma das coisas melhores da vida.

O amor é uma paráfrase à dor.

– O pior vício?

– O vício de amar...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1925.

“Sob a minha admiração”⁸³

Na época em que os jornalistas abalizados ainda assentavam o *pince-nez* enferrujado para escrever cheios de peso o artigo de fundo, surgiu no meio intelectual brasileiro um rapaz fulgido de talento que se propôs a libertar o jornal desse puritano carrancismo.

Esse rapaz, que se assinava João do Rio e se chamava Paulo Barreto, em pouco tempo de imprensa conquistava um público inteiro, com as suas crônicas e reportagens trepidantes de novidade, graça, espírito e interesse. João do Rio venceu. Chegou a ser o escritor mais lido no Rio e em São Paulo. Conquistou a austeridade enfarpelada da Academia de Letras, onde foi recebido pelo verbo aurifulgendo de Coelho Neto e onde pronunciou um discurso cuja peroração era um hino à arte que Marinetti pouco depois criava na Itália, Paulo Barreto foi um reformador: plasticizou a literatura e o jornalismo ao sabor do século nervoso e histérico. Seu estilo de frases curtas, idéias reticenciosas, atropeladas, vívidas, rutilantes, deixou encantado o paladar do público, mofado pelos articulistas de peso. Os leitores nunca tinham visto aquilo.

A crônica era um gênero literário inexplorado no Brasil. Só Coelho Neto e Olavo Bilac produziam algumas fantasias e comentários graciosos. O mais era colunas cercadas de classicismo bronco. João do Rio sentiu a dinamização do século. Imaginar artista fora da sua época é absurdo.

A nossa emoção não compreende mais quem escreve um poema no molde dos *Lusíadas*. O Público do Brasil vivia empanturrado de análises camonianas.

João do Rio, ao invés de citar Sá de Miranda, foi entrevistar um candomblé. Depois correu ao “alcance” aos bairros da miséria e aos bairros da aristocracia. Foi o cronista dos pobres, o arrolador literário elegante e requintado das ocorrências mundanas. Tudo via e sobre tudo sua pena brilhava. Talento ciclópico, reproduzindo-se em contínuas manifestações nos ramos mais díspares, João do Rio era um admirável esteta, com a sua visualidade artística definida – tipo sensual, epicurista, que Oscar Wilde teria na conta dos seus amigos. Apreciar a obra de Paulo Barreto é uma tentação que sempre tenho recalcado na impossibilidade de correr as minhas “vistas” e deixar o meu louvor sincero, sobre o raio imenso que o seu imenso talento descreveu.

⁸³ Antes do título do artigo, lê-se esta nota, provavelmente, de Alexandre Eulálio: “As demonstrações em desagravo da memória de Paulo Barreto. Gazeta de São Paulo, [São Paulo], 9 de maio, 1925. [A Pátria].” (IEL-CEDAE). O matutino carioca *A Pátria* foi lançado em 15 de setembro de 1920, tendo João do Rio como seu diretor-presidente e acionista majoritário.

O seu fregolismo na arte e na vida pública era desnorteador. Nota essencialmente magistral foi a vertigem em que viveu. Eu direi que esse homem tomou um automóvel na Avenida Central, mandando o motorista que corresse... corresse para a vida. E dessa estupenda corrida equivalente àquela embriaguez dos versos de Baudelaire, Paulo Barreto só parou uma noite – dentro do automóvel – exausto, abatido pela febre da carreira desvairada. O destino atacava-o à traição. O maravilhoso batalhador pediu água e morreu na mesma Avenida Central, hiperiluminada, que ele tanto amava... A sua obra ficou – o registro detalhado dessa formidável corrida, dessa “vida vertiginosa”, que representa um perfeito “cinematógrafo”, uma sucessão mágica de cenas, figuras, paisagens, almas e idéias.

A obra e o nome de João do Rio encontram em mim uma estima e admiração que toca as raízes do fanatismo.

—

E sobre a memória desse homem prodigioso de quem tanto bem acabo de dizer, ainda há gente que se apraz em dizer mal!

D’ *A Gazeta* de S.Paulo.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Gazeta*, São Paulo, 9 maio 1925.

Quem elas amam...

– Oh! Como vai?

– Queria saber se você irá amanhã à festa da Nina.

– É quase uma obrigação, não acha? A Nina é tão nossa amiguinha. Ficaria magoada se não comparecêssemos. Por mim, amanhã ser-me-á muito mais agradável permanecer em casa...

– Por quê?

– Porque, a falar com franqueza, as reuniões em casa da Nina são detestáveis. Seus pais impõem um rigor excessivo na escolha dos convidados. Daí, a concorrência só de rapazes detestáveis.

– Ora, isso não. O Seixas e o Torres disseram a Odette que iriam... Do que ris?

– O Seixas, minha querida, e o Torres; quer você gente mais indesejável. O Seixas, com o seu vezo de literatura... Em duas vezes que dançou caceteou-me, falando-me de Veneza, Cartago e outras coisas esquisitas.

– Você é injusta e perversa. O Seixas, afinal, é um rapaz de linha.

– Por isso mesmo; torna-se insuportável com as suas medidas.

– Insuportável está você com essa maneira frívola de julgar os outros.

– É de hoje que me conhece?

– Você continua firme com o Lázaro. Soube que vocês se amaram porque ele a andou criticando numa roda de rapazes.

– Exato. Contaram-me isso. Fui procurá-lo e pedir-lhe uma satisfação. Negou peremptoriamente ter falado mal de mim...

– Pois saiba que ele mentiu.

– Mentiu. Estou certa. Não faz mal. Como negou na minha presença, preferi não levar adiante o meu arrebatamento. Você compreende. Para que provocar um desenlace que podia muito bem ser evitado? Aqui entre nós: o Lázaro agrada-me mesmo, por causa do seu gênio rompante e desastrado. Outro dia, ele me disse à queima-roupa uma porção de censuras pesadas. A princípio, espantei-me com as suas palavras. Estive quase a chorar. Ainda pude suster o meu tolo intento. Não valia a pena. Era tão interessante aquela franqueza brutal...

– Você é extraordinária!...

– O meu namoro com o Lázaro é que é extraordinário. Imagine você: ele me diz, várias vezes que não deixa de namorar outras meninas. Eu faço o mesmo. Entretanto, o nosso amor

não se rompe. Um dia destes, quis provocar-lhe ciúmes. Ele sabe que eu costumo “flertar” com o Juvenal Telles. Era no vespéral do Trianon. Eu já havia dançado vários fox-trots em companhia do Juvenal, quando o Lázaro chegou. Fingindo não o ter visto, continuei a *coquetterie* com o meu par. O coração saltava-me desordenadamente no peito. Como não seria grande o ciúme que se apossava do rapaz! O Lázaro cumprimentou-me gentilmente e depois dançou o resto do baile, cheio de entusiasmo, com todas as moças, exceto comigo. No dia seguinte, quando nos encontramos, acusei o seu indiferentismo. Um sorriso irônico foi a resposta. Reconheci a inutilidade de cativar pelo ciúme aquele singular coração de homem...

A orquestra preludiava. As duas interlocutoras abandonaram a mesa em companhia de duas senhoras idosas, que, por certo, não ouviram a conversa... A confeitaria escaldava de animação e de calor...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 9 maio 1925.

O automóvel

(Diálogo entre uma filha modernista e uma mãe passadista)

–... Será então frágil o amor que tens pelo teu noivo?

– Frágil? Bem insistente ele o é. A mamãezinha lembra-se do quanto sofri por causa do Horácio, durante o nosso longo namoro tão cheio de obstáculos. Lembra-se da alegria que me inundou, a ponto de provocar reparos, no dia em que ele veio todo formalizado pedir a minha mão ao papai.

– Nesse caso não te compreendo. Francamente, tu estás me saindo um coração enigmático de mulher. Isso é efeito dos romances, dos execráveis romances de que não te separas. O teu próprio noivo é o maior culpado; vive a encher-te a cabeça dessas baboseiras perniciosas.

– Mas minha querida mamãezinha...

– Tua mãe não te compreende; já te disse. Pois menina, se amas verdadeiramente o teu noivo como acabaste de provar a si, ele também te ama muito; adora-te até, por que receias que o teu noivado se desfaça? Olha minha filha, quando digo que os romances estão te pondo a perder...

– Não se trata disso mamãe. A senhora me ouça um momento. Vou explicar-me melhor, ou por outra, vou confessar tudo a mamãezinha. Verá como tenho razão. Certamente: o meu amor pelo Horácio é sólido, e intenso, é sincero; mas a senhora mesmo já me afirmou várias vezes que as mulheres são volúveis por índole.

– Em termos, minha filha, em termos...

– Isso é que eu não sei. Há apenas o seguinte: eu amo Horácio, e tenho um rapaz que me persegue empenhadamente.

– E esse rapaz não te é indiferente?

– Sim, é. Na verdade não tinha conseguido até há pouco me impressionar... Apesar da sua temerária insistência.

– Como se chama o rapaz? Por ventura eu o conheço?

– É o Carlos, amigo íntimo de Horácio, que já veio duas vezes a nossa casa.

– Aquele lambisgóia? Ah! Que infâmia! Não foi à toa que me antipatizou a sua carinha sonsa de Pierrô. Reaje, minha filha, reage sem relutância. Eu te acudirei. Na verdade ele te aborrece não é assim?

– Até agora, sim, nada obtivera. A sua pertinácia tem sido, porém, incansável. Agora...

– Termina, termina. Será possível que sejas tão tonta?

– Minha mãe. Compadeça-se de mim. Ele acaba de lançar mão de um meio inteligentíssimo.

Comprou um belo automóvel, aquela Oldsmobile em que eu e o Horácio fizemos o curso domingo, na Avenida Paulista. Inventou esses passeios quase diários de automóvel e o Horácio leva-me com toda a satisfação em companhia do amigo. O Carlos é admirável na sua máquina; já me está insinuando simpatia, a maneira elegante por que ele corta as ruas, desafiando olhares e sorrisos. Ontem como não apareceu, eu cheguei a sentir saudades dele e das corridas. Se os passeios continuarem, o fim vai ser trágico. É por isso que eu temo, minha mãe; fale se não tenho razão.

Estou estupefata! Cada vez te compreendo menos. Essa história do automóvel parece pilhéria. Vamos, minha filha, estás falando sério?

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1925.

Na Hudson

– É o que te digo: as mulheres bonitas vivem mais ao nosso alcance do que as feias.

Lázaro Rosas falava encantadoramente, enquanto a Hudson⁸⁴ vencida a distância da estrada esbranquiçada.

– Repare ao andar pela rua, que as mulheres bonitas acodem mais de pronto ao apelo do teu olhar..

– Isso porque quase não olhamos para as feias.

– A mulher feia, embora não tenha a devida intuição da sua pobreza de dotes venustos, leva, entretanto, em si, alguma consciência íntima que a faz afastar-se, instintivamente, dos homens. A mulher linda, ao contrário, possui a plena e iniludível certeza da sua formosura: reconhece que é admirada, que todos os olhares a procuram e, por isso mesmo corresponde a esse culto com francas condescendências.

– E o pedantismo, o convencimento?

– São defeitos que só afastam as mulheres de suas companheiras, mas nunca dos homens.

A mulher, quanto mais bela for, mais leviana, *coquette*, inclinada ao prazer. A beleza é a pior conselheira, a maior tentação que instiga a sua possuidora. A beleza é o supremo dote de uma mulher. As que foram bem aquinhoadas pelo sorriso de Afrodite não se contêm no desejo de aproveitar o seu inestimável tesouro. Daí se entregarem com mais facilidade e sofreguidão ao amor. A mulher feia ou mesmo “mediocre” sabe que poucas pessoas reparam em si e nutre uma grande prevenção a respeito dos homens. Se ela se sente perseguida por um olhar enamorado, fica logo desconfiada, suspeitando da sinceridade e das intenções desse olhar. Só depois de inteirar-se convenientemente do interesse que desperta é que se aventura a corresponder. A mulher linda esbanja sem escrúpulos a sua beleza, porque tem de mais. A mulher feia, não podendo encantar com outros dotes, guarda o seu recato, cultiva o seu poder de simpatia...

Enquanto a Hudson vencida a distância da estrada esbranquiçada, Lázaro Rosas falava encantadoramente...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1925.

⁸⁴ Automóvel da década de 1920 fabricado pela Hudson Motor Car Company.

Partida para Citera

Martins Fontes, o poeta das rimas fidalgas, das cabeleiras empoadas e dos cantares pagãos escreveu uma peça teatral. Peça de literatura, de poesia finíssima e amável, onde há personagens que citam Maupassant⁸⁵ e conhecem toda a história da pintura francesa, morrendo de encanto pelos donaires de Watteau.

Essa comédia, essa linda e evocativa história dialogada própria para ser lida depois de uma página de Paul Morand, sem grosseiras de contraste, assistimo-la ali no palco do Cassino Antártico, ex-teatro de cabaré, pela interpretação irrepreensível de Leopoldo Fróes. Mas, oh desastre! Fróes quis servir a dois senhores exigentíssimos ao mesmo tempo – contentar ao público e ficar bem com a Arte. A comédia de Martins Fontes fora concebida nos moldes excelsos de um sonho artístico. O autor quando a escrevera, certo nunca pensara em vê-la algum dia assistida pelas platéias do *Onde canta o sabiá*⁸⁶.

A comédia de Martins Fontes fora concertar o teatro brasileiro. Fróes foi infeliz, submetendo sacriligamente a poesia de Martins Fontes a enxertos e cataplamas de catão, que cheiram a menosprezo de gosto estético. Vai aí um crítico truculento que se assina Antônio de A. M.⁸⁷ veio pelas colunas dos jornais, depois da representação da peça, dizer horrores extensivos ao seu autor [ilegível] nome que cultuamos com simpatia e carinho. Esse homem [ilegível] seco e arrogante assumiu ares dogmáticos e entre outras coisas considerou o sr. Martins Fontes um passadista. Passadista por que? Pelo fato do poeta [ilegível] a galanteria antiga, o espírito francês do século 19. Ora o autor da *Partida para Citera* é um artista, um grande artista, isso basta. Teve o seu béguin pelos parnasianos. Hoje já é um poeta sem peias, livre, ardoroso e escaldante. Temperamentos como o de Martins Fontes não podem ser classificados. A sua paixão pela França antiga de Fragonard é um desses luxos do espírito a que se dão comumente os artistas. Sobre a técnica de sua peça é indispensável lembrar que ele a escreveu para ser lida, na sua acepção literária, pois como é natural o poeta desconhece os recursos de carpintaria que fazem do Sr. Tojeiro um interessante fabricante de burletas. Estende-se o crítico Antônio de A. M. em encontrar defeitos na comédia.

O ponto de vista é muito discutível. A *Partida para Citera* é bastante [ilegível] pelo Leopoldo Fróes e daí não saber-se em muitos tópicos, do seu desenrolar no palco, distinguir

⁸⁵ Guy de Maupassant (1850–1893), contista e romancista francês. Publicou, entre outros livros, *A casa Tellier* (1881), *Contos de galinhola* (1883), *Bel-Ami*, 1885.

⁸⁶ Menção à comédia de Gastão Manhães Tojeiro, representada em 1921.

⁸⁷ Possivelmente Antônio de Alcântara Machado.

precisamente onde está a colaboração de Fróes. Como a obra literária *Partida para Citera* é deliciosa. Sua ação estática desenvolveu-se no íntimo dos personagens que em longos diálogos e divagações constroem as mais belas imagens, fazem frases e conceitos de ouro e vivem librados pelo sonho...

Pura reminiscência da França heróica e gentil.

Martins Fontes inspirou-se na célebre tela de Watteau.

L'embarquement pour Cythere, jóia rara e burilada de graça palaciana. O pano cai sobre o quadro vivo do pintor, formando pelos artistas, entre que Leopoldo Fróes mais uma vez marcou o seu allure inconfundível de intérprete. E depois a gente fica a pensar nas coisas formadas e sutis que Martins Fontes soube destilar nessa época, dando-nos o sabor de um precioso licor antigo para o nosso paladar viciado de *cock-tail*.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s.ind., São Paulo, 15 dez. 1925.

Natal, Ano Bom...

Neste fim de ano falou-se novamente na decadência das tradicionais festas no Natal e Ano Bom. Cronistas de tomo, sueltistas ávidos de assuntos glosavam lugares comuns sobre a questão e reiteraram mais uma vez, imbuídos da sólida convicção que somos um povo degenerado; não sabemos nem ao menos prezar as nossas tradições.

Eu passei os olhos por tudo isso e fiquei a pensar apenas o seguinte: Que tradições do Ano Bom e Natal serão essas, cuja decadência se pranteia de uns últimos anos para cá? E a pergunta que fiz a mim mesmo, monologando não encontrou resposta. Ora, no Brasil não faltam perguntas como esta e não faltam também casos como este, em que a nossa observação pura vai encontrar tristes motivos para as eternas jeremiadas, que marejam a vida toda os nossos olhos de lágrimas. Pobre Brasil a falar em tradições, quando nem sequer corporificamos a nossa expressão de um povo e de uma terra! A decadência do Natal é até um grande bem para nós; assim, possam ir sendo banidas todas essas festas e comemorações a que emprestamos um caráter alheio, mal adaptado e mal sentido.

O nosso Natal, o Natal brasileiro esse só lá no Norte, só nos fundos ásperos dos nossos sertões, só nos confins da Bahia, onde ainda se disparam bacamartes, fritam-se quitutes, fazem-se doces e o mastro é erguido, garridamente, enfeitado de flores, ao rebrilhar de rojões. Lá sempre houve Natal, Ano Bom, Reis e sempre os haverá. Nas cidades porém, e principalmente, neste nosso civilizadíssimo Estado, essas festas poéticas e significativas constituíram, antes de tudo, uma tradição portuguesa. Foi de Trás os Montes, do Algarve, da santa terrinha que importamos o costume de comer castanhas, de enviar cartõezinhos de boas-festas, de trocar presentes e tantas outras coisas, mas que hoje vão em franca bancarrota. O Natal em nossas cidades nunca passou de uma festa portuguesa com todo o cerimonial de sentimento de poesia e ternura, característica dos lucros.

O resto, as outras criações tradicionais também são estrangeiras, estrangeiríssimas, ridiculamente estrangeiras. O Papai Noel é um velho francês. Nasceu nas neves do meio-dia da França, veio da província e estabeleceu-se em Paris. Os brasileiros encontraram-no em uma das montanhas do *boulevard*; compraram-no a bom preço, mandaram encaixotá-lo e trouxeram-no para cá, onde o velho perrengue, apesar do clima, teve que se manter cambaio, sob o peso do seu saco atulhado de brinquedos.

Também aquele pinheiro nevado da árvore do Natal é europeu, e contra ele, há poucos dias mesmo, Coelho Neto se insurgia numa crônica.

Hoje, com o nosso sensível progresso, começamos a escorraçar os elementos engajados clandestinamente em nossos costumes.

Resolvemos não gastar mais dinheiro em presentes de boas festas, nem comer tantas castanhas, coisas somente indispensáveis ao paladar dos portugueses que nesses dias ante a ceia fumegante recordam-se dos trigais do doce Minho, da lareira e outros chorosos patriotismos. As crenças mandaram o Papai Noel às favas. Elas preferem o Tom Mix⁸⁸. Daí a decadência das tradicionais festas do Natal, Ano Bom e Reis verberadas em indigestas tiradas pelos cronistas sediços, que não compreendem certas transformações do espírito brasileiro e do progresso. Eu sempre achei lindo o Natal nas fazendas longínquas e quando quero gozar um pouquinho o passado procuro dar uma folga aqui na minha mesa incruenta de periodista e corro até lá, onde os homens são simples e respira-se a poesia de um Brasil sem imigrações e sem esnobismo. Na cidade prefiro ir aos bailes, dançar fox-trots a conservar-me em casa comendo castanhas. Além de tudo, a civilização aqui estonteia. A cidade acende os seus holofotes de feitiço e sedução. A vida é outra e não há mais lugar para deplorar-se o desaparecimento de costumes imitados e tradições estrangeiras.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Tarde*, São Paulo, 31 dez. 1925.

⁸⁸ Tom Mix, nome artístico de Thomas Hezikiah Mix (1880–1940), ator estadunidense de grande sucesso na era do cinema mudo; atuou principalmente no gênero *western*.

A obra de um cronista

Leopoldo Sant'Anna será apontado no futuro como o historiador do futebol paulista. Espírito investigador, atilado, paciente e principalmente caprichoso vem ele publicando uma interessantíssima coleção de obras esportivas.

Depois de *Veteranos e campeões*⁸⁹, saído o ano passado e que – na ocasião da neurose pugilista capaz de ofuscar a popularidade de El-Tigre – obteve o melhor acolhimento por parte do público, temos agora um trabalho metuculoso e apreciável de documentação: *Supremacia e a decadência do futebol paulista*⁹⁰. Desde que o primeiro livrinho de Leopoldo Sant'Anna me caiu às mãos, li-o com franca admiração e comecei a pensar que no desenvolvimento estupendo da cultura física entre nós bem podíamos já possuir uma literatura esportiva, à maneira da França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos. Na França essa literatura é mesmo copiosa e brilhante. Há até uma formosa têmpera de escritor de raça: Dominique Braga, que chegou a criar com retumbante êxito o romance esportivo. No Brasil seria exigir demais. Entretanto, o que Leopoldo Sant'Anna tem feito significa um belo esforço nesse sentido. O autor do *Veteranos e campeões* não podia chegar a produzir romances com temas futebolísticos e atléticos, mas conseguiu com muita felicidade fazer história.

E nesse *desideratum* se houve com tal mestria que sem favor não se lhe deve regatear aplausos. Ninguém até hoje tentou essa tarefa de que Leopoldo Sant'Anna teve a primazia. Eu prefiro deixar de parte as suas obras sobre certos assuntos (é poliforme a sua atividade) e visar as que versam sobre o futebol, de preferência esta última. Que é que aí notamos? – O senso de investigação agudíssimo consorciado ao espírito crítico, a essa propriedade não rara de dispor, apreciar e discutir incisivamente. Leopoldo compõe um livrinho pretendendo demonstrar uma tese: a supremacia do futebol paulista.

Qualquer cronista esportivo menos discreto sorriria pernóstico e comentava à socapa “– Nada mais fácil do que recorrer aos dados estatísticos, cuja prova é esmagadora.”

Nada mais fácil!... Como se enganaria o zoilo. Pois para recorrer aos dados, fundamentando essa prova assoberbante é que se torna necessário um complexo de aptidões como não possuem esses fazedores de *potins* em canto de revistas e como o possui admiravelmente Leopoldo Sant'Anna.

⁸⁹ Publicado em São Paulo, em 1924, pela Typ. Idar.

⁹⁰ Publicado em São Paulo, em 1925, pelo Instituto Ana Rosa.

A propriedade de exposição, originada por aquilo que se chama método é uma coisa difícil e espinhosa – que Leopoldo consegue evidenciar como resultante da sua inteligência, tirocínio, ponderação e critério...

Eu abomino a palavra critério, cujo sentido se me afirma demasiado rígido e burguês. Nada mais detestável do que a expressão: “Homem criterioso”. No autor de *Veteranos e Campeões*, porém, esse adjetivo toma outra feição. Leopoldo não é um cronista rígido, um cidadão austero, mas é a prototipia do critério em tudo, desde a sua atuação como cronista da *Gazeta*, lançando os mais escorreitos comentários até nas suas obras, onde não há o mínimo traço de discrepância, de *parti pris*, de incoerência. Nunca ele avançaria uma opinião menos firmada, nunca se precipitaria num conceito errôneo; Leopoldo tem a visualidade aguda e o senso analista dentro da mais irrepreensível correção. Seu último livro é, ao mesmo tempo, um grito de alarme contra os expoentes morais do futebol paulista, cuja decadência assusta. E nesse ponto ninguém poderia falar com mais segurança e propriedade do que o príncipe dos nossos cronistas esportivos – ele que na sua linha de critério é a genuína personificação desse futebol de ontem que marcou galhardamente a nossa supremacia.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *S. Paulo Esportivo*, [São Paulo, 1925].

1926

“Mas nesses longes de 1926 ainda se viam muitos livros franceses encadernados, aquelas encadernações sólidas e elegantes, em que vinham geralmente os romances de Anatole France, Flaubert, Pierre Loti, Daudet, etc.// Na realidade, eu entrava na Casa Garraux mais para ‘namorar’ os livros do que comprá-los. Naquele tempo havia gente que, abusando do direito de folhear os volumes nas livrarias, chegava a ler uma pequena parte dos mesmos, a prestações, dia a dia.” (*Memórias*, p.187-8)

Príncipes

Os príncipes são pitorescas charges do século. Esses senhores sempre se celebrizaram por dois motivos indefectíveis: elegância e ridículo. Maurice Donnay⁹¹, em 4 atos de mordacidade gaulesa, satiriza-lhes o preciosismo pitoresco. No simpático Sacha, herdeiro do trono de Syllistrie, criação de André Brule⁹², na flor boulevardesca dos seus 24 anos, está um pouco de todos os futuros soberanos, hoje explorados pelo telégrafo. A teoria de príncipes é longa e seleta. Vai dos filhos-famílias a endiabrados estróinas. O janota de Gales fez um contrato de futilidade com “United Press”. As agências põem encarregados especiais, acompanhando palmo a palmo a vida do jovial rebento de Jorge V.

Para a boa harmonia das nações não há melhor receita que diplomatas ociosos e príncipes sibaritas. A filosofia tem sua profundidade. No mundo existem indivíduos, cujos gozos equilibram o bem-estar de outro. O príncipe de Gales, gastando 12 horas no jogo de *golf*, garante aos seus amados súditos um dia agradabilíssimo. Sua alteza se diverte. Está muito bem, sem complicações constitucionais. E ao percorrer os continentes como turista, ao tomar chá em Buenos Aires, ao ver os pretos na África dançarem, quanta solidariedade para o seu país vai conquistando o príncipe! A maravilhosa política dos banquetes, os pactos indestrutíveis firmados entre taças de champagne! O xá da Pérsia abandonou os paganismos do oriente e foi a Paris aspirar a

⁹¹ Maurice Donnay (1859–1945): escritor do “1900” francês.

⁹² André Brule: ator francês admirado em toda a Europa, aplaudido no Brasil no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1914, com Suzane Mieris, às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Voltou em 1917, com Regina Badet; em 1918, com Suzane Delve, e em 1930, com sua esposa Medeleine Lely.
V. <http://www.brasilcult.pro.br/teatro/painel>

cocaína das alcovas civilizadas. Foi, gostou e não quis mais voltar. Ali ficou, pagando jantares caríssimos, explorado por garçons marotos, em que as francesas enalteciam a Pérsia. Uma tarde, após a noite perdida no Perroquet, o secretário particular traz-lhe um telegrama urgente. O xá abre-o, corre-lhe os olhos vagabundos, inteira-se do assunto, e desprezando o papel continua a fumar o último charuto esquecido no bolso. O telegrama noticiava a proclamação da República persa. Não tinha importância. Estava em Paris. Ali permaneceria, mergulhado no grande seio de delírios, escravizado pelas carícias satânicas dessa mulher de braços eburneos e dedos nervosos...

Fosse feliz a Pérsia...

Toda uma caravana principesca; titulares, pontentados, rajás, deixam as solitudes asiáticas, os interesses dos seus povos fanáticos, desembarcando em Paris ou em Londres, ciosos da vida tumultuosa. Dançar o *charleston* é melhor que assinar decretos. Suscitam escândalos, plagam filmes da Paramount, gastam nababescamente dos seus cofres engorgitados de ouro. São perturbadores e donjuanescos.

Os jornais cevam a gula voraz do público, oferecendo boletins diários sobre as excentricidades dos príncipes. Esgotam-se colunas em longo comunicado especial: A alteza tal apresentou-se de *smoking* num baile, onde o traje de rigor era a casaca. O leitor sente-se atraído e deixa de parte o problema do café. O libreto frívolo sugeriu ao maestro Kalmman uma deliciosa partitura. Foi imitado pelo príncipe Carol. Silva Varescu, a deslumbradora cançonetista das czardas, empolgou o nobre senhor, desta vez já casado e com filhos. História de opereta. Inspiração para *fox-trots*, Carol alimenta por muito tempo a sagacidade fantástica da imprensa. O risonho d. Manuel de Portugal comete *gafes* esplêndidas. O público goza. O marajá de Kapurtala⁹³ vem ao Brasil e eu ouço da boca do seu *sirdar* esta frase:

Sa magesté voyage pour plaisir.

É o que todos procuram – o prazer, convergência de desejos! Saturar-se de emoções e entontecimento, deixar correr os dias entre novas curiosidades e novos aspectos. Príncipes contemporâneos – espíritos consagradores de poses, tipos de Abel Hermant, artificiais, romanescos...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., 30 abr. 1926.

⁹³ “Li há dias um telegrama anunciando a chegada a Paris do Marajá de Kapurtala, e logo me ocorreram à mente as lembranças da estada no Brasil desse príncipe hindu.” V. “Uma reminiscência”, (A *Gazeta*, São Paulo) *Memórias*. Ed. cit., p.184.

1927

“Em 1927, em São Paulo, tive ocasião de ouvir de novo Coelho Neto, numa conferência, na Associação Comercial, sobre Euclides da Cunha.” (*Memórias*, p.147)

Mme. Rubio – mulher do século

Tive ontem o prazer de acompanhar Mme. Rubio à massagista. Enquanto deslizávamos na sua “Cadillac”, a minha distinta amiga fazia-me importantes considerações sobre a beleza das mulheres de hoje.

– Tudo mais ou menos uma questão de cuidado e disciplina. No século XX a vaidade feminina produziu grande número de extravagâncias. O espírito prático, resolvendo todas as questões da civilização atual, havia de resolver também o problema da beleza feminina. Surgiram então os meios artificiais, uma espécie de indústria com aparelhos e instrumentos próprios para corrigir os defeitos da natureza. Desde ali o número das mulheres pouco interessantes diminuiu espantosamente. Só ficam velhas, só encanecem e engelham as desleixadas ou aquelas cuja condição material não lhes permite semelhantes preocupações. Eu não poupo esforços nem dispêndios para combater a velhice. E acredite que já tenho dado bons quinaus nessa implacável megera...

Mme. Rubio é um espírito moderníssimo. Divorciada, possui duas lindas filhas, mas excede em graça e sedução às pequenas.

– Não acredito que esteja assim tão próxima das garras da velhice.

– Pudera, pois se a venho ludibriando!

A “Cadillac” parava e o chofer respeitosamente abria a portinhola. Entramos no Instituto de Beleza. Mme. Rubio apresenta-me a uma linda massagista (ótima recomendação para a casa!):

– Eis aqui, meu amigo, uma das maiores fabricantes de formosura que conheço, dizia Mme. Rubio, caçoando.

E, depois de pedir-me licença, desapareceu num reposteiro. Lá dentro, era o laboratório da original alquimia. Esperei regularmente meia hora. Ao cabo desse tempo, Mme. Rubio surge do mesmo reposteiro com uma encantadora estampa de princesa

russa. Quem não a conhecesse ou quem não soubesse da existência de suas duas filhas, ficaria de pronto apaixonado por essa mocidade radiante. Debalde tento disfarçar meu entusiasmo.

Sáímos em silêncio. Eu, orgulhoso, ao lado daquela mulher. Ao repousarmos no acolchoado do automóvel, minha amiga volta-se numa interrogação desconcertante:

– Gostou do milagre?

– Só acredito num milagre, Mme. Rubio: é que as mulheres belas não envelhecem.

Ela aparentou ar sorridente e irônico:

– Diga antes: Deus teve pena das mulheres que souberam coroar a juventude de sonho e de amor. Quis que elas conservassem por toda a vida a piedosa ilusão daquilo que lhes foi mais caro – a mocidade...

–Para isso criou os institutos de Beleza, concluí eu, quebrando em hilaridade a idéia melancólica que atravessou a mente da minha fidalguíssima amiga....

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, 2ª quinzena de abr. 1927.

“Os petits monsieurs”

Comparecem invariavelmente a todos os vesperais do Trianon, estacionam todas as tardes nas portas do Bar Viaduto, e à noite são infalíveis no Cine-República. Ninguém vê uma nuance de tristeza, ninguém descobre um vinco de reflexão na fisionomia desses rapazes sempre risonhos e satisfeitos. Julgo-os as criaturas mais ditosas deste mundo porque eles têm a prerrogativa invejável de não pensar, não deduzir, não tirar conclusões, que estiolam brutalmente a flor da esperança. Nunca leram Anatole France⁹⁴ e jamais alcançaram a malícia imponderável de um paradoxo de Wilde. Eles desconhecem o reverso da medalha. Vêm as coisas na sua aparência superficialíssima, que é sempre bela e, como ignoram o fundo amargo daquilo que observam, caminham pela vida seguros, calmos, contentes. São em geral filhos de pais remediados. Levam os anos a fazer preparatórios para seguir uma carreira que nunca iniciam. Em compensação possuem ótimas calças “Príncipe de Gales” e acompanham com escrúpulo o figurino dos atores cinematográficos.

Concretizam nos trajes toda a sua individualidade. O espírito, as idéias e às vezes o próprio caráter estão nas roupas, ou melhor, na largura das calças. Possuem a sua indefectível pequena lá pelos lados de Santa Cecília ou Bela Vista. Escrevem nos álbuns femininos versos de poetas melífluos. Lêem o Yves⁹⁵ do *Fon-Fon* e as correspondências frívolas das revistas. Enredam aventuras galantes com meninas – caixas de bares e confeitarias. Frequentam concertos e são vistos no Maxim’s a tomar cerveja a poder de “vacas”. Na dança ninguém lhes leva a palma. Espernegam o *charleston*, assombrosamente, com desembaraço notável e habilidade profissional. É impossível negar-se a grande vocação de todos eles para assimilar os passos americanos. Nos bailes, quando a orquestra estruge, curvo-me à frente desses rapazes, cômico da minha inferioridade. E todos eles têm a obsessão do automóvel... Conhecem todas as marcas desses veículos e discutem com profundo conhecimento de causa as vantagens e desvantagens dos carros. A dança, o automóvel e a menina são os únicos assuntos importantes para eles.

⁹⁴ Jacques Anatole François Thibault (1844–1924), escritor francês cuja primeira obra de êxito foi *O crime de Silvestre Bonnard*, premiado pela Academia francesa. Publicou, entre outras obras, *O lírio vermelho*, *O poço de Santa Clara*, *A rebelião dos anjos*. Recebeu o Prêmio Nobel em 1921.

⁹⁵ Yves: pseudônimo de Bastos Portela, um dos jornalistas responsáveis pela seção de crônicas do periódico *Fon-Fon*.

Por isso as suas palestras giram apenas em torno desses motivos. Nada mais os interessa. De literatura conhecem, quando muito, Guilherme de Almeida e Olegário Mariano⁹⁶. Passam, entretanto, por uns rapazes diretos e civilizadíssimos. Se quereis observá-los, ide à porta do Bar Viaduto, onde eles fazem comentários sobre as pequenas semi-desnudas e os últimos modelos Cadillac; ide aos salões onde eles dançam o *charleston*; ide ao República, onde eles passeiam a sua elegância branca pela sala de espera...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, 2ª quinzena de jun. 1927.

⁹⁶ Olegário Mariano Carneiro da Cunha (1889–1958), considerado Príncipe dos Poetas Brasileiros em 1926, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1927. Entre outras obras, publicou *Evangelho de sombra e do silêncio* (1913), *Água corrente* (1917), com prefácio de Olavo Bilac.

Tentação

(Especial para *A cidade*)

O torvelinho da vida contemporânea manejado pelos tentáculos corruptores da civilização leva diariamente para o seu vértice vítimas imbeles e inocentes. Vejam, pois, esta história trágica e atualíssima que se passou no México, no porto de Matamoros. Adolfo Kunahgel, homem de trabalho, vigia da Alfândega, era um pai de família severo e exemplar. A sua condição modesta não impedia que ele velasse solerte pela honradez do lar que criara. A mulher e a filha, os entes mais queridos que possuía, mereciam-lhe especial cuidado. Fizera tudo por causa deles e queria vê-los ali, contentes e felizes ao seu lado ao salvo dessa vertigem que deslumbra o mundo, no vício e no prazer fatal. Contemplava com carinho de pai extremoso a sua filha, sempre mais crescida e mais bela. Precisava guardar os passos daquele anjo. Não faltariam mãos maléficas que procurassem desviar da pobre menina a rota da virtude. O homem rude do trabalho espantava as idéias aziagas, pensando que ele ali se encontrava, enérgico, para impedir qualquer influência daninha de aproximar-se do seu lar. Um dia começaram a lhe assaltar maus pressentimentos. A filha tão nova nos seus anos redolentes começava a demonstrar um crescente interesse pelos prazeres mundanos. Insistia com a mãe para que a levasse a festas e bailaricos e ficava horas inteiras à frente do espelho. Aprendeu a dançar com a máxima rapidez. O pai não via aquilo com bons olhos, mas acedia às predileções da filha, porque a queria muito... A tentação da dança enfeitiçava a menina. Quem, ao vê-la ensaiando os passos no canto da sala, não anteveria na sua graça, habilidade e sentimento uma futura dançarina? Nos bailaricos a pequena brilhava com a sua brejeirice toda natural, o seu donaire precoce de mulher sedutora. A mãe ressentia-se a achar tudo muito interessante e sentia-se lisonjeada quando os conhecidos vinham lhe gabar a desenvoltura e a beleza da filha.

Certa ocasião projetava-se um grande baile em homenagem a um figurão da cidade.

Adolfo Kunahgel já não podia conter a irritação ante os modos da filha e a condescendência da esposa. Naquele dia vendo ambas preparar-se para ir à festa ficou furioso e proibiu-lhes sob tremendas ameaças de que comparecessem a semelhante folguedo. A pequena desandou em pranto. A mãe protestou e discutiu acremente com o marido. Kunahgel deixou a casa, à tarde, rubro de cólera.

Por volta das nove horas regressou ao lar. A mulher e a filha estavam prontas para ir dançar. A raiva do homem ultrajado e desobedecido explodiu. Nada mais enxergou à sua frente. Pois aqueles entes queridos insistiam na perdição de que ele lhes queria arrancar? A alucinação dominou-o, fazendo lançar mão de um revólver, atirando sobre as duas criaturas que tanto amava. Mãe e filha morreram no mesmo instante.

Salvei-as de um abismo pior, respondeu o assassino, quando interrogado pelas autoridades.

Não é possível descarregar-se culpa sobre esse homem. Não é possível acusar a condescendência dessa mãe, nem a desobediência dessa filha vítima da tentação da dança. Desta última podíamos dizer como o poeta: morreu por *aimer trop le bal...*⁹⁷

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cidade*, São Paulo, 26 jun. 1927.

⁹⁷ Alusão a verso de “Fantômes” de Victor Hugo, em *Les orientales* (1829): “*Elle aimait trop le bal, c’est ce qui l’a tué*”.

1928

“Em 1928, fui convidado para uma festa em casa de família na Penha. Festa com dança, naturalmente. Era um sábado e em todos os sábados eu gostava de aventurar, aceitando os convites mais disparatados. Lá fui à Penha, em companhia de um amigo de ocasião. A casa era distante. Já quase nas imediações da Vila Matilde.” (Memórias, p.202)

A hóspede

O caso ia dando o que falar e já estava de boca em boca no bairro do Foguetreiro. Só a Rosinha, sempre afanosa, a auxiliar o pobre do pai no leito, ignorava o que as más línguas sussurravam sobre o seu noivado com o guapo Dito Carreiro. Não se sabe mesmo o que era aquilo. O Dito tinha uma paixão desde a infância pela Rosinha. Depois de grandes, a menina de outro dia tornara-se uma linda rapariga, de um moreno tostado, ancas largas e dois braços nutridos. Rosinha vira-se cercada de pretendentes. Como gostava verdadeiramente do Dito, resignava-se a aguardar que o rapaz endireitasse a vida e ficasse em condições de dar sustento a ela e ao pai, coitado, tão velho, perseguido pelo tenaz reumatismo. Ao cabo de uma heróica espera, o Dito se explicara há dois meses, na época de São João, com o homem que pretendia para sogro. Iniciou, embasbacado, a conversa, o clássico acanhamento, o chapéu a voitar entre os dedos e finalmente saíra a coisa que parecia enroscada na garganta. O velho acedia. Uma vez que o rapaz estava arranjado, era tratar do casório. E que fossem felizes... Corriam rápidos os meses de noivado, quando começaram a assuntar aquela estranheza sobre a vida do Dito. Os amigos procuravam espiá-lo, observá-lo, a ver se descobriam toda a verdade. O certo é que ele mudara muito – oh! se mudara! Só a inexperta da Rosinha nada percebia. Coitadinha! O Carreiro tinha tristezas singulares, alegrias repentinas, que se adivinhava algo de anormal pelo seu coração.

– “Qual, não havia dúvida, o negócio se encaminhava”, tagarelavam nos magotes, à beira da estrada. Naquela tarde, à porta da venda, reuniram-se um grupinho na costumeira mapição. O Dito apareceu, expansivo, temperando a viola.

– Olá, Dito! Temos função?

– Qual função. É preciso disfarçar as mágoas e ir cantando por aí fora que o mundo não é tão feio como se pinta...

– Ao demais, na sua idade, quando a gente gosta de uma mulher...

O Carreiro quedou-se, sobrolho carregado.

Fitou profundamente os presentes, a ver se houvera alguma alusão perversa. Nada percebendo, baixou de novo a cabeça, levando os dedos taludos às cordas da viola.

– Então pra que mês ficam os doces? Inquiriram do grupo.

– Para o Natal, se Deus quiser.

E o Dito tirou respeitosamente o chapéu.

A noite descia, orquestrada pelos sapos. Os matutos faziam roda. O Carreiro sentimental puxou a melopéia.

Ah! Mas todos sabiam que a voz inspirada, a subir calorosamente no crepúsculo bucólico não se destinava ao coração terno da Rosinha e sim da “outra”, mais fascinante, que se ocultava lá atrás das paredes da fazenda, onde pirilampejavam as primeiras luzes.

As chuvas nesse ano estavam bravas. Um aguaceiro sem tréguas intumescia os córregos, empapaçava os campos, avolumava o rio dos Mottas que sulcava pacífico a região. O contingente de água vinha das nascentes em borbotões, submergindo hortas, plantações e arrozais. Os sitiantes punham as mãos à cabeça. O solzenith[sic] causticava a terra. À tarde, os grupos de nuvens plúmbeas desmoronavam com grande estertor. Coriscos, trovões assustadores. Orgia aquática pelo campo. O rio tão calmo, e sereno, agora, rugia nas noites sem lua [...]

Artigo assinado: “José B. Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, 1ª quinzena de jan. 1928.

[Dito Carreiro]

[...] ⁹⁸ dessas matas, dessa natureza que lhe pertenciam, como se ali encontrasse um prodigioso bálsamo. Caminhava, caminhava, protegido pela alvinitência da lua...

A essa hora, gozando a festa campesinha do luar, a hóspede conversava com o noivo no alpendre da fazenda.

“– Minha querida, apesar dos teus protestos, duvido de que esse caipira não tivesse aproveitado a confiança que lhe davas. Os tais passeios a sós, as tais palestras, esse bucolismo desagrada-me muito.

– Ciumento! Pois não conheces o meu gênio alegre? Que havia de fazer eu aqui senão brincar com um sertanejo interessante? Já é desejar muito sacrifício ficar a gente na roça sem a mínima distração.

– Tu me maltratas, afirmando...

– ...que me divertia, apenas, Tolinho! Só faltava teres ciúme de um pobre matuto, incapaz de erguer os olhos para mim com muitas intenções além das de respeito e amabilidade...”

Quem visse a noite tão serena e bonançosa estava longe de imaginar a extraordinária mudança atmosférica que na madrugada se operou. Os trovões iniciaram o seu ribombante zé-pereira. Os relâmpagos pererecavam pelo espaço. A tempestade desandou, violenta, de camaradagem com a ventania que uivava, rodopiava, gemia, gania, estorcia-se, gritava destrambelhadamente pelo sertão. Eram bando de aventesmas num sabá infernal, em meio do aguaceiro formidável. Os tetos de várias palhoças voavam na fúria do vendaval. Brados de crianças e de mulheres soavam sem eco dentro da noite medonha. A chuva prolongou-se por muitas horas. Quando a manhã surgiu, ainda caía água a cântaros e a desolação imperava pelo campo.

A enchente! O rio dos Mottas transbordara com a tempestade. Inúmeras casas nas suas margens foram inundadas. As águas carregaram também dois pequenos filhos de agregados. Os que escaparam de noite às carreiras buscaram meios de salvarem alguma coisa de suas habitações. De todo o canto partia um lamento uníssono. O rio oceanizava-se, formando um cenário original e majestoso para quem não chorasse no

⁹⁸ Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

momento uma desdita. De outras bandas continuavam a chegar más notícias – pessoas desaparecidas, pontes roladas, palhoças destruídas... Era a inundação com o seu cabedal de horror! O fazendeiro procurava acomodar os desalojados, tendo sempre palavras de ânimo: “Que se conformassem como ele. Perdera toda a plantação do arroz, mas não se desesperava. Podia ser pior. Deus sabe o que faz”. As mulheres com vestidos em farrapos, carregando os filhos, iam de um lado a outro, desorientadas. Os homens, pelo meio das águas, conduziam bancos, objetos de cozinha e o resto que podiam impedir da ruína total. Ouviam-se exclamações, ordens, chamados, gritos de cautela para os afoitos, prantos... O rio, indiferente, rolava a sua massa líquida colossal e destruidora. O céu de chumbo ameaçava mais chuva.

...E como se procurasse o Dito Carreiro ninguém soube dar notícia dele. Desaparecera misteriosamente. À tarde veio um portador do bairro Branco, a algumas léguas dali, dizer que o cadáver do Dito tinha sido retirado numa das margens do ribeirão em cheia. Morrera afogado, ninguém sabia como. Justamente o Carreiro que era tão bom nadador e homem de mato experimentado...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, 2ª quinzena jan. 1928.

O Americanismo

(Especial para *A Cidade*)

Lady Crowell, uma das damas da aristocracia londrina não pôde conformar-se com a invasão do espírito americano na Europa. Entrevistada por um cronista mundano da enfumaçada capital, deixou transparecer a sua revolta:

“Nós, as damas elegantes das grandes cidades européias, perdemos o nosso reinado. Todas as tradições mundanas de que eram detentoras foram barbaramente ultrajadas pelo modernismo. Já nos despojaram da consideração e do prestígio que herdamos dos nossos antepassados. Ninguém mais copia nossas *toilettes*, nossas expressões, nossos gestos. As estrelas cinematográficas derrotaram-nos em toda linha incorruptível. E nós, que havemos de fazer, que recursos temos senão imitar, seguir o exemplo dessas artistas?

Está claro que nos abastardamos, mas não há outro caminho a seguir uma vez que não nos compreendem. As estrelas ditam a moda, gestos, atitudes, expressões.

As costureiras por sua vez pouca importância nos dispensam.

Preferem criar os modelos para as artistas americanas que os lançam pelo cinema. Se algum resquício de severidade permanecia ainda em nosso meio social acaba agora de anulá-lo o novo costume que institui o nosso cigarro. Hoje as damas elegantes em Paris, Londres, Berlim fumam com as pernas cruzadas nas reuniões elegantes... E mais um capricho das estrelas cinematográficas. Vivemos nas mãos delas.”

Pobre Lady Crowell. Por nossa boca fala toda a fidalguia européia delustrada pela avalanche americana! Os Estados Unidos penetrando na Europa com o seu alarido de *jazz-band* foram espantando e conspurcando tudo que lá conservava a gravidade de sua existência secular. A velha pragmática do Velho Mundo desconcertou-se ante as danças e os costumes *yankees*. Os americanos saltaram no Havre, em Bordeaux ou em Southampton com as carteiras engorgitadas, falando grosso e abalroando o que se opunha às suas maneiras. Eles tinham o dólar: esse disco mágico que reluz ao sol. A Europa possuía espírito, graça, inteligência, verve, arte, tradição... mas carecia de dinheiro. O “dólar” enfeitiçava-a. Os americanos arquimilionários despejavam o cobre a mancheias. Era natural que encontrassem vassalos e lhes impusessem os seus costumes... Pobre Lady Crowell!

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cidade*, São Paulo, 19 ago. 1928.

Odor di juventa

Uma hora da madrugada. O palacete ilumina-se. É o casal que chega do teatro. Os criados correm pressurosos. O marido desvencilha-se do sobretudo e do *cachecol*. É um cidadão respeitável, beirando seus sessenta anos. A mulher, também idosa, aparenta uma fisionomia forçada de mocidade. Tem o rosto repuxado de massagens e algamassado de tintas. Sente-se ali a intervenção ansiosa do artifício, a combater a obra daninha da natureza. Enquanto os criados põem a mesa para o chá, o casal, há pouco tão elegante e tão ditoso, conversa.

O marido (pensativo, depois de um longo bocejo): É assim a vida, minha querida. Nada pior do que o homem envelhecer no mesmo ambiente em que floriu a sua juventude, envelhecer fisicamente, tendo na alma as mesmas sensações e o mesmo entusiasmo de outrora...

A mulher (como que espantada): Que idéias são essas agora?

O marido (cada vez mais pensativo): Sempre que regresso de uma festa ou de um divertimento qualquer em que se experimenta o prazer da vida intensa, assaltam-me, esmagadoramente, idéias tristes. Sabe por que é? Quando estamos numa reunião mundana, vejo passarem, em delirante tropel, todas as impressões da minha mocidade que se foi. Vejo moços ao meu lado. Converso com eles e sinto o mesmo hálito, o mesmo ardor de primavera que os inebria, a mesma "*épanoui de vivre*"! No meu coração palpitam desejos, confrangem e se amordaçam no fundo da alma. Essa fragrância que me transporta é como um suplício de Tântalo, porque eu reconheço o peso dos anos estrangulando todas as minhas renitentes pretensões de mocidade. É doloroso, convenha que é doloroso! Ainda, há pouco, na frisa do teatro, vivíamos menos o nosso presente do que o nosso passado – única realidade para nós, daqui por diante. Temos que nos apegar ao passado, ludibriando a marcha dos anos, haurindo da mocidade alheia, que anda em redor de nós, a nossa própria existência. Hoje, por exemplo, a senhorita Isabel Cortez convidava-me, garrulamente, para a sua reunião e eu compreendi que ela via em mim ainda um moço capaz de alegrar a festa. É assim. Iludimos a nós e aos outros. E com que sacrifícios!... Mas somos obrigados a ir a essa recepção, onde teremos mais um testemunho do horror da velhice, quando tangida pelo gorjeio da mocidade. Lá iremos e lá sufocaremos, novamente, a tortura dos anos.

A mulher (que já não se pode mais conter): Arre! Até parece ave agourenta. Você está hoje nervoso. Tome bromureto e vá dormir.

O marido: Talvez seja apenas neurastenia...

A mulher: Natural! De onde vem esse discurso todo sobre o peso dos anos? Para que criar aborrecimentos? Não somos velhos como você pensa. Eu, pelo menos, não me considero como tal. Bem sabe, só tenho quarenta e cinco anos e você é pouco mais velho. Já vê que não há razão para tamanho pessimismo. Esqueçamos essas coisas aborrecidas!... E quer saber o que mais? Até hoje nem me passou pela mente a perspectiva de envelhecer...

O marido levanta-se pesaroso, dirigindo-se para um canto da sala. A esposa observa-o, comovida e, passando os dedos pelos olhos, limpa uma lágrima imprudente em que se desfez um pouco de carmim...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, 2ª quinzena de set. 1928.

O venturoso *chauffeur*

Palacete aristocrático. O sr. Seixas, em atitude evidente de cólera, passeava pela sala de jantar. Já há muitos dias que aquilo se repete. Sua mulher sai, sem lhe dar satisfações, demora-se quanto tempo quer na rua e regressa sempre risonha, com o ar cínico de quem está pregando uma peça a alguém. A princípio, ela alegava que ia à casa de suas amigas, mas, como ele começasse a procurá-la por telefone, Mme. começou a arranjar outros pretextos. O sr. Seixas não se conformava. Os acicates do ciúme feriam-lhe rudemente a alma. Ali havia dente de coelho. A idéia de que sua mulher pudesse traí-lo desesperava-o. Amava verdadeiramente a esposa; era um desses casos excepcionais de casamento por amor.

Tinha certeza de que mataria o enxovalhador da sua honra, o perturbador da alegria e da felicidade do seu lar. Tudo aquilo parecia uma desgraça grande demais para um homem, como o sr. Seixas, que acumulara a sua fortuna à custa de boas heranças, que cumprimentava sorrindo a todos os conhecidos e de quem ninguém tinha a menor queixa. A vida de semelhante criatura, tão pacífica e pachorrenta, devia repelir tudo que cheirasse a tragédia, que traduzisse melodrama, com brilhos de punhais e derramamento de sangue. O sr. Seixas passava em revista os cavalheiros das suas relações que lhe pudessem seduzir a adorada esposa.

Acreditava que, se houvesse adultério, nele estaria envolvido um amigo da casa, pois que nessas coisas figuram sempre os amigos. Lembrava-se de todos, um por um, analisando-lhe os atributos, e meditava qual deles se arvoraria com credenciais para roubar-lhe a mulher.

Depois de minuciosa análise, julgou ter descoberto a pólvora, só o dr. Couto Júnior, moço elegante, cheio de lábia e com grande fama de conquistador, podia arvorar-se a tanto. Pusera-se cautelosamente a observar o aspecto do irritante bacharel, sempre que o via em presença de Mme. Seixas, nas reuniões, nos bailes, nos teatros... Acompanhava-lhes os olhares, os gestos, percebendo-lhes as mínimas intenções. Soubera interpretar todas as atitudes de sua mulher e do audacioso conquistador, apreendendo o entendimento que devia haver entre ambos. Chegara a uma conclusão irrefutável: era ele, sem dúvida, o maroto!

Dáí o rompimento brusco de relações com o bacharel e a sua gana de descobrir aos amantes em flagrante para esmagá-los com o seu ódio. Tal o estado de cólera do sr. Seixas naquele momento, quando o alvoroço da esposa que tornava o interdito. Mme. Seixas chegava, como sempre, risonha, as faces coradas de carmim, toda ela transpirando um magnífico bem-estar na vida.

O marido recebeu-a secamente, contendo a sua ira prestes a explodir. Mme. Seixas não se atrapalhou. Estava acostumada a esses embezerramentos do marido. Sentia-se, porém, senhora de si. Tinha uma novidade feliz que viria sossegar o ciumento esposo. Pois não sabia ele, o dr. Couto Júnior ia partir dali a dois dias para a Europa em viagem de recreio. Lera isso nos *carnets* pela manhã. O sr. Seixas suspirou, aliviado. Se o dr. Couto partira, era porque nada havia entre ele e Mme. Seixas. Do contrário, não parece incrível que aqui deixasse a mulher que amava. Mas os passeios, as demoras fora de casa? Ora, cismas, puras cismas do seu espírito sugestionado e preconcebido. Mme. Seixas compreendeu a mudança de ânimo que se operara no marido e aproveitou-a logo para cativá-lo com habilidosos agrados. Oh! Aqueles agrados sempre foram o fraco do Seixas!

– Meu bem, meu querido maridinho, esquecia-me de que tenho um pedido a fazer-lhe, advertiu-lhe a esposa. O José, o nosso *chauffeur*, que se tem portado tão bem, quer uma farda nova e veio empenhar-se comigo para consegui-la de ti. É preciso que lh’a pagues, amor. O José é muito correto e fiel no cumprimento dos seus deveres...

E o sr. Seixas, já vencido, respondia todo contente, que estava de acordo, que compraria a nova farda para o José – o irrepreensível empregado.

...

No dia seguinte, após uma corrida desenfreada pelos lados do Leblon, o *chauffeur* agradecia com longo beijo a solicitude de Mme. Seixas...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23 mar. 1929.

A perfeição na mentira

Minha doce amiga. Vejo que não compreendeste o meu pensamento sobre a mentira das mulheres. Não me referi à memória desajeitada e grosseira com que a mulher alimenta o furor ciumento do homem, criando-lhe suspeitas e dúvidas martirizantes para esmagá-lo finalmente na verdade fatal. Não: essa mentira me horroriza e põe arrepios aos meus nervos. Eu quero a mentira inteligente, fina, espiritual e consoladora, tão amável e bondosa, como as mentiras da arte, de sentimento e da crença. Quero que uma mulher me engane, mas nunca me deixe convencido de que fui enganado. Suave e requintado espírito de menino o que souber prodigalizar essa mentira! Não é preciso que eu seja amado. Deixe que eu julgue sê-lo para encontrar na vida um pouco de desabafo a todas as emoções que me acompanham. Encontrar a mulher capaz de dar-me essa ilusão seria a felicidade para mim. Ela me diria palavras falsas e mentirosas; mas as diria, como se fossem sinceras e verdadeiras, aljofrando-me a alma de aragens meigas. Fingiria comovente dedicação para mim, havia de me escrever cartas longas e mentirosas, que me fariam muito bem, e de contar a todos que me amava. Eu me sentiria consolado, lisonjeado e feliz.

– Para quê mais? – pergunto seriamente.

– E o desvanecimento? – interpelará tu.

Ora, eu estaria, sempre, a salvo de um desvanecimento, porque essa mulher um dia me estenderia a mão, e, sob hábil pretexto, confessaria que já não me podia amar e me deixaria, embora triste e abatido, confortado por uma lembrança carinhosa e afável.

Não é isso o que de melhor se pode desejar no amor? Não tendem todos os amores a desaparecer? Uns se transformam na rotina afetiva do casamento, que nada tem das paixões assoberbantes e sôfregas; outros se transformam numa recordação amiga.

Não é preferível, não é mais elegante mesmo a recordação? A minha repugnância à vulgaridade diz que sim. E, entretanto, eu fui vítima de uma mentira, acrescentarás tu, com essa pertinácia feminina que tanto me agrada. Vítima, não, minha doce amiga; fui um privilegiado, um feliz contemplado pelo bafejo dessa benéfica mentira. Queres maior felicidade que a dos iludidos que nunca tem notícia do seu engano? Eu seria apenas um crente. A minha fé sentimental precisa dessas diversidades. Infelizmente, ainda não encontrei na vida tão bela criatura – a mulher que sabe mentir, a deusa bondosa da falsidade!

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1929.

1931

“Trabalhava eu, em 1931, no *Tempo*, malgrado ‘órgão da Revolução’, quando uma noite ali apareceu um rapaz de seus vinte e dois ou vinte e três anos... Logo depois, soube de quem se tratava: era um amigo de Mário de Andrade, apresentado por Di Cavalcanti para fazer a crítica de música e artes plásticas do jornal. Assinava-se Bilo Prestes.” (*Memórias*, p.211)

O Carnaval

Bilhete Paulistano

Falta uma semana para o Carnaval, e tudo faz prever a atmosfera fria e indiferente em que ele decorrerá nos três dias, considerados, outrora, o fecho de ouro de uma larga temporada de folguedos. Até agora não se sentiu a aproximação do Carnaval em São Paulo, senão pelo assoprar “irritante dos pernacchi”, por alguns balcões de lança-perfume e fantasias que adormecem, à noite, em recantos da cidade e pelos bailes populares do Brás, onde se reúne o rebotalho mais sórdido das calçadas e das vielas, numa promiscuidade de *bas-fond*, que lembra certas páginas de Jean Lorraine⁹⁹. No mais... uma absoluta impassibilidade ante as momices de Momo. E por quê? Porque não há dinheiro, porque o número de desempregados é numeroso e dos que receiam desempregar-se ainda maior. Porque São Paulo inteiro vive inquieto e prazeroso, incapaz de desmanchar-se numa risada ou ser arrastado pelo cordão da folia.

O paulista pensa em economias, em restringir os gastos mais necessários, em mudar para uma casa mais barata. Os patrões só falam em cortar os ordenados dos empregados e em despedi-los, sob a alegação terrível de que as férias não correspondem às despesas. E as famílias, apreensivas, imaginam, com horror, o dia em que o seu chefe, dispensado do emprego, não tenha mais os parques niteis[sic] com que manda comprar carne, no açougue. Todo mundo deve, todo mundo se debate em apertos financeiros e o clamor unânime é de que não há negócios e não há dinheiro!...

⁹⁹ Pseudônimo de Paul Duval. Segundo Brito Broca, “para compreensão do próprio João do Rio e do nosso ‘1900’ literário, parece-nos indispensável recordar em poucas linhas a figura e a obra de Lorrain.” V. BROCA, Brito. João do Rio, historiador de uma época in *A Vida Literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005, pp.324-6.

Nessa situação não é possível um Carnaval brilhante. Mesmo os ricos e os que quase nada sofrem com a *débâcle* econômica, não tem ânimo para divertir-se, para esbanjar suas sobras, numa ocasião em que há tanto sofrimento e tanta miséria. Pelo que se conclui, a maior expansão do Carnaval vai ser na calaçaria de ralé nas baixas saturnas de plebe sem controle.

O curso apoteótico, o trançar esplêndido das serpentinas, o luxo bizarro das fantasias, todo o fulgor citadino de Momo há de se sentir mal, nos seus descabelados entusiasmos, ao lado de um outro Carnaval – da necessidade e da dor – que a cidade vem presenciando, há muito tempo.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s.ind., São Paulo, 8 fev. 1931.

Um forte

Conheci Bilo Prestes¹⁰⁰ uma dezena de dias antes de sua morte e tive consigo apenas uma palestra em que os nossos espíritos se encontraram na mais viva fraternidade.

Não fosse essa palestra toda eventual, que se prolongou por quase duas horas, eu não estaria escrevendo aqui esta página. Apesar da convivência no trabalho diário do jornal, Prestes passaria como um estranho a meu lado.

Louvo pois a ventura que me antolhou a reciprocidade confidencial desse rapaz de gestos brandos e maneiras retráteis, que, por um absurdo nascera no Brasil.

Prestes encarnava a geração de artistas modernos, tocados pela nevrose das verdades novas, sequiosos de um desconhecido de maravilhas, desdenhosos do mundo e procurando na arte o meio de escapar às injunções grosseiras de uma humanidade materializada.

Na França, André Gide é bem um nome simbólico desses inquietos da sensibilidade.

No Brasil, nesta cidade de São Paulo, onde imperam os estrangeirismos chilros do sr. Guilherme de Almeida, Prestes era um estrangeiro.

Ele falava uma língua exótica que ninguém percebia; contundia-o um ambiente que não era o seu, onde se sentia um elemento incompatível, um forasteiro, enfim.

O senso comum costuma classificar individualidades como essa, intoxicadas de literatura, românticas e fantasistas. Palavras tolas! A literatura é uma necessidade natural e irremediável dos grandes espíritos; ela forma a única atmosfera em que eles podem respirar; não é causa, e sim consequência.

Mas diante da realidade atroz, o senso comum muda de idéia e emite, logo, o seu parecer dogmático – caso patológico, esgotamento nervoso, desequilíbrio mental.

E com essa insistência se procura enfeiar, banalizar o drama de uma vida, a grandeza de um gesto!

É certo que muita gente não negava louvores ao talento de Prestes. Mas criaturas como ele não precisam de elogios; e sim de quem as compreenda. Os elogios, muitas vezes, ferem mais uma sensibilidade do que as detrações. O motivo é sempre o mesmo – a incompreensão.

¹⁰⁰ O crítico musical José Antonio Ferreira Prestes suicidou-se em 1931. V. tb., de Brito Broca, o artigo “Um suicídio surrealista” (1960), inserido em *Horas de leitura*.

Orgulho-me da longa e única palestra que tive com Prestes. Os nossos espíritos se solidarizaram. Ambos possuíamos de comum o mal sagrado do temperamento, a tragédia da vida interior, as desatinadas aventuras pelo mundo imaginativo, a rebeldia contra as fórmulas do senso corriqueiro, o desprezo ao preconceito, a incapacidade de acomodação à realidade material.

Prestes, entretanto, era um forte.

Teve a suprema coragem de afirmar – de afirmar a sua negatividade.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., [1931?].

7.2 Artigos sem data (organizados em ordem alfabética)

Adeus, primavera

O aroma das flores vai se substituindo pelo cheiro agreste da terra em plena fecundação. No jardim respira-se mais a relva molhada do que as flores. É a primavera que se despede, enviuvando a natureza.

Meu espírito, como o de um fauno, gosta de procurar o deleite dos hortos floridos. No pôr-do-sol rori-rosado das tardes escarlates, a Primavera, deusa querida do corpo róseo, vinha atirar-me beijos quentes, enquanto, tomado de lascívia, eu me adormecia à sombra da latada.

A bayadeira[sic] do meu coração e dos meus sentidos deixou-me órfão da sua visita divinal.

Oh! E eu que a amei tanto, eu que me inebriei no seu perfume, sorvendo o ópio caricioso do seu hálito propício. Primavera! Meu sonho loiro das lindas manhãs cantantes e esplendorosas!

Que nome tinhas tu na minha vida, [cariefora?] sedutora?...

Para que amar assim tão fortemente a primavera, se ela não passaria de sua efemeridade? Fui insensato ao julgar-me para sempre feliz sob os ósculos da deusa trêfega e bondosa. Por que acreditei eternas as flores que me embalsamavam a alma? Supus que tinha encontrado a felicidade naqueles dias. A Primavera era mulher; os beijos volúveis, as flores de viçor passageiro – o Amor!

Depois que ela se foi eu tive a sensação de ser traído. As rosas iriam desabrochar para a delícia de outros olhos e de outros sentidos.

Oh! Os perfumes que eu aspirei tinham veneno... Primavera!

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Ano Bom!

A essa exclamação todos os olhares se voltam deslumbrados, todos os corações estacionam num assomo de alegria, todas as mãos instintivamente se unem na postura clássica de um ofertório.

Não mais se reporta a vista ao ano que passou, célere, levando no seu vórtice, as braçadas dos sonhos e das ilusões, a se esboroarem lentamente, no acaso esbatido da Saudade.

Levanta o homem, calejado de dissabores, vincado de desilusões, os olhos sequiosos e ávidos para um fanal que agora splende, acenando alvíssaras no céu esmeraldino do futuro, ao qual ele envia, em efusivo encanto, o voto da sua imorredoura Esperança.

Esfalfado, descrente, azoinado pela lufa-lufa do mourejo diuturno, das aniquiladoras lides domésticas, o homem, como um títere, queria se entregar à corredeira do Destino, no agro fadário de um pária, de um vencido...

Nessa manhã ruborejante, porém, ele desperta e ouve dizer: Ano Novo!... Subitamente uma onda de entusiasmo aflora em seu coração esborcinado de cicatrizes, e ele se agita, açulado por uma ofuscante miragem, uma tentação ignota que o encoraja e o fortalece.

O homem torna a crer. O homem volta a desejar.

Ano Novo! É a nova vida que surge, e com ela desabotoam para a ceifa impiedosa do tempo as corolas multicolores das adolescentes ilusões. Tudo o que passou, tudo o que foi negado vem afirmar-se de novo, na refulgência da Esperança.

Esperança. É ela sempre que nunca morre, baluarte imperecível que resiste incólume aos maiores choques e aos mais formidáveis traumatismos morais. É ela, a Esperança, candelária sublime acendendo, no ergástulo da nossa alma, a luz em todas as tormentas e embates. Quando supomos inevitável a queda, o naufrágio, há ainda um pequeno, mas inextinguível foco luminoso, estimulando-nos a continuar a luta encarniçada, alentando-nos com a previsão de um porto de salvamento. É o brilho da Esperança que nunca se estiola.

Ano Novo! – “Quando faz sol no primeiro dia do ano, é porque temos bom tempo durante o ano todo”, diz o observador anônimo representante do populacho iletrado.

E eu cismo: sempre a mesma maneira cômoda de a humanidade se iludir: sempre a obediência passiva, aos preconceitos consoladores: sempre a mesma sugestão da felicidade. Como quer que seja, é melhor crer, é melhor ficar alegre nesse dia, confiante nas promessas do Ano Novo, promessas de gáudio perene, promessas da Esperança.

Ano Bom! Dia do batismo dos Desejos e dos Sonhos, da benção litúrgica do fogo novo da Esperança!

Artigo assinado: “José B. Broca”, s. ind., s. l., s. d.

A cidade da colina

Em São Carlos do Pinhal o nosso orgulho de paulista conheceu mais um centro de progresso deste glorioso Estado, o meu coração o acolhimento, bondoso, leal e enternecedor de um povo fidalgo, o meu espírito, refrigério para exacerbações dos dias da Paulicéia. Através da janela do vagão surpreendi a cidade numa noite de chuva, mas numa noite ruidosa de foguetórios e aclamações. Na manhã seguinte, ao despertar-me no quarto do hotel, o barulho do aguaceiro serviu-me ainda de balada matinal. A minha fantasia cinza de paisagem esmorecia, porém, a curiosidade de conhecer o adiantado centro urbano aumentava. Corria a tomar um bonde. Eu veria São Carlos – sob a chuva. As ruas excelentemente calçadas eram cortadas a todo o momento por automóveis que irrompiam espadanando água. Transeuntes encolhidos em seus guarda-chuvas ou suas capas iam chapinhando nas calçadas. As árvores gotejavam. Tudo se retraía. Tudo se retraía debaixo da inclemência pertinaz da atmosfera. O bonde ia correndo. Entreabrindo as venezianas de formosas residências, rostos femininos vinham oferecer-se como rosas à chuva. Era domingo; o mau tempo empanava cruelmente o fulgor da festa que para aquele dia se preparara. Novos blocos de nuvens se formavam e corriam céleres pelas abas dos morros para despejar sobre a cidade alagada novas duchas meteóricas. E todos os [ilegível] tartamudeavam:

Que maçada. Mas enquanto o bonde prosseguia por sítios pitorescos da urbe, eu fui desfrutando o aspecto original com que São Carlos se me deparou naquele domingo gris e pluvioso. Lembrei-me das considerações de Machado de Assis a respeito da paisagem e acabei achando um encanto todo único na cidade – sob a chuva. Semelhantes aos jardins *sous la pluie* que inspiram meigos versos ao poeta, evocando a linda composição de Claude Debussy¹⁰¹, eis que, nas notas musicais perpassa a melancolia dos hortos *sous la pluie* eu senti a graça de São Carlos do Pinhal. Ao vê-la nesse dia, respirando em longos haustos o frescor desse ambiente salutar, apreciando-a na sua interessante topografia, a estender-se pela colina, pude perceber que o seu povo é bom e suas filhas são sedutoras.

São Carlos é a cidade da colina. Um poeta parnasiano diria que as primeiras habitações da povoação, cujo esplendor mais tarde ninguém adivinharia, foram erguidas

¹⁰¹ Claude-Achille Debussy (1862–1918), compositor francês. Em 1894 compôs uma obra-prima orquestral revolucionária, *Prelúdio à tarde de um fauno* (1894), baseada num poema do poeta simbolista Mallarmé. Debussy teve importância primordial na libertação da música do século XX da forma clássica e da progressão harmônica ortodoxa.

por entre sebes de jasmims e madressilvas, onde abelhas do Hymeto[sic] viriam sugar favos de mel. Hebe, a deusa da Juventude, Ceres, a da abundância, andariam por aí, a semear tesouros de beleza. As moças de São Carlos herdaram a fragrância e louçania que desciam das montanhas como nos pagãos da mitologia. As filhas dessa terra têm o andar alígero de cânfora; os lábios vermelhos como as amoras do campo, o rosto com a singeleza da bonina. A fada campesina, saindo do bosque, cheia de orvalhos, cabelos dourados pelo sol despontante, vem beijá-los nas manhãs claras, sagrando-os para a Formosura. E à medida que o bonde corria, toda a cidade, cujos mais belos recantos eu ia desvendando, parecia sorrir, sob a chuva, a sorrir para o meu coração e a minha simpatia.

[...] ¹⁰²

Depois o dia passou célere e alegre, entre os atrativos das urbe em festa. Da amabilidade insinuante do dr. Carneiro da Cunha para a convivência amiga do Álvaro de Campos, que bebeu as águas de São Carlos, eu me deixava levar inteiramente cativo. À noite, após um jantar opíparo – alta expressão de solidariedade paulista e cavalheirismo – tivemos o baile admirável no Tennis Club. A elite sancarlense na pessoa de suas encantadoras filhas vinha ofertar-nos a sua garridice. Era São Carlos mundano, integrado na época, ao estrugir farandolesco do *jazz-band*. Aristocracia. Requite. Beleza. O grande centro de indústria e comércio num culto à vertigem hodierna.

[...] ¹⁰³

Já hoje, de há muito em São Paulo, essas recordações me vêm em suave lenitivo. São Carlos ficou na minha vida como uma mulher que se beija certa vez e que se vai fugazmente deixando-nos por longo tempo a saudade dos seus lábios, de seu aroma, de seu caminho.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

¹⁰² Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

¹⁰³ Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

A Cigarra, em São Roque

[...] ¹⁰⁴ nesse misto de espanto e deslumbramento, atividade e languor. Cassiano Ricardo ¹⁰⁵ rompeu a profonia da estética reveladora. Seu astro fluiu numa série de felizes objetivações poéticas. O artista não chora – aplaude; não deprime – incita. Todas as potências misteriosas se comunicam; desde os troncos robustos aos botões de rosa há uma corrente de harmonia; o sol, a lua, as estrelas, explorados de sobra pelos versejadores, surgem nas manchas “verde e amarelo” em sua suntuosidade natural. Mas ao virarmos uma página estacamos surpreendidos: “Hoje estou lírico, muito lírico”. Será possível, depois de tanto dinamismo e graça espontânea, essa crise terrificante? É uma maçada. O poeta alarma-se, mede-se de alto a baixo. E nós lhes percebemos a caçoada, a sincera troça escondida naquele ar sério ao julgar-se perdidamente lírico. A masculinidade de Cassiano, embora desça a mais roçagante doçura, nunca lhe permitiria jeremiadas perrengues.

...

A musa do poeta é uma formosa cabocla, cujos olhos são verdes como os da Iara, os braços reacendem a resina, os cabelos longos caem pelo dorso selvagem. A paixão ardente atraiu os namorados por noites consteladas. Ao invés de juras e frases chochas, eles deixaram que as almas falassem livremente. Foi um amor despido de atitudes e insuflado de barbarismo. Cassiano, cedendo ao feitiço da Salomé indígena, deixou-se conduzir através da floresta. A linda mulher desvendou-lhe os segredos da selva, mostrou-lhe a “saudade africana” crucificada numa noite brasileira, inspirou-lhe a clarinada estridente de “Manhã de caça”, a coreografia policrômica do “Baile das sete cores”, a visão irisada de “Matinal”, a fantasia espirituosa de “Arco-íris”, a água-forte de “Uma festa no charco”, a travessura encantadora de “Ilusionismo” e outras páginas onde nossa admiração se queda em transe...

Louvemos a paixão de Cassiano Ricardo por essa criatura irresistível de olhos verdes, de cabelos longos, cujo corpo tem o aroma da terra brasileira.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, s. d.

¹⁰⁴ Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

¹⁰⁵ Cassiano Ricardo Leite (1895–1974): nascido em São José dos Campos, foi jornalista, poeta e ensaísta. Representante do modernismo de tendências nacionalistas, esteve associado aos grupos *Verde Amarelo*, *Anta* e foi fundador do grupo *A Bandeira*. Pertenceu às Academias Paulista e Brasileira de Letras. Sua obra inicialmente apresenta-se presa ao Parnasianismo e ao Simbolismo. Com a fase modernista, explora temas nacionalistas e depois restringe-se mais, louvando a epopéia bandeirante. Por fim, detém-se em temas mais intimistas, cotidianos.

A cólera de Cupido

Especial para *A Cidade*

O amor continua por aí a cometer crimes a torto e a direito. Uma ciuada qualquer é o bastante para que o minúsculo Eros troque a sua aljava por um revólver: muito bem nutrido de balas. Pum! Pum! A vítima tomba lavada em sangue. O criminoso entrega-se às autoridades e lá vai declarar no clássico interrogatório: Matei-a, porque ela foi cruel: abandonou-me à procura de outro. Ou então: Ela me traía: descobri-a em falta e lavei a minha honra... São os vulgarismos casos passionais e os jornais exploram-nos. Os repórteres bordam histórias tingindo de lirismo a paixão do assassino, culpando afinal o amor, como o móvel de tudo. E em nome desse sentimento que é o que há de mais belo, sublime e puro no mundo continua-se a matar sem continência e sem limites. Os crimes passionais já se tornaram lugares-comuns nas colunas da imprensa. Um barbeiro mata a amante porque ela se embeijou por outro, um operário desfere várias punhaladas na namorada que não lhe queria mais dar importância, uma mulher tira a vida do rapaz que a perdeu e assim por diante é infundável a série de atentados cometidos em nome do Amor... O engraçado é dizer-se que hoje já não se ama. Pois se nunca se verificaram tantos crimes movidos pela mão de Cupido, como queremos afirmar com palavras categóricas a decadência do amor? Só as paixões brutais, desses que insatisfeitos ou contrariados se transformam num ódio medonho podem determinar tantos delitos. A verdade é que hoje ainda se ama muito, um amor perigoso, explosivo, que sempre se carece de revólveres, punhais e outros objetos nada inofensivos. Não quero discutir o grau de inculpabilidade dos criminosos passionais. Não sei até aonde o amor ultrajado tem direito de vingança. Nem sei se será plausível transformar um sentimento que nos foi dado para embelezar a vida em constante motivo de desgraça, tragédia e dor, limito-me a achar os crimes passionais, gestos deselegantes, antiestéticos, denunciadores de pouco gosto artístico e principalmente em completo desacordo com a época. Não é nada civilizado um indivíduo matar alguém porque esse alguém não lhe quer dedicar afeição. Nem é plausível que tal indivíduo se apaixone a ponto de cometer desatinos. O espírito prático domina a hora presente. Os homens procuram tornar a vida sempre mais fácil. Os aeroplanos anulam as grandes distâncias. A radiotelefonía permite-nos ouvir óperas, deitados de pijamas num divã, sob o teto doméstico. O trabalho da civilização se faz no sentido de combater todos os obstáculos e empecilhos da vida. Por que então, havemos de tornar neste século o amor numa coisa

arriscada, romanticamente dramática? Acabemos com a história diária e repassada dos crimes passionais. Desarmemos o braço de Cupido e, ao invés de lhe restituirmos a aljava, que também não é moderna, façamos-lhe presente de um automóvel... Nada de tiros. É deselegante e sem originalidade alguma...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cidade*, São Paulo, s. d.

Conto semanal

(Conclusão)

A moléstia da coitadinha declarou-se dali a dias; ia ser mãe. O pai, que tudo percebeu, tratou de remediar a falta. Nessa tarde entenderam-se os três, demoradamente. A menina perdia-se em transes de soluços. O velho dignamente exigia o casamento e o biltre de bom grado aceitava a condição. A cerimônia ficou marcada para breve, em caráter muito íntimo. Na véspera do enlace, entre uma nuvem alvoroçada de pó, dois cavaleiros surgiram na estrada. Era o Dr. Vicente, filho do fazendeiro, que residia na cidade, acompanhado de uma mulher. Estourou a bomba. A infeliz Laurinha não se podia casar, porque a recém-chegada provava ser a legítima esposa do sacripante. Avisado do indivíduo a que seu pai acolhera, o advogado descobrira a verdade, chegando a tempo de evitar um descalabro. Suposição vã! O velho angustiado contou a desgraça. O mal estava feito e irremediável. Só a vingança se impunha, como lenitivo a tamanho infortúnio. Num arroubo de cólera, o Dr. Vicente decidiu-se a afrontar o homem que lhe infelicitara a irmã. Mas, já o biltre fugira cautelosamente, como marinheiro velho. Os camaradas disseram que, momentos antes, ele arreara um dos melhores cavalos, tocando pela estrada do Rio Acima.

“– Hei de encontrá-lo hoje mesmo” – bradou o Dr. Vicente. E, insistindo para que ninguém o acompanhasse, partiu, desenfreado. Até o dia seguinte nada se soube do jovem advogado. Pela manhã, descobriram lá no Barranco Maldito, bem no fundo do grotão, inerte, todo ensangüentado, o corpo do pobre moço. Morrera após uma queda medonha. O cavalo contorcia-se ao lado, ainda com vida. Levantaram-se opiniões. Houvera luta, diziam uns, e o bandido empurrou o advogado pelo precipício abaixo. Outros achavam que fora uma passarinhada do animal, na escuridão da noite. O velho sofreu estoicamente o golpe. Só então descobriu que estava arruinado. O pseudocaixeiro viajante falsificara letras, contraíra dívidas, tudo na ignorância do coronel. A fazenda entrou em completa decadência. Foram embora, lance por lance, as propriedades. Ninguém quis amparar o homem que tinha sido o arrimo de tantos. Hoje, só lhe resta meio palmo de terra. Vive isolado, plantando de meia para poder comer. Uma tristeza! Causa pena ver-se aquele velho tão bom, há pouco tempo uma das maiores riquezas do lugar, agora a arrastar-se na miséria.

– E a pequena, Miguel?

– Mulher sempre é mulher...

Laurinha tinha provado o gosto do mal... Fugiu logo depois com um tropeiro arranjado que lhe prometera cidadão[sic]. Largou no maior desespero o desventurado pai.

O sol culminava. A estrada ia por uma esplêndida várzea.

À beira de casas sertanejas brincavam crianças nuas.

– Olha a tapera do velho lá perto do bambuzal.

E já na volta do caminho avistamos um homem curvado, que roçava na tigüera.

– O coronel Ignácio, indicou-me o companheiro.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, s. d.

[Desnorteante mistério]¹⁰⁶

Victor Marguerite¹⁰⁷, expondo, ao cru, um acervo considerável de salafrias sociais, obteve o êxito estrondoso de marcar época. E em toda parte, a ignomínia e a sublimidade despontam do sorriso de uma mulher, do sorriso de *La Garçonne*¹⁰⁸, ou da negaça de *Safo*¹⁰⁹.

Entre Schopenhauer e Musset eu prefiro Schopenhauer. É melhor chorar bastante e provocar a desilusão, que cedo ou tarde há de vir, que embalar-se em fantasias e idealismos efêmeros, que preparam a irremediável bancarrota sentimental de amanhã. Porque, afinal, é preferível não crer na mulher, a subir com ela a um pináculo, do qual por suas mãos seremos arremessados no abismo.

A mulher será o eterno e desnorteante mistério, o condimento da vida, que nos arde, para dar estranho e caro sabor a esse prato da existência, que devoramos com sofreguidão epicurista.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

¹⁰⁶ Título atribuído pela pesquisa.

¹⁰⁷ Jean Victor Marguerite (1866–1942) escreveu romances exaltando a emancipação da mulher.

¹⁰⁸ Publicado em 1922, este romance de Victor Marguerite tinha como protagonista uma mulher emancipada, e sua venda ultrapassou 200 mil exemplares no país de origem. Em Portugal, o livro foi proibido por ser considerado um escândalo literário. V. www.rascunho.net/critica.php?id=1319.

¹⁰⁹ Safo, poetisa grega que viveu na cidade lésbia de Mitilene, ativo centro cultural no século VII a.C.. Foi muito respeitada e apreciada durante a Antiguidade, sendo considerada “a décima musa”. No entanto, sua poesia, devido ao conteúdo erótico, sofreu censura na Idade Média por parte dos monges copistas, e o que restou de sua obra foram escassos fragmentos.

Escrever

– Pois é o que te digo, meu amigo, antes de pensarmos em reagir contra a cultura européia, antes de batermos pela nacionalização da nossa arte, devíamos cuidar de uma campanha muito mais produtiva – criar ambiente para os nossos artistas...

– Como assim?

– É claro: no Brasil, o problema principal, em se tratando de coisas estéticas, é o da falta de meio de proteção aos que escrevem. Não falo dos pintores, dos escultores, porque esses sempre acham meios de ganhar a vida com a sua arte, mas o escritor é sempre o maior sacrificado, pois nunca encontra caminho propício às suas manifestações.

– No entanto, hás de convir que antigamente as coisas ainda eram muito piores.

– Certamente, nem por isso elas hoje são satisfatórias. Sei que no tempo de Bilac ou, mais anteriormente ainda, no tempo de Castro Alves, o homem que escrevia – poeta ou prosador – era um ser renegado, espécie de criatura tarada, cujo contato todo o mundo repudiava, por perigoso ou daninho. Hoje, o homem que escreve, no Brasil, não é mais repellido, embora continue a não ser visto com muita simpatia e só encontre empecilhos e dificuldades para vencer na vida. Bem sabes que viver da pena, entre nós, é coisa meramente absurda, que só alguns conseguem, numa espantosa exceção. Ora, o literato precisa obter o pão de cada dia e preencher as necessidades comuns às suas condições materiais. O literato possui uma sensibilidade fina, toda especial, com predileções excessivas e com repugnância por certos ambientes e certos mistérios. Mas um dever se impõe, arrogante – o trabalho. O literato precisa recalcar todas as inclinações do seu temperamento, precisa, muitas vezes, munir-se de uma nova individualidade para submeter-se às exigências práticas do emprego que foi obrigado a exercer. O que acontece, então? Ou o literato abandona bem depressa aquele meio de vida e recai novamente na necessidade ou se convence de que, para vencer e encher os bolsos de dinheiro, deve colocar a arte em plano inferior. Nesse último caso, o homem de talento e sensibilidade vai aos poucos se anulando, até desaparecer por completo. É uma magnífica vocação artística perdida.

– Talvez estejas carregando um pouco nas tintas... Há casos em que se pode harmonizar o trabalho material com o culto artístico.

– Há, não resta dúvida. Há as sinecuras, há os lugares de encosto, há os empregos públicos de – “cavação”, em que o funcionário comparece às repartições só

para tomar café. Mas, o pior – é aí que pega o caso da falta de proteção aos artistas, a que aludi – é que os literatos quase nunca são contemplados com essas maravilhosas “cavações”. Ninguém protege um indivíduo no Brasil pelo fato de ele escrever bem. Se, entre os candidatos para um cargo vantajoso, há um artista, um escritor com muitos livros publicados, ele nenhuma preferência obtém graças a essas credenciais.

– É exato.

– Agora, vejamos outras diretrizes que o literato pode seguir e essas são apenas duas: a boêmia ou a prostituição da sua arte. A boêmia é tudo quanto há de mais infenso com o nosso século. Por esse caminho o literato também só tem a dizimar as suas forças, a perder-se, completamente. É um desastre inevitável. Se a gente não pode escrever, preocupado com afazeres de ordem material, muito menos consegue escrever e regularizar a produção literária sem saber onde arranjar dinheiro para almoçar no dia seguinte...

– E a prostituição artística?

– Há muitas formas. O jornalismo é uma delas, talvez a que traz mais vantagens e mais prejuízos ao mesmo tempo.

– O meu amigo levantou-se, enfiou as mãos nas cavas do colete e passeou pela sala.

– Ah, meu caro, quantos artistas estiolados andam por aí, quantas vocações brilhantes inutilizadas barbaramente pelo comércio, pela advocacia, pela celeberrima luta pela vida, quantas vocações artísticas contrariadas, desviadas da sua rota! Que adianta estarmos, todos os dias, a nos bater, com tanto ardor, pela arte brasileira, se há diante de nós, empecendo o desenvolvimento dessa arte, um problema de difícilíssima solução?...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Espontâneo

Breve haja a tua estupidez, rapaz de camisa desabotoada e mangas arregaçadas!
Gosto mais de conversar contigo do que com muitos letrados que se dizem meus amigos.

Falas, no teu linguajar ítalo-brasileiro, coisas que sentes, e que não sabes ocultar.
Os letrados formulam, em bom português, com a maior importância, as idéias mais disparatadas.

És sincero – revelas abertamente e, da maneira mais saudável, a tua ignorância.

Não emites opiniões sobre aquilo que não entendes.

Nunca ouviste falar em Oscar Wilde e Baudelaire¹¹⁰.

Os letrados ouviram falar nesses dois grandes espíritos e dizem sobre eles toda sorte de asneiras.

Sabes apenas que é preciso trabalhar e dormir bem.

Não lês, mas não lendo evitas a possibilidade desastrada de conheceres o Yves do *Fon-Fon*.

Tens saúde e músculos fortes. Criaturas convencidas do teu espírito e inteligência, dizem superiormente de ti:

– É um estúpido.

Um estúpido, porque não sabes – como elas – tirar conclusões errôneas sobre a situação calamitosa do Brasil!

Bem haja a tua estupidez, rapaz de camisa desabotoada e mangas arregaçadas!

As criaturas que se julgam incapazes de entabular uma palestra contigo ignoram que tens um coração não contaminado pelos repelentes preconceitos de uma civilização superficial.

Para mim vale mais a tua ignorância de analfabeto do que o mau gosto dos instruídos.

Bem haja a tua espontaneidade!

Não explicas, nem analisas a vida.

És a própria vida, na tua inconsciente aproximação do homem natural.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

¹¹⁰ Charles Baudelaire (1821-1867): poeta francês autor de *As flores do mal*; considerado um dos fundadores da lírica moderna.

A grande inexplicável

Ela conhece todos os segredos da fascinação que arrebatava e fulmina. O seu beijo delicia, mas envenena e, por vezes, mata. Tolo de quem lhe ouve as promessas. E são tantas as suas vítimas! Volúvel, incoerente, feminina da cabeça aos pés, ela nunca se apóia em razões, e nem atende queixumes. Tem caprichos extravagantes. Apraz-se apaixonar-se pelos miseráveis, por algum habitante anônimo da cidade tentacular e oferece-lhe, prodigamente, o corpo e a alma. Gosta dos ignorantes, vê com entusiasmo os pobres de espírito e não hesita em confessar essas predileções, com superioridade e ironia.

É uma criatura incompreensível, nervosa, que nem sabe propriamente o que quer.

Já a vi recusar fortunas, que pobres doentes de amor, vinham depor em suas mãos.

Soube de um homem que trabalhou a vida toda para conquistá-la, e que se suicidou, quando ela, num requinte de sarcasmo, mostrou-lhe que nunca poderia suportá-lo.

Perversa e diabólica, o seu amor é sempre efêmero.

Muitos fugiram-lhe dos sortilégios, desprezaram-na, encararam-na com indiferença e ela, inexplicavelmente, foi procurá-los, insistindo em que havia de torná-los seus amantes desvairados.

Há um pobre diabo que sonhou muito tempo com ela.

Por fim, desiludido, desesperado, perdeu-se em imprecações, e, todas as noites, nas mesas sórdidas dos bares, passou a consumir no álcool a energia e o caráter.

Pois é justamente agora, quando ele, embriagado, serve de palhaço aos outros, que ela, a Enigmática, vem depor, carinhosamente, um beijo na sua face. O coitado delira com esse beijo e anda a dizer por aí que obteve, afinal, o amor da terrível criatura.

Encontro-a sempre em lugares escuros, em sítios suspeitos. É uma mulher sem preconceitos, açulada pelo apetite do raro. Um pé rapado, de camisa aberta e mãos ásperas, contou-me que recebia dela privilégios especiais. Quem a vê, disfarçando a beleza e o encanto, a caminho dos bairros pobres, interroga, intrigado, por que deixa ela, assim, o ambiente dos salões fidalgos, tão propícios à sua graça.

Ela tem mudanças bruscas de atitudes. Parece que alberga uma porção de alma e sabe viver uma porção de vidas.

Há muitos a quem ama em segredo; outros de quem finge gostar, não lhes fazendo, na realidade, a mínima concessão.

Compreendê-la, contentá-la, escravizá-la? Quantos não se perderam nesses propósitos absurdos! Ela é um permanente enigma. Pitonisa misteriosa das nossas almas, o seu oráculo nada conta. E eu e tu, meu amigo, nos jogamos aos seus pés, ansiando por uma palavra, por um gesto prodigalizador dessa criatura que encarna todos os contrastes, e é, na sua versatilidade desnorteante de mulher – a Grande Inexplicável!

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

A lareira

... E os desfalecimentos diários que nos põem de rosto fechado diluem-se numa carinhosa comunhão de afetividade e ternura. É a hora da família, a hora do lar! O nosso espírito maldoso, contaminado de estroinices, arrastado pelas atrações viciosas da cidade açaima sua constante inquietude para imbuir-se de uma efêmera e doçura inocência. Como é bom sentir bem, sentir com pureza emoções meigas e puras, banhando a alma na água lustral dos recessos amigos.

Chega-se à noite de volta ao abrigo do lar. Na sala conversam; conversam coisas inofensivas bem diversas das maliciosas palestras de porta de café, das malditas *causeries* nos bailes ao efervescer das danças modernas. Não há mais o clássico lampião de outrora criando alfombras nos cantos da sala. O foco de luz elétrica rebrilha. Em compensação existe em nossa alma um quebra-luz que a essas horas amacia, atenua de meias-tintas cariciosas e boas tudo que sentimos e pensamos. O homem fica sendo todo coração. A eterna precenção[sic], a indefectível repulsa da sinceridade, o permanente mau juízo do próximo de quem esperamos sempre uma acrimônia íntima contra nós, transmudam-se em perdão, amizade, benevolência...

Despojado da malícia crônica, liberto do mefisto que nos vive a contrariar os passos com tentações vertiginosas, recupera-se um passageiro estado de graça, propício à invasão dos sentimentos ternos. Não se anseia pelo amor – quer-se a amizade. A cidade que nos rouba todas as emoções durante o dia deixa-nos nessa hora entregues ao acalento triste da Saudade...

E se possuímos entes queridos, pedaços da nossa vida – objetos únicos da nostalgia contundente de que nos achamos separados pela distância incorruptível, sofreremos a falta, sentimos o vazio no coração – vazio que a cidade nas horas afetivas preenchia de tentações... “*Mais où sont les neiges?...*”¹¹¹

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, s. d.

¹¹¹ Verso do poema “*Ballade des dames du temps jadis*”, de François Villon.

A lição de todos os dias

“Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido”, S. João – 13 – 5.

“Ora, se eu, Mestre e Senhor, vos lavei os pés, vós também vos deveis lavar os pés uns aos outros”, S. João – 13 – 14.

Meu semelhante e meu irmão. Repercutem-me no coração, neste dia, as palavras do Divino Mestre. Eu peço a ti que vais exausto, e tens os pés calcinados, chegar a minha morada.

Encontrarás um pouco de repouso e de conforto. É pobre o teto – vivo só, com as minhas tristezas e os meus sonhos – mas acharás o lume aceso. Sentes fome? Do meu jantar modesto nada sobrou, mas à mesa porei café e pão. Descansa; estende os teus pés. Como estão calejados! Que duras jornadas andavam eles fazendo! Como é difícil e espinhosa a vida, meu semelhante e meu irmão! Ajudemo-nos uns aos outros e o caminho nos parecerá menos árduo.

Tens os pés inchados, os dedos disformes e as plantas quase sangrando. Espera, que vou lavá-los, solícitamente, em água tépida; passarei unguento sobre as feridas, tratá-las-ei com este pó aromático e sedativo, até te sentires aliviado. Lembras-te do que dizia o Divino Mestre “... lavar os pés uns aos outros”.

Aqui está a bacia; a água, levemente aquecida, é acariciante... Não te confundas o meu desprendimento, a abdicação completa do meu amor próprio.

Se Ele que era Mestre e Senhor curvou-se para banhar as plantas dos pés dos seus discípulos, por que há de custar a mim – mesquinha criatura – fazer o mesmo. Hoje quero ser teu servo e teu escravo. Dispõe de mim e deste teto como de coisas tuas.

...

E achava-me, debruçado e humilde, joelhos no chão, lavando os pés do meu semelhante, querido, num ímpeto, ergui a cabeça:

Levantava-se, traiçoeiramente, sobre os meus ombros, a mão armada da Ingratidão.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Litanias

A virtude possui certas nuances que só aos pecadores é dado distinguir.

Na obra de arte onde a mulher não aparece, ela está oculta.

No fim de uma paixão nós dizemos ao coração como nos versos – poeta; “Canta-me cantigas para me adormentar.”¹¹²

As maiores possibilidades de vitória do feminismo estão no combate acirrado que os homens lhe fazem.

O amor põe a perder as mulheres e regenera os homens.

Esquecer a dor! É tão difícil quanto esquecer o prazer...

A inocuidade de uma pessoa é condição para causar pena. Sempre nos compadecemos daqueles que não podem fazer mal.

Não ter exata idéia do perigo; eis um fator essencial para afrontá-lo.

Alfonse Daudet¹¹³ foi um romântico que se tornou realista.

Nunca se deve convencer alguém. Basta desnortear a opinião alheia.

Neste século, é melhor passar por moralista do que ser moralista.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 5 set. [s.a]

¹¹² Verso do poema “Regresso ao lar” (*Os simples*, 1892), do poeta português Guerra Junqueiro (1850-1923): “Canta-me cantigas de me adormentar!...”

¹¹³ Alphonse Daudet (1840-1897): escritor francês que, embora se considerasse ligado à escola naturalista, na sua obra adiciona fantasia à pintura realista da vida cotidiana. Produziu romances como *O coisinha* (1868), *Safo* (1884), e sobretudo contos e novelas: *Cartas de meu moinho* (1866), *Contos da segunda-feira* (1873).

Os literatos e os inteligentes

Especial para *A Cidade*

A inteligência ainda é tudo quanto há de mais desvalorizado – É a moeda fraquíssima que o câmbio nunca levanta, principalmente em nosso país. Ser inteligente, no Brasil, equivale a ter nascido sob uma estrela. Tudo perseguirá, tudo será infenso ao homem que possuir a honra do talento. Não há de se demorar num emprego; os amigos desprezará-lo-ão, viverá sempre com os bolsos vazios, debatendo-se contra os escolhos de uma sorte integralmente adversa. Sobretudo nunca se enriquecerá. O melhor que esse indivíduo poderá conseguir é um modesto cargo público, ou então, um lugarzinho na redação de qualquer jornal.

Há exceções, sem dúvida, para confirmar a regra. Eu me apiedei de todos os amigos inteligentes. Quando se inclinam pela literatura, então é o diabo! Vejo cretinos refinados vencerem na vida, suavemente. Por isso mesmo são sempre criaturas amáveis, bem dispostas, sorridentes, com cravos na lapela. Sobem da noite para o dia. Hoje aparecem de bengala e terno novo, amanhã guiam o seu carro de luxo e moram na Avenida Angélica. Tem elogios nas colunas dos jornais, onde sempre possuem magníficos dotes de espírito e coração. Todos os apreciam e dizem:

Fulano é um “bicho”. Está arranjado na vida...

Conheço muitos desses vitoriosos e admiro-os com fervor. Os medíocres também se elevam facilmente. Atropelam os que encontram no caminho, debatem-se, metem o pé, derrubam empecilhos aqui e acolá, mas tiram, triunfantes, a dianteira. E ninguém mais os pega. Só os inteligentes “bancam o trouxa”. São eternos incompreendidos, os incapazes diante da formidável parada de valores.

Os artistas de cinema ganham fortunas e celebrizam-se no mundo todo. Valentino morreu milionário. Menjort [sic] é milionário. Gloria Swanson¹¹⁴ é milionária. Enquanto isso, os literatos ficam na pindaíba, se não querem procurar outro meio de cavar a vida, os poetas morrem de fome, se não entram para o comércio.

¹¹⁴ Gloria May Josephine Swanson (1899-1983), atriz estadunidense. Atuou, em 1922, no filme *Beyond the Rocks*, com Rodolfo Valentino.

Os negros espinoteadores de *charleston* ganham rios de dinheiro. Os pugilistas enriquecem-se num abrir e fechar de olhos, esmurrando e recebendo murros num tablado.

Só os inteligentes não chegam a interessar ninguém.

O jogador de futebol, entre nós, é uma afirmação eloqüente da “ausência de espírito” vitoriosa. O menino que se descobriu com vocação para chutar bola deveria insistir; exercitar-se e seguir a carreira, que é das melhores. Aos pais compete a missão de orientar esse filho predestinado, afastando do pequeno tudo que traduz inteligência. Com especialidade, os livros. Tirem-no da escola logo que souber garabulhar o nome e não o deixem abandonar o campo. Bater bola dia e noite, que o futuro será brilhante. O jogador de futebol é o indivíduo que passa o tempo descansado, de charuto na boca e resume as suas ocupações no divertimento de praticar o esporte bretão, para gáudio de uma assistência que o aplaude.

Qual o indivíduo de inteligência que adquiriria tão rendosa posição?

De todas as manifestações do espírito, a mais sacrificada é a literatura – a poesia e a prosa em geral. Ser escritor é um dom que só acarreta prejuízo. Ser poeta é ganhar os seus bons cobres. O musicista também pode viver da sua arte. O pintor, até mesmo o medíocre, vende os seus quadrinhos e resume no pincel a sua atividade. O homem que sabe escrever é o único a quem a arte nada rende. A literatura não enche os bolsos de ninguém e os raríssimos que tentam o milagre de viver da pena se arrependem cedo da idéia. Também quem os mandou nutrir essa inveterada bossa de escrever?

Por que não se corrigiram em crianças, enquanto era tempo?

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cidade*, São Paulo, s. d.

Meia-luz

... E neste começo dúbio de noite, no isolamento do meu bairro, eu começo a sentir o vazio dos dias que despercebidamente vão correndo, formando na minha vida essa coisa terrível que se chama um passado incolor. Como Ribeiro Couto¹¹⁵, experimento a angústia de chegar todas as tardes, esfalfado, à porta do quarto com esta pergunta inexorável – “Que fiz eu hoje?”. Sim, é o que inutilmente repito. Que fiz hoje, que fiz ontem, que farei amanhã? E uma negativa peremptória abrange a resposta dessas interrogações cruéis.

Nada! Onde estão os sonhos que acariciei há cinco anos atrás? Onde estão os propósitos bonançosos que fiz ainda no ano passado? Não sei. Esboroaram-se, perderam-se, desapareceram nos inúmeros atalhos dessa trilha enorme e escabrosa por onde tantos caminham aos encontrões, aos atropelos, procurando cada qual prejudicar o outro.

Cinzas, cinzas e mais cinzas... E por isso eu amo o crepúsculo, por isso eu gosto de cismar ao lusco-fusco paulistano, nessa hora vespéral em que o céu espelha o panorama cinzento de um imenso braseiro em que o sol andou a arder. O meu espírito se identifica com o crepúsculo; a minha melancolia se desabafa nessa hora em que, mesmo através do barulho urbano, há uma melancolia maior e imponderável ensombrando todos os corações susceptíveis de se entristecer.

Vêm-se desejos extravagantes, anseios esquisitos.

Sinto-me longe, muito longe da felicidade. E, ao invés de magoar-me, sou lenitivado por original consolação.

Regozijo-me absurdamente de não estar sujeito aos temores, aos perigos em que se encontram todos os que desfrutam o hálito precioso da felicidade. Não sei se já repararam nessa volúpia de não ser feliz.

É a situação paradoxal de quem, achando-se sob o acicate da dor, acaba extraíndo a felicidade do próprio sofrimento. Acendem-se então as luzes da cidade. O monstro do trabalho está saciado. Agora é a hora do descanso beatífico e o momento em que o amor começa a andar às soltas pelas esquinas. O bico de gás da rua ilumina o meu quarto, onde nesta voluptuosa cisma nem disposição tive para acender a luz. E no ambiente predisposto à nostalgia eu tenho a grande vontade de partir, com saudades!...

¹¹⁵ Rui Ribeiro Couto (1898–1963), escritor e diplomata, nascido em Santos (SP). Publicou o seu primeiro livro de poesias, *O Jardim das confidências*, em 1921.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

A mulher não tem idade

(Especial para *A Cidade*)

Mary Miles Minter¹¹⁶, essa atriz cinematográfica tão conhecida, acaba de dar uma expressiva manifestação de feminilidade. A cena passa-se em Londres, no *hall* de um grande hotel, como nos filmes da Paramount. A estrela é convidada para preencher a pragmática, no registro da portaria, enunciando a idade. Mary Miles franze o sobrolho e deixa cair a pena das mãos. O empregado insiste:

– Senhorita, quantos anos tem?

– Não é da conta de ninguém sabê-lo, responde a atriz, bruscamente.

Diante da recusa formal todos ficam estupefatos. A hóspede bate o pé, zangada, frenética, afirmando que sua idade não deve interessar pessoa alguma. Mas os ingleses com o seu espírito rijo é que estão longe de concordar com essa recusa eloqüentemente feminina. O gerente torce o bigode e manda chamar a polícia. Chegam os dignos mantenedores da ordem para obrigar a trêfega mariposa da tela, a mocinha vaidosa a satisfazer uma simples pragmática comercial que vai de encontro aos seus caprichos de mulher: Mary Miles é forçada, pela quase brutalidade da polícia a revelar o segredo de tão grande valor para si. Numa resposta desdenhosa declara possuir vinte e quatro anos. Estava preenchida a formalidade. Mas a artista não teria mentido? Ninguém o pode constatar e nem importa a nós a provável carapetão da sua resposta. Não sei de mania mais antipática do que essa de querer-se saber a idade das mulheres.

Elas têm horror supersticioso à velhice, contra o que lutam desesperadamente. A contagem dos anos torna-se um pesadelo para as filhas de Eva, a perturbar-lhe os seus melhores momentos de solilóquio em frente ao espelho. Por isso mesmo procuram a todo transe esquecer tão aziaga lembrança, cultivando sempre a beleza, renovando o frescor das ilusões, propinando ao coração nova ardência com que usufruir, palmo a palmo, os encantos estonteantes da vida e entregar-se ao amor. A idade de uma mulher!

Imbecil o que a quer saber! Como revolta ver-se alguém, com insistência fria e cruel provocar a essas inconscientes criaturinhas a confissão daquilo que elas querem esquecer para agradar os homens. Evitar as más emoções – eis a ciência da vida, dizia Oscar Wilde.

Relembrar a idade é uma emoção penosa que as mulheres evitam com escrúpulo inteligente. E muitas pessoas dizem:

¹¹⁶ Mary Miles Minter (1902-1984): atriz estadunidense que começou sua carreira atuando em filmes infantis. Seu nome figurou entre os suspeitos do assassinato do diretor William Desmond Taylor, em 1922. V. *Mistérios de Hollywood* in <http://www.apcefrs.org.br/jb/2006/novembro>

– Tolice esconder os anos se tal não impede que eles aumentem...

Não compreendem a sensibilidade feminina e muito menos a delícia de nos enganarmos conscientemente sobre os males irremediáveis. Olvidar a velhice será afugentá-la, pois quanto mais pensamos numa desdita, mais depressa ela nos acomete. Respeitemos os segredos das mulheres. Elas que não guardam sigilo de coisa alguma, se de tal maneira escutam[sic] a idade é que têm razões de sobra para isso.

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cidade*, São Paulo, s. d.

Narração de Sábado de Aleluia

E o boato bem depressa se espalhou por todas as ruas de Jerusalém, por onde os escribas, os sacerdotes, os soldados recebiam com ar de dúvida a empolgante nova: Ressuscitara o Messias! A pedra da tumba, selada com o sinete de César Augusto, rolara por terra. Os guardas, entontecidos por súbito abalo, recuaram e, quando voltaram a si, o sepulcro jazia vazio. Desesperados, temendo o justo castigo que o centurião lhes aplicaria, fugiram com o espanto na alma, a correr, sem saber para aonde iam. Mas o alarme foi logo dado e não tardou que os primeiros curiosos afluíssem ao sítio misterioso, embora Pilatos já tivesse mandado novos soldados, proibindo o povo de que se aproximasse dali.

Maria de Magdala, que nessa manhã clara e serena, se levantara tarde, os olhos congestionados de tanto derramar lágrimas, não tardou em receber a notícia alvoroçante que, depois do acontecimento da véspera apaixonava Jerusalém. O túmulo vazio, os guardas por terra e o Galileu, o mesmo Galileu, compassivo que lhe perdoara, apontando-lhe suave e brando, o caminho alvo da virtude, desaparecera misteriosamente, sem deixar o mínimo sinal. Sim, era o seu Jesus, o mesmo Jesus que lhe desvanecera na alma a centelha rubra devoradora do pecado e cujos pés ela ungira de nardo e de outras essências odorosas!...

Maria de Magdala, redimida de toda sua culpa, imersa na visão mirífica da fé, sentia-se de repente abandonada por Ele, pelo Cristo meigo e divino agora desaparecido enigmaticamente. Nem mais a consolação de ir depor grinaldas de flores no seu sepulcro ela teria. Ainda na véspera deixava num vaso com água, magnífico ramalhete de lírios e rosas que ela pretendia [...] ¹¹⁷

Artigo assinado: “José B. Broca”, s.ind., s.l, s. d

¹¹⁷ Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

Onze horas!...

Onze horas. Apitos de fábricas trançam redes sonoras no ar. É a hora do almoço, a hora da comida para os que trabalham. Então, nas ruas do Brás, da Mooca, do Cambuci desembocam multidões de operários e empregados, no açodamento festivo do seu sadio apetite. Moças, homens maduros, rapazes correm, apressam-se alvoroçadamente, com um só fim, naquele momento: comer.

Comer! Verbo que resume a nossa miséria!

O homem – tu, artista; tu, poeta; tu, descobridor de horizontes científicos – precisa comer, está preso a toda contingência material pelo estômago.

Mas onde eu sinto, bem viva, a humilhação do ato de alimentar-se é aqui, nas baixas camadas, nas multidões que formam correntezas humanas pelas ruas, a hora em que os apitos das fábricas cortam o espaço.

A displicência com que o rico senta-se à mesa tira o caráter da esmagadora necessidade material de comer. Depois, a variedade dos pratos e a profusão deles, o direito de servir-se do que lhe apetece e permanecer, às refeições, pelo tempo que lhe aprouve, em despreocupada palestra, tudo faz com que o rico não experimente a humilhação da contingência tremenda – precisar comer. Com o plebeu não acontece o mesmo. Ele come à hora marcada; vai, pressuroso, para o repasto, varado de apetite, come o que ali encontra, em tempo determinado, findo o qual voltará ao trabalho para ter apetite de novo e ter sempre o que comer.

Onze horas! Quantos estômagos, exigindo o seu sustento, sem o que eles negarão ao organismo humano a força para a aquisição desse mesmo sustento!

Onze horas! Enchem-se os “frege-moscas”. Criaturas robustas, animais, tressuando pelo pescoço, sem colarinho, físgam postas de carne e rolos de macarrão.

Bocas escancaradas. Deglutações. Voracidade. Come-se para viver e vive-se para comer. Inexorável círculo vicioso!

Sob milhares de tetos, todos os membros da família acorrem ao almoço, cada qual abarrotando, mais avidamente, o seu prato. Em outros lares nem se põe à mesa; enche-se o prato e vai-se comer, vorazmente, para qualquer canto da casa ou do quintal.

Triturações que se multiplicam pelos bairros de trabalho! Mil e tantas criaturas que, àquela hora seriam capazes de disputar um osso às dentadas!

Velhos, mulheres, meninas, rapazes, crianças – bocas que mastigam!

Ah! E os que procuram o que comer!?...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Parágrafos

Entre um homem que ama apaixonadamente e um outro que detesta o amor, eu não sei qual o mais desgraçado.

Eu tenho um Calvário no coração, onde crucifico o meu Desejo, deixando aos seus pés, em copioso pranto, a Madalena da minha Vontade.

Amar é isolar-se. Depois de uma derrocada no amor, nós desejamos ansiosamente o tumulto para se poder esquecer; esquecer o isolamento em que nos absorvemos.

As pessoas que vivem a nos fazer a apologia da sinceridade, são as primeiras a se exacerbarem, se dissermos sem rebuços o que pensamos a seu respeito.

O ciúme é a consciência do amor.

Os gestos são o vocabulário sensualista da plástica.

Há pequeninas coisas na vida que sopitam os grandes motivos. O indivíduo atento e interessado numa palestra grave não deixa de desviar os olhos e a fantasia, à simples passagem de uma simples mulher. Todavia, o mesmo indivíduo em extática contemplação com a sua namorada, no cinema, é incapaz de se conservar no seu lugar durante o intervalo.

Ontem à noite, eu vinha de deixar um rapaz vulgar lendo entusiasticamente a *Teoria da Indiferença* do hiper-exótico Antônio Ferro, e pensei com azedume:

Quando Antônio Ferro¹¹⁸ começar a ser lido pelo vulgo, perderá toda originalidade da sua arte. O esteta precisa ser aristocrata, tendo o seu núcleo escolhido de leitores. O esteta que se democratiza, ou torna-se um Guerra Junqueiro ou um Casimiro de Abreu.

¹¹⁸ Antônio Ferro (1895–1956), poeta, jornalista e político português ligado ao salazarismo. *Teoria da Indiferença*, livro publicado em 1920.

Artigo assinado: "J. B.", s. ind., s. l., s.d.

Passado e presente

E o homem idoso, bonacheirão, de maneiras joviais, dizia-me:

– Fui empregado do *Correio Paulistano*¹¹⁹ há cinquenta anos. Era quase menino.

Há quanto tempo lá vai isso!

O centro da cidade não passava de uma pequena aglomeração de casas; para os lados se estendiam os bairros com soluções de continuidade de mato e terrenos abandonados. Na rua de S. Bento as tropas vinham descarregar mercadorias. Os animais enchiam a via pública ali, vergados, sob o peso das canastras. Oh! Há quanto tempo lá vai isso!...

O homem acendeu um cigarro, um cigarrinho de palha desencovado no fundo do bolso, acendeu-o num isqueiro que falhou várias vezes, e estendendo-me a mão grossa, afastou-se. Percebi que levava nos olhos uma névoa de saudade e melancolia.

Separamo-nos. A noite se tornava cada vez mais fria, noite encapotada e nervosa. Automóveis passavam como fantasmas na cerração que ia aos poucos pulverizando a cidade. Penetrei na Avenida S. João, rasgada por duas fileiras de luzes ofuscantes de bruma. O relógio de S. Bento soou prolongadamente doze vezes, fora equívoco das atrações notívagas. Continuo a caminhar pela grande artéria. Cafés e bares regorgitantes. Restaurantes de luxo. Rostos vincados pela histeria de Montmartre. Silhuetas fugidas das páginas de Miomandre¹²⁰ e Carco¹²¹. Enredos cinematográficos. Caminho, maquinalmente, alheio à correnteza mundana, pensando nas palavras do velho bonacheirão: Oh! Há quanto tempo lá vai isso! Há oitenta anos o *Correio Paulistano* aparecia em São Paulo. Um jornal, apenas uma folhazinha que vinha satisfazer a curiosidade de cidadãos respeitáveis de *pince-nez* e colarinhos incríveis. Ainda pairava sobre a cidade a larga sombra romântica de Álvares de Azevedo, com seus satanismos byronianos. Julietas e Ofélias desmaiavam nos balcões. São Paulo sentia o reflexo de um estupefaciente que deu ao mundo uma hora inesquecível de embriaguez. Mas isso era apenas a loucura de meia dúzia de estudantes, horrorizando os pais de família com suas tropelias líricas. O mais severo recato velava as rótulas dos casarões patriarcais, onde a Sinhá Moça lia, às furtadelas, romances de amor, Sinhá Dona presidia os arranjos do lar e o velho comendador comentava as últimas novidades políticas da Corte.

¹¹⁹ Jornal fundado em 1854, na cidade de São Paulo. Em 1872, sob a direção de Herculano de Freitas, tornou-se órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). Em 1888, sua tiragem diária era de 2500 exemplares. Em 1904, havia chegado a 8500. Foi fechado em 1930, ao se opor ao governo de Getúlio Vargas.

¹²⁰ Francis de Miomandre (1880–1959): poeta, crítico, romancista e tradutor, por exemplo, de Machado de Assis.

¹²¹ François Carcopino-Tusoli (1886–1958): escritor francês autor de poemas, de romances (*Jésus La Caille*) e de livros de memórias.

Era nesse lar que entrava o *Correio Paulistano*, sob esse teto que ele jazia, enchendo os longos serões do chefe da casa e trazendo as notas mais palpitantes do ministério que não se agüentava, ou dos últimos lances retóricos de Zacarias, Nabuco de Araújo ou Paraná.

São Paulo! Uma companhia dramática estreava na cidade! Que sucesso! E Sinhá Moça ficava em casa chorosa, porque a austeridade dos pais não lhe permitia freqüentar espetáculos tão profanos, onde uma mulher se suicidava, desesperada com o abandono do amante.

São Paulo! O sino da Sé tocava vésperas. E a noite descia. Um capitão do mato passava, levando acorrentado um negro fugido e apanhado graças a um golpe de tática magistral. A garoa escorchava o rosto dos notâmbulos. Nas ruas quase desertas, a chama frouxa dos lampiões agonizava.

A essa hora começava a labuta nas oficinas do *Correio paulistano*.

Oitenta anos depois, e a essa hora vai começar também a labuta nas oficinas do mesmo jornal. Aparecerá ele de novo nessa cidade, onde viu a luz há oito décadas.

E tudo isso eu pensava há dois dias atrás, num sábado festivo e folião, caminhando pela Avenida São João, lembrando-me das palavras do velho que passara a adolescência e a mocidade trabalhando no *Correio*. Chego à praça Antônio Prado, entro pela rua João Brícola; defronta-me a reta luminosa do Viaduto Boa Vista, uma das mais recentes realizações da energia paulista. O monumento da cidade, apontando para as estrelas, lá está marcando um destino glorioso.

Olho lá embaixo, perdida na cerração, uma massa negra, enorme, imensa, pontilhada de luzes que a neblina vai apagando.

E julgo ver, erguendo-se dali, o contorno gigantesco de um braço mastodôntico, de veias de aço – o braço que construiu e sustém a fachada dourada, a superestrutura rebrilhante da esplêndida Urbe.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

O pirata

O progresso criou a concorrência, o dilgradiamento assombroso de valores. Estabeleceu-se a corrida simplesmente desvairante. A lei é matar para não morrer. Há urgência de agredir, quando mais não seja em defesa própria. Se ficamos impassíveis somos espezinhados. Pouco se cogita dos meios. Obtidos os fins, os meios são sempre esquecidos. A virtude declarou bancarrota. Por outro lado surgiu essa instituição admirável do século – a “pirataria”. O “pirata” é um ser muito complexo e digno de estudo; criação absolutamente urbana. Foi do reboiço dos grandes centros, das aglomerações sociais em negócio que veio à tona esse espécime pitoresco de desonestidade. O “pirata” está muito longe de ser um ladrão, o homem mal visto pelo estigma de suas culpas. O “pirata” pode cometer todas as faltas, mas ninguém terá coragem de acusá-lo, ninguém sabe se é possível acusá-lo. Esse, cavalheiro antes de tudo, não angaria desafetos. Preza-se de ser amigo de todos e não há quem ache meios de furtar-se a sua camaradagem. O “pirata” faz uma vítima e amanhã encontra nessa vítima a sua melhor amizade. É supérfluo resistir. Balzac¹²² lançou uma criatura diabólica – o sarcástico Vautrin. O “pirata” de hoje é uma metamorfose do tipo balzaqueano. É um Vautrin convenientemente modificado em suas arestas. O entrosamento de hipocrisia e sociabilidade intensificou-se. Os meios de desonestidade multiplicam-se com as novas engrenagens que regem as transações e aproximam os homens na vida contemporânea. O “pirata” vive arditamente conosco à mesa do aperitivo, toma lugar em nosso automóvel, tendo-se na conta de uma de nossas melhores relações. Franqueamos-lhe a casa e, após despedirmo-nos dele na porta da rua, com uma boa dose de palavras afetuosas, voltamos convictos de termos acolhido mais uma vez um refinado canalha.

A principal qualidade do pirata é o domínio que ele irradia, fazendo-se temido e respeitado. A simpatia constitui um dos seus dons. A amabilidade desabrocha em sua pessoa, num conjunto harmonioso de curvaturas, gentilezas e expansões. A palestra viva, o trato franco completam a soma de dotes que o tornam irresistível. Como desvencilhar-se à agradável convivência desse indivíduo. Atacá-lo, desmascará-lo, são coisas absolutamente impraticáveis.

¹²² Honoré de Balzac (1799–1850), escritor francês. Em 1840 intitula *A comédia humana* ao conjunto de seus romances, nos quais traça um complexo painel, onde se destacam os sentimentos, as emoções, os valores morais e materiais da burguesia e da aristocracia decadente da França pós-revolucionária.

Ninguém se aventuraria a ultrajar alguém que só sabe dispensar gentilezas. Numa reunião, o melhor lugar pertence ao “pirata”. Quando ele chega todos se apressam a cumprimentá-lo. Buscam-no orgulhosos da sua companhia, prestam-lhe a maior atenção, imbuídos de respeito e quase temor. O “pirata” olha triunfante, vencedor, sempre o mesmo – o “irresistível”. Os cavalheiros que o cercam são seus credores, são suas vítimas... Mas esquecidos disso reúnem-se em unânime camaradagem.

Do outro lado procurem o virtuoso cidadão honesto até a ponta das unhas, temente à consciência e a outras noções morais obsoletas. Conhecem-no? Já o vistes por certo dizer depois de um pigarro: “Eu cá tenho a honra limpa. Ninguém me aponta uma falta. Nunca passei a perna no próximo”. Desventurada criatura! Se o “pirata” na sociedade é um centro de absorção, o virtuoso exerce as vezes de um isolador. Nada vale erguer a cabeça sem lábios quando não vos percebem.

O virtuoso tem feito favores a muitos daqueles cavalheiros.

Entretanto estes o deixam para circundar o “pirata”. O quadro é explicável na sua mordacidade. Nesta peleja canibalesca de interesses, a “pirataria” encontrou sua razão de ser – o meio manhoso de defesa e ataque. Não há culpar os que querem e agridem numa luta generalizada. O virtuoso é o inofensivo, o inofensivo de quem nada temos a recear. Eis porque o olvidamos. Trata-se de uma disputa e a idéia está em defender-se do perigo, pondo de parte e esquecendo o elemento inócuo. O “pirata” aí figura como um tipo de ardil insuperável; enleia-nos, paralisa-nos, enfeitiça-nos, age por sedução, por uma sedução cívica.

Agora só nos resta uma coisa, indulgentíssimo leitor, irmos pressurosos apertar as mãos do “pirata”, ou apertarmos as nossas...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s.d.

[Remorso]¹²³

[...] ¹²⁴ são uma carta dele. Engordava, renasciam-lhe a força, o vigor; só temia a tentação de Paris. Estava curado, sadio e robusto. Ia, porém, confiar-me um segredo: amava, amava certa criaturinha divinal, filha de um negociante brasileiro em turismo pela Europa. Ri-me da confidência. Dali a poucas semanas abraçava o meu amigo no Cais Faroux. Vinha em companhia do negociante e da criaturinha divinal, já agora sua noiva. Na mesma noite, no Club dos Smokings, Carlos, comovidamente referiu-se ao seu noivado. Era a primeira mulher que amava e fazia dela a sua esposa. Aos médicos, porém, não agradou o regresso de Carlos. Prescreveram-lhe rigoroso tratamento que ele pouco observou. Nas vésperas do consórcio sobreveio-lhe uma crise agudíssima. Precisava sair do Rio, opinaram os especialistas. Carlos planejou nova viagem, que seria, ao mesmo tempo, a viagem de núpcias, mas após o casamento o seu estado agravando-se, não pôde partir. Foi aí que eu me instalei na casa dele e conheci de perto a única mulher que ele adorara. Lúcia, pareceu-me uma pequena contaminada pelo vírus das modernices civilizadoras. Regularmente instruída, freqüentava certos escritores perniciosos e tocava no piano tangos muito languês. A sua natureza irrequieta sofria com a solidão dos dias infindáveis ao pé do marido. Surpreendia-a diversas vezes, encostada, à janela, a contemplar o panorama da cidade, como se quisesse achar-se lá, no meio do bulício torvelinhante. Nos primeiros dias quase não conversamos. A minha estadia ali impeliu-nos à intimidade. De resto, Carlos era quem nos aproximava, regozijando-se com a nossa camaradagem. Desejava que a esposa se distraísse naquela clausura para suportar melhor o afastamento do convívio mundano. Sempre a generosidade e a boa-fé desse ótimo rapaz! Nunca ele desconfiaria de mim e, embora ciumento da esposa, ficava satisfeito de vê-la em minha companhia.

Uma questão estabeleceu-se no meu espírito: Lúcia amaria verdadeiramente o marido? Devia desejá-lo, quando o encontrara em Paris, elegante e encantador, precedido de uma fama escabrosa e portanto com esse halo de mistério que impressiona a fantasia das mulheres. Carlos era o decadente, conviva assíduo dos lupanares que desafiava a imprecação dos puritanos, porque tinha dinheiro e tinha mocidade. Dominar esse homem corrompido, fazê-lo amar pela primeira vez foi certamente a idéia que açulou a imaginação de Lúcia. Travou-se a partida. A mulher venceu. Iam casar-se. Lúcia ia possuir o rapaz belo e sedutor, cuja afeição tantas disputaram. Imprevistamente, Carlos adoece. Casou-se assim mesmo e onde esperava os

¹²³ Título atribuído pela pesquisa.

¹²⁴ Texto incompleto na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE).

paraísos do amor, Lúcia tem que conformar-se com dias longos e sombrios à cabeceira de um doente. Ela o queria, sem dúvida, mas queria mais ao amor e desse até ali nada vira senão uma esperança que lentamente se esmorecia. O casamento! Que fracasso para ela! O homem por quem sonhara, agora só lhe inspirava piedade. Pobre Lúcia! Não lhe atribuo a maior culpa no abismo infamante em que ambos nos arremessamos. Carlos Ribas percebia tudo, só não percebia que uma mulher nas condições de Lúcia arrima-se em quem estiver mais perto. A sua incapacidade de compreender o mal impedia-lhe semelhante suposição. Eu era o amigo dedicado que se curvava, à sua cabeceira e para ele um amigo só implicava sinceridade e afetos em todos os seus atos. Oh! Quanto me acabrunha que Carlos não findasse os seus dias nessa edificante ilusão... Antes de morrer ele conheceu de chofre a infâmia que comporta uma alma humana e não sobreviveu ao golpe. Quero narrar-te a minha vileza e falta-me coragem.

Como sou covarde! Pois certamente já subentendeste a violência do drama que eu procuro contornar?... Lúcia amou-me; Lúcia, naufragando no seu *spleen* atirou-se a mim, como a um tronco forte, capaz de conduzi-la à ilha florescente das sensações inebriantes. E eu, miseravelmente a conduzi até lá, miseravelmente a amei ao lado do homem, que sofria, arquejante, a proteção de uma moléstia insidiosa, sorrindo para a esposa, adorava [sic] e para o amigo fingido. Quis resistir, procurei reagir contra a minha fraqueza. Invocara a educação pura que recebera num lar “virtuosíssimo”: as palavras de minha mãe a incutir-me sentimentos bons, os conselhos do meu pai, tão leal e tão franco, alma de ouro, impermeável a todas as mazelas. Ela, essa criaturinha mais fraca do que eu, acenava-me desesperadamente; erguia-me os braços, os seus braços de jaspe, pedindo amor, prometendo prazer... Cedi, a princípio hesitante, sob a pressão da consciência acusadora; depois entreguei-me de corpo e alma, sufoquei o remorso; não tinha ânimo senão para amar com uma paixão alucinada, misto de crime, de pecado, de sadismo. A idéia de ignomínia reforçava a minha embriaguez. Perdi o domínio de mim mesmo. Era uma criatura no extremo da sua pobreza humana. Então começou a nossa[...]

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, s. d.

Em resposta¹²⁵

Meus caros Mutt & Jeff.

Li em plena satisfação o bilhete que você me endereçou, iniciando a série de colaborações efetivas, com que o seu esmerado talento vai ilustrar as páginas deste modesto e esforçado jornal, que é *O Repentino*¹²⁶.

Antecipadamente já eu havia felicitado os redatores pela brilhante aquisição que fizeram. Agora, meu amigo, é exercitar a sua pena aguçada, provocar o seu educado senso social e crítico e fecundar a sua inteligência, para que produza frutos sadios, ótimos, agrídoces, como atualmente muito necessitamos. Não recue nunca ante a emergência de vir desgostar a muitos, ou causar ojeriza a outros, para conservar intacta

¹²⁵ Crônica que dialoga com texto abaixo transcrito, conservado na Coleção Brito Broca (IEL-CEDAE):

O meu bilhete

Ao Musa

Fisionomia boêmia, chapéu descido sobre os olhos, modos desalinados e um renitente bigode cuja grossura oscila obedecendo a não sei que leis particulares, você representa entre os nossos desenxabidos *petimetres* o tipo do indiferente, do *bon vivant*, ou então, aquilo que o vulgo chama de filósofo.

O fato é que com essa aparência bonacheirona, você explora uma nova teoria de viver; teoria essa muito personalíssima e que para um desiludido como você se tem na conta de o ser, é um ótimo lenitivo.

Quando falo viver, você logo devia ter subentendido; de viver no conceito feminino. Que preocupação outra mais absorvente temos nesta idade a não ser a tentação perene da mulher? O homem que aos vinte anos sabe se ter com galhardia na atenção de uma mulher, pode se reconhecer como verdadeiramente ditoso. Daí, só tem dois caminhos a seguir, cada qual mais cômodo porque ambos oferecem a vantagem da rotina: ou se casar imediatamente ou continuar a namorar, fazer o que se diz “gozar a vida”, para se casar mais tarde, o que vem a recair no mesmo.

Agora, se o indivíduo chega aos vinte anos e não consegue ser compreendido por uma mulher, o caso é muito mais sério.

Se se tratar de um sentimental, um desses que acarretam com a infelicidade de possuir os sentimentos muito suscetíveis e melindrosos, é um mal irremediável. O pobre diabo fica por aí a meter dó e compaixão, caso ainda hoje subsistam tais coisas.

Sendo o caso, porém, o de um rapaz vulgar, sem outro ideal que o de formar-se na Escola Normal, e conhecendo de paixões, apenas os espécimens deturpados que lhes oferecem as películas americanas. (Índigestas pachuchadas!), então existe um meio, que sendo alcançado, produzirá *ipso facto*, os seus conseqüentes efeitos. Esse meio, esse poderoso meio é somente isso, jogar futebol. Pondo-se o rapaz a jogar futebol, imediatamente terá uma moça a cercá-lo, dirigindo-lhe perguntas, todas as moças passam a olhá-lo já presas de uma certa atenção, como a dizer: “Ele não era tão desinteressante assim, joga tão bem futebol”. Amanhã o rapaz passará a ter sua namorada e depois namoradas, bailes, olhares, concessões, nada lhe há de faltar, para que desfrute dos seus vigorosos vinte anos, excelentemente aproveitados na Escola Normal, e ao campo de futebol.

Você, inteligente e perspicaz, resolveu opinar para um novo meio: a extravagância e foi feliz que acertou. As mulheres, sendo curiosas certo que sentirão algum interesse pela extravagância, e esse interesse pode ser rendoso, atendendo-se à leviandade feminina. A sua extravagância é pois, melhor que o futebol, uma atitude desimpedida de *savoir vivre*, baseada no princípio: Nem só de entusiasmo vive a mulher, e sim também de fantasia.

Seus por sempre

Mutt & Jeff.

¹²⁶ *O Repentino*, jornal fundado na década de 1910, em Guaratinguetá.

a integridade da sua arte. Não se preocupe com o desdém, o indiferentismo que lhe há de tributar a maioria dos leitores anquilosados no domínio da mais ancha frivolidade, e cujos espíritos se assemelham, pela sua inanidade, a esse algodão de açúcar, enlevo das crianças gulosas.

Não. Você nunca pensará em fazer literatura para esses, mesmo porque *O Repentino*, com muito tino, distribuiu os seus colaboradores de acordo com aqueles que o lêem.

Existe aqui matéria para todas as predileções, inclusive os sentimentalistas pacóvios, aos quais exporá o seu arsenal oco de pieguices o insuperável Conde dos Tristes, ótimo modelo de lírico campanudo soltando frases manhosas ao vento. Você, meu amigo, escreverá corajosa e independentemente, obedecendo ao estuar da sua imaginação, às irreverências da sua sinceridade, que jamais perdoa o mau para regatear encômios ao bom, às disposições de sua lógica segura, sagaz e superior, da qual já tenho haurido benéficos conselhos, enfim você escreverá para esse leitor ideal que sempre sonhamos, para o leitor que nunca terá ocasião de lê-lo.

Mas... esquecia-me do escopo do seu bilhete. O que eu trouxe de São Paulo? Mais uma revolta contra o proxenetismo dos Lulus caricatos de esquina; mais um louvor à plêiade de literatos paulistas, que a esta hora continuam a atirar novos volumes às livrarias, atestando lisonjeiramente o alto grau que vai assumindo a nossa mentalidade... e mais uma coisa, que já lhe confiei muito particularmente.

Até à vista. Seu

“Nunc et semper”

Artigo assinado: “J. Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

São Paulo do fausto e da humildade

O curso domingueiro

A tarde ofertava-se na esplêndida bonança da natureza. As franjas rosicobálticas do horizonte faziam um carnaval de tons e de tintas. Céu levemente azulado. Desfile elegante. A “flor de lis” paulistana na cerimônia mundana do curso. Automóveis de todo formato, de variadas espécies, desde a Limosine até o Ford familiar. Milhares de rostos femininos, numa exibição magistral de graça e beleza. Na reverberante e luzente “sedan” de Raul Villar eu me deixava levar pelo turbilhão mirífico. O meu companheiro expende idéias entusiásticas sobre o fino encantamento do curso. Fala-me do prestígio do automóvel e de estupendas conquistas. Eu ouço-o, orgulhoso dessas vitórias de que reconhecidamente compartilho. A Avenida Paulista cintila na saudação vespéral dos seus jardins redolentes. Os veículos desfilam; ora se apressam, ora escorregam suavemente. Os rostos das mulheres, cada qual mais formoso, sob a magia da tarde, passam sucessivamente, com expressões furtivas e fugazes de encanto, de arroubo, de singeleza, de esplendor, de êxtase venusiano, de íncubo sentimental, de persuasão, de coquetismo, de enlevo, de enigma, de feminilidade...

E, da objetiva dos nossos olhos, essas tantas fisionomias se refletem em nossas fibras sensitivas com dedilhações quérulas de embevecimento, de fantasia, de delírio, de emoções agudas, de exaltação, de prazer, de doçura, de narcótico, de esperança, de sofreguidão, de amor...

Raul Villar tem o olhar perscrutante.

– A quem procura?

– Não sei. Deve haver forçosamente mulheres interessadas por nós nesse desfile.

– Como em toda parte, o destino do homem é procurar uma mulher que nunca chega...

Crepusculejava. Faiscavam os glóbulos elétricos. Dentre a penumbra dos automóveis fechados, olhares também despediam fagulhas.

A estátua de Bilac, no fundo esmaecido do horizonte, destacava suas formas grotescas. E os veículos a rolar...

– Que é isso meu amigo? Viu alguma novidade?

– Sim, alguém...

Raul Villar voltou o carro à cola de uma bela Oldsmobile.

Era como quem corresse atrás da própria felicidade, no crepúsculo macio.

O bairro pobre, ao sol

A calçada, à frente das habitações esborcinadas, a rua, tudo se inunda de sol. O bairro pobre está deserto e silencioso. Um relógio perrengue bate a custo duas pancadas. A população das casas velhas, das vilas que se agrupam, se apertam, quase trepadas umas nas outras, foi alimentar o grande monstro, que de vez em quando desfere o seu ronco abafado – a fábrica. Na rua, apenas cães magros fazem molecagens. O vendeiro de frente sentou-se à porta e veio ler os últimos crimes da tarde. As moscas são os únicos fregueses da venda àquela hora. O operário vizinho não foi trabalhar. Ficou em casa, gritando com os filhos, raivoso e insolente. O barulho de uma máquina de costura rasga o silêncio. O sol desinfeta a insalubridade dos cortiços amontoados, passando roupa perto da janela, uma menina trigueira entoa, em surdina, a “Falência”. Lá dentro da sala, pregado à parede, o retrato encardido de Rodolfo Valentino. A vida ignorada... O bairro pobre é um escombros, ardendo ao sol...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s.ind., s.l, s. d.

A Senhorita Tro-ló-ló

– Não gostas de dançar?

Voltei-me de súbito e com estupefação encontrei à minha frente, na suntuosidade de sua *toilette* puramente antiga, uma formosa dama desconhecida.

– Responda-me: não gostas de dançar?

Eu estava no *fumoir*, repousando-me da fadiga de um fox-trot muito bem enlaçado quando semelhante aparição deixou-me pasmo, sem ânimo para articular palavra.

– Queres saber quem sou, não é? Sempre a curiosidade inconveniente dos homens. Mas antes diga-me, não danças?

– Muito, minha senhora.

– Pois fazes mal. O que se pratica hoje nos salões não se chama mais dançar. Ah! Dançar, cultivar o ritmo, dar expressão aos gestos, fazer vibrar a plástica, que coisa sublime! Será por ventura isso que se executa ao som daquela charangada diabólica a que denominam *jazz-band*?

– Perdão, tudo tem a significação do seu tempo...

– Compreendo, sei que hás de vir com essa história de época, de modernidade. Permita-me que objecte. De fato, o século é piramidal, é maravilhoso. Realizaram-se coisas imarcessíveis. Os homens progrediram muito. Mas nem por isso o mau gosto deixou de intervir em muitas atribuições do engenho e da sensibilidade humana. Na dança foi um desastre. Os americanos desmandibularam o movimento ritmado, anarquizaram os gestos de uma forma inexpressiva, grotesca... e até imbecil. O que tenho visto por aí são moços e moças andarem; marcharem às vezes, manquitolarem outras, de canto para canto do salão, agarrados com toda segurança e toda desgraçabilidade. Isso é sempre o mesmo, varia apenas o compasso. O tango argentino, por exemplo, que foi a mais interessante criação de música popular da época, acabou por ser adaptado nos salões como um simples passeio em que os pares vão, pernas bambas, andar lascivo, a arrastar uma sucessão de poses cambaias e ridículas...

E a gentil desconhecida desferiu ruidosa gargalhada. Pude então de relance, numa folga da sua pasmosa loquacidade, observá-la. Era na verdade misteriosa e original. O seu vestido multicolor desdobrava-se em ondas de chamalotes e bordados que iam até a altura do pescoço deixando apenas visíveis a sua mão de jaspe e a sua

encantadora cabeça de dama de Corte de Luís XV. Uma figurinha assim como teria sonhado Martins Fontes ao conceber a comédia *Partida para Citera*.

Apesar da minha surpresa e espanto que cresciam cada vez mais, resolvi protestar.

– Gentil desconhecida. A tua irritação contra as danças modernas é em parte descabida.

Essa maneira de andar sempre, marchar como dizes, não deixa de ter o seu sentido lógico e até profundo, dentro da época. Os americanos encontram às vezes razões sutis, onde nós de princípio julgamos haver apenas estapafúrdia e mau gosto.

Eles criaram o ritmo do passo, da marcha, como uma das mais eloqüentes formas coreográficas. Saber andar ao som da música – foi o princípio. A arte de caminhar com garbo, obedecendo a uma marcação de alegria e entusiasmo constitui a estrutura dessas novas danças. A grande compreensão generalizada da civilização hodierna, que os *yankees* possuem leva-os a descobrir essas fórmulas curiosas de arte. Aprender a dançar hoje seria muito incômodo. Portanto, basta andar, andar sempre, à vontade, sob o ritmo da música. É assim com o *fox-trot*, passo de raposa, o *rag-time* que se resume numa marcha álcere, o *one-step*, o *shimmy* que é andarzinho tremelicado.

– Bonito o teu modo de falar, mas não me conformo.

– Em Esparta a dança não era um simulacro de marcha belicosa, exprimindo um povo e uma tendência da civilização? Hoje dá-se o mesmo com os americanos. Eles traduzem os dias atuais – estes dias em que tudo anda, tudo corre.

– Entretanto, meu amigo, em Atenas as danças eram outras e os Estados Unidos distam muito do Brasil. Por que insistir em acompanhá-los na sua espaventosa carreira...

– Porque eles são o termômetro de uma época que o mundo todo está vivendo... Afinal, não me dirás quem és? Estou cioso por saber com quem discuto.

– Sou uma fantasia.

– Uma fantasia?...

– Sim, uma fantasia antiga para o concurso desta noite no baile. Quis brincar um pouco contigo sem nos conhecermos. Vamos aproveitar este *fox-trot*... Enquanto dançamos dir-te-ei meu nome...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s.d.

Sensações

(Colaboração especial para *A Cigarra*)

Na rua os veículos teciam redes de velocidade e o azoinar intenso daquele fim de tarde, *drapejante* de ouro, na apoteose da cidade, retinha-me indeciso e emocionado, num ponto de bonde.

– Até amanhã.

– Às 7 horas, ouviu bem?

E o diálogo perdeu-se rapidamente no atropelo do povo que tomara o bonde de assalto “às 7 horas”.

Eu desvendava naquelas pequeninas e entrecortadas frases uma história longa e dramaticamente prosaica – a história triste do amor frívolo.

Todos têm sua tragédia num fim de tarde...

A urbe fervilhava. Os homens esbarravam-se, ávidos, sedentos, na azáfama da corrida. À tarde todos correm – correm para chegar mais depressa ao término do dia e acabar, acabar alguma coisa. Um dia que passa é um esforço que se vai, sempre no engodo de ser aproveitado em alguma coisa.

O frenesi da cidade possui algo de feminino!

Landaus custosos, automóveis de variadas marcas rodam mansamente levando em seu bojo o clangor do dinheiro que cria as maiores belezas e esplendores, quase sempre aos que não os sabem assimilar.

O rodar dos automóveis faz-me pensar de como sou feliz em não possuir nenhum desses veículos luxuosos.

A cidade obriga-me a venerar o dinheiro, como a razão de ser daquele cenário futurista.

O crepúsculo eletrizava-se, irradiava-se na nuvem vítrea da tarde...

Um olhar – que era um sol em miniatura – acenou-me de longe a flâmula de uma promessa. E, na vibração citadina da rua, eu segui essa bandeira vermelha, encantadora de perigos.

Afinal, não perdi de todo o meu *footing*...

Artigo assinado: “Brito Broca”, *A Cigarra*, São Paulo, s. d.

Serenata

Era noite – noite passadista com uma lua digna de Álvares de Azevedo e estrelas que davam vontade da gente ouvi-las, como pretendia fazer Bilac.

Os dois vultos seguiam pela rua deserta. Uns trinados de bandolim e repiniques de bordões vinham do canto de um beco.

– Escutemos. Eu gosto tanto de serenatas. Já perdi noites a fio, sobraçando violões pelos cantos da cidade. Cantar e tocar para o silêncio noturno como é consolador e refrigerante! Escutemos.

O outro companheiro atendeu ao apelo e ambos se quedaram. Uma voz muito sentida e apaixonada derramava na solidão do bairro pobre as endechas do romantismo imortal e inextinguível. Era uma canção à toa, despida de espírito e talento, mas impregnada fortemente dos eflúvios sentimentais com que o povo sabe dosar os frutos da sua inspiração anônima.

– Cantar para a imensidão da noite, cantar para os que vivem sem música, repetia o rapaz em êxtase.

– E cantar para a desilusão dos que não amam, completou o outro.

– Os que não amam dormem esta hora um sono de pedra. São de todos os mais ditosos, aqueles que não conhecem a melancolia imponderável das noites de luar.

O companheiro tomando o braço do interlocutor e trazendo-o para bem perto de si advertiu-lhe como em segredo:

– Os que não amam! Pensou você na desventura sem conta de não amar? Esqueceu por acaso o desconforto do homem que não tem uma mulher a atravessar-lhe a vida? Reflita melhor. Nenhuma desgraça poderá ser mais dura. Viver assim num meio onde a comunhão de afetos é o ideal unânime que incentiva o trabalho e fortalece as energias. Viver indiferente e cético entre as mulheres que passam sorrindo, a toda hora, atirando-nos olhares às mancheias. Nada pior do que poupar-se aos deliciosos sacrifícios do amor, esquivar-se aos suaves sofrimentos com que as filhas de Eva nos abrem horizontes inéditos da ilusão. Não possuiu, no utilitarismo dos dias vertiginosos, um pouco de sonho haurido num rosto feminino. Calcule o desespero do homem sem afeições, que encontra pela rua, pares de namorados, unidos e felizes, como a tentalisar-lhe[sic] o coração descorado... Mil vezes as vigílias, pesquisando cartas mentirosas. Mil vezes as provações acerbadas de uma expectativa, alanceada pelos golpes do ciúme...

O rapaz interrompera. A voz brandiciosa continuava, apaixonada. O luar espelhava-se nas poças de água formadas pelas últimas chuvas.

Cantar para os que não amam!...

E os dois companheiros prosseguiram, lentamente, pela rua deserta.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Sobre uns versos

“Ignatius”, no último número do *Repentinos* satisfiz-me com os seus versos potentes, sonoros e profundos, proporcionando-me uma acurada meditação logo após a sua leitura. “Ignatius” é um dileitante excelentemente aparelhado a se tornar um bom poeta; sobejam-lhe para isso duas valiosas qualidades: elevação do pensamento acima dessas caganifâncias sociais; isenção integral de lirismo caquético dos Romeus escorapostes.

“Ignatius” não é um sonhador maricas, a desfiar endeixas abemoladamente adocicadas – destemperados “guaranás” que ao invés de refrigerar o calor dos nossos corações, só serve para encharcá-los.

O poeta da “Meditação” sonha, mas sonha com majestade, visões alcandoradas, descortinos alevantados do espírito e depois que o “pensamento voa e sobe e cai vencido à toa”, vê-se que o poeta é todo emoção, nervos e estesia. O coração passa a ser inteligência que discrimina a exaltação shakespeareana, na qual o sonhador sente um grande cemitério plantado nos arraiais da sua alma. Cada túmulo é o de uma ilusão fenecida. Mas o poeta realiza uma invocação; os túmulos se abrem e as ilusões, quais brumas esquálidas, desfilam aos seus olhos iluminados pela alvinitência sonolenta do luar – Um grito ressoa no espaço como o fragor das ondas se chocando. O poeta sacode-se. É o arranco selvagem da sua dor implacável. Os fantasmas das ilusões desaparecem, e o poeta prostra-se abatido, mudo, lasso de agonia; uma tempestade desencadeia-se no seu íntimo – as paixões se debatem no bátratro medonho.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Solilóquio de um vagabundo

Tenho inveja das pessoas que fazem das coisas insignificantes motivos de grande orgulho. Tenho inveja, também, das que não possuem orgulho das grandes coisas que fazem. Ambas estão a caminho da perfeição.

Todo ódio é um amor que falhou.

Sempre pus em dúvida o talento apregoado dos homens que falam grosso e usam óculos.

Ao lado de um presunçoso é preferível nos colocarmos num plano inferior. Só assim evitaremos que ele se sinta maior.

Não há mulher que resista à persistência de um imbecil, capaz de passar cem vezes de automóvel à porta da casa de sua deusa para obter um olhar.

Chamam-me de vagabundo porque, sem ter profissão formal, vivo enchendo tiras de papel. Se, em lugar de pensar e escrever, eu me limitasse a não fazer coisa alguma, certamente já não seria vagabundo. Podia até ser um cidadão muito considerado.

Só os vagabundos tem tempo para viver – é este o meu credo.

O direito é uma garantia aos que têm direito de não proceder direito.

Do amor

Exigir que o homem ame uma só mulher é tão descabido, quanto exigir que a mulher namore um só homem.

O melhor amor é aquele que nunca chegamos a sentir.

O que tortura muito homem no amor é a sua resistência em procurar a mulher do seu ideal. O homem deve quedar-se à espera de que essa mulher o venha encontrar.

Da mulher

A mulher se escraviza ao homem para que este lhe faça todas as vontades.

A mulher exprime-se melhor pelo riso. Eu prefiro que uma moça me responda a um comentário rindo-se a que o faça proferindo algumas frases insossas. O riso é símbolo. Pode dizer tudo, conforme a sua interpretação.

De nós

O tédio é a greve dos sentidos.

A vergonha é uma fantasia dos sentimentos.

Todo homem vive em busca da sua tragédia. Os que a encontram muito cedo, dizem-se desgraçados e inditosos. Os que a topam muito tarde, dizem-se resignados, e os que nunca a encontram, jamais se consideram felizes.

Fecho

Escrever é sentir. Sentir é sofrer. Escrever é sofrer.

Artigo assinado: “José Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Trovas

São os falhos...

No fervilhar de um baile há sempre corações ignorados, proscritos, a chorar, artificializando sorrisos... Na rua, à hora fulvirósea do *footing* os mesmos corações vêm na movimentação mundana o seu jardim das Oliveiras. Em toda parte, diante da mulher, esses corações que envolvem cadinhos de sentimentos ardentes, humilham-se, espezinhadados na sua sufocante dor.

E eles dizem:

“Eu quero amar. Quanto mais desejo o amor, mais ele me foge, satânico arrebatado num automóvel. E ninguém sabe que eu amo. Nenhuma mulher se ufana de ter-me causado fascinação. Já houve uma que me encarou com despeito, a julgar-me superior e cético. Na rua em vão observo as mulheres. Passo desconhecido por entre todas elas. Se alguma mulher bela me olha leio no seu fitar o desvanecimento desta frase: - ‘Francamente, não te compreendo.’”

São todas assim. Não podem compreender os que sofrem.

... e estou longe de ser um romântico anacrônico. Vivo o meu século e acompanho os seus delírios. Eu sofro. A dor é imutável e perene sobre a face da terra. Os amigos falam das minhas qualidades e elogiam-me os méritos. A essas qualidades que me emprestam desejava apenas uma – ser amado pelas mulheres.

Vou aos chás-dançantes. Danço. Mas passo como um estranho ao lado das mulheres. Não faço serenatas e fumo charutos medíocres. Que será que me falta para identificar-me com os vencedores no amor? E todos invejam o meu desprendimento. Um apaixonado infeliz veio chorar-me a suprema tortura de amar. E ninguém sabe das minhas lágrimas, ninguém se ufana de me despertar paixão!...!

São os falhos. Espezinhadados na sua dor. Grandes, imensos, no seu coração, no seu espírito, incapazes de descer até as mulheres...

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

Uma idéia

“Crer – Trabalhar – Criar”
João do Rio

O grande José Bonifácio¹²⁷, votando ódio figadal ao Visconde de Cairu¹²⁸, afirmava que as obras de economia e jurisprudência do velho baiano jamais seriam lidas pela posteridade.

O arguto Sílvio Romero¹²⁹ comentando esta consideração pretensiosa dizia que realmente podiam não ser lidas as obras de Cairu, mas tão pouco sê-lo-iam os versos do Andrada, porque no Brasil quase nada se lê.

Essa é, mau grado nosso, a dura verdade.

A leitura ainda continua a ser no nosso país como – sejamos razoáveis – em muitos outros, um ato secundário e de somenos importância.

Poucos são os que lêem, e esses mesmos só o fazem nos momentos de ócio e ainda muito superficialmente.

O leitor é quase sempre nervoso. Quer vislumbrar a estrutura geral sem perceber as minúcias.

A dissecação é um trabalho enfadonho ao qual não se coaduna o homem hodierno.

Atravessamos uma época cujo espírito é na totalidade *parvenu*.

A vertigem que nos absorve no afã da vida intensa inibe a reflexão. Lemos tudo atabalhoadamente, sem meditar ou ponderar sobre os períodos que passam céleres aos nossos olhos de leitor vertiginoso e somente animado pelo desejo supremo de conhecer, de acabar. “Não há preocupação de estudo ou observação. O que todos querem é aparecer”.

Para isso discutem com a empáfia de “ex-professor”, doutrinando asserções, elaborando juízos críticos, emitindo opiniões. Chega-se até a comprar livros por mero requinte de “esnobismo”.

¹²⁷ José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838): eleito para a representação brasileira nas Cortes Constitucionais de Lisboa, em 1819, assumiu a defesa da independência política e da monarquia constitucional. Foi conhecido como “Patriarca da Independência” e tutor de D. Pedro II.

¹²⁸ José da Silva Lisboa, Visconde de Cairu (1756-1835): foi economista, jurista, publicista e político brasileiro, ativo na época da Independência do Brasil. Apoiou ardorosamente D. João VI e D. Pedro I. Ocupou diversos cargos na administração econômica e política do Brasil, Deputado da Real Junta do Comércio e Desembargador da Casa da Suplicação, após a instalação da corte no Rio de Janeiro, em 1808.

¹²⁹ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor e político brasileiro. V. “A ofensiva de Sílvio Romero contra José Veríssimo”, in *A Vida Literária no Brasil 1900*. Ed. cit., p.265.

Ler? Não vale a pena. Um dia tão viçoso, um sol apaziguante. Vamos passear, é melhor.

A noite também é impossível. Existem outras distrações que imperam.

Um filme de Tom Mix, ridícula frioleira americana, o passeio no jardim tão encantador e depois o *flirt*, a pequena clássica dos meios urbanos que faz perder muito tempo e nos transtorna muitos ideais.

Demais não se pode ler muito. O tempo é pouco para a atividade que nos desatina. A leitura é um estacionamento, deve ser curta a fim de não relaxar as energias sempre ciosas de ação.

Os literatos já compreenderam isso e começaram a engendrar obras compatíveis com o meio.

Os poetas só compõem sonetos onde em poucas palavras “sintetizam” admiravelmente muitas idéias. O poema decaiu. É longo, não tem aceitação. Escritores publicam livros de um só volume em que dizem muita coisa “resumidamente”, apresentam muitos fatos com a concisão extrema. Os conferencistas aproveitam os saraus dançantes e as reuniões sociais para externarem seus conceitos. Publicar? Para quê? Quem lerá uma conferência literária?

Só a leitura frívola triunfa. Os *Para todos*, *Cena muda*, *Parafuso*¹³⁰ são procurados com o ávido interesse.

Ao lado das bibliotecas profusas está sempre a pilha de revistas cinematográficas que é a preferida.

– Por que o Sr. não lê um volume ali da estante? Tenho bons autores. Vários livros que adquiri na minha última viagem ao Rio.

– Mas o senhor adiposo escarranchando-se no divã replica:

– Obrigado, prefiro isto. Esta *Cena muda*. É mais leve, interessante e agora não tenho tempo para me ocupar com tais livros.

– Permite-me uma objeção?

– À vontade.

– Essas revistas são lidas somente pelos meninos. Comprei-os por causa deles.

– Que importa? Isto diverte-me muito. Aliás, é bem mais fácil de digerir que uma página desses romancistas paradoxais.

Eis o quadro tristíssimo da decadência das bibliotecas. Mas que havemos de fazer. A leitura a convir para a época seria o que podemos chamar literatura apressada,

¹³⁰ Revistas cariocas de caráter mundano.

ingredientes frívolos e banais que suscitem a neurose do povo e possam ser lidos rapidamente com assimilação pronta e fácil.

O jornalismo é a única solução admissível desse problema, porque, como disse Clóvis Beviláqua¹³¹, esgota as energias, dispersa os esforços, alimenta a superficialidade.

O jornal é no momento a melhor leitura poliforme e variada onde a curiosidade das multidões vai haurir o cabedal frívolo de conhecimentos, que constitui o principal característico da neurose.

Para a difusão das letras é um instrumento pronto e seguro com que podem operar os literatos preparando o público nessa leitura diária e despreocupada de alguns minutos para a gravidade dos livros.

Emílio Faguet¹³² dizia que o jornalista é um vulgarizador, devendo por isso ter qualidades eminentes e uma elevada soma de conhecimentos que o coloque sempre num nível elevado diante do público.

Nessas condições, o jornal é sempre o iniciador, o sugestionador das multidões e o meio mais eficaz para inoculação e germinação das idéias.

Guaratinguetá, centro de notável cultura onde entre um povo instruído e de apurado critério fulgura uma plêiade de homens de talento, já está em tempo de cuidar da sua consideração alheia, do seu bom conceito perante os de fora.

Palestrando há dias com um amigo, dizia-me ele:

– Aqui existem muitos talentos incubados, muitas inteligências prontas a abrir vôo, mas que perecem pela deplorável falta do divulgador, o órgão de ação, isto é, o jornal onde possam se expandir dizendo com sinceridade tudo que se lhe parece aproveitável e clamando contra a futilidade enervante deste século XX.

Guaratinguetá necessita de uma revista literária que aproveite esses talentos inéditos, concite o povo ao gosto artístico e literário do qual infelizmente vive tão afastado, e ao mesmo tempo vá dizer fora daqui o quanto vale a nossa cidade.

E concluía: já que ninguém pensou nisso, realizemos nós essa obra tão meritória e produtiva, ainda que tenhamos de acarretar com inúmeras dificuldades. Concordei integralmente com o meu amigo. Faríamos uma revista modesta, esforçando-nos sempre

¹³¹ Clóvis Beviláqua (1859–1944): jurista, filósofo e historiador brasileiro. Autor de extensa obra de caráter jurídico, escreveu também alguns volumes sobre filosofia.

¹³² Émile Faguet (1847–1916): crítico literário francês do final do século XIX.

por produzir [ilegível] para o público: interessante e curta que pudesse ser lida na rua, num bonde, no intervalo de uma palestra, sem abater a hiperestesia comum.

Entusiasmados, deliberamos firmemente realizar a nossa idéia e cõscios da nossa inferioridade fomos ouvir opiniões abalizadas de pessoas consideráveis.

Todos nos animaram, advertindo-nos, porém, sobre um temível obstáculo: a indiferença do público.

– Vocês precisam combater a falta de gosto, dizia-nos um senhor respeitável. Mas combatê-lo como: era com que não atinávamos. Opinamos então para as colunas deste órgão que nos foram gentilmente franqueadas e aqui esperamos expor detalhadamente os nossos intentos, demonstrando as suas incalculáveis excelências.

Do público inteiramente depende o nosso triunfo ou fracasso apoiando a nossa idéia ou mantendo-se na sua cruel impassibilidade. Cremos, porém, que não havemos de naufragar.

Tão benéfica empresa, embora a iniciativa tenha partido de meros idealistas, não pode resumir-se apenas em projetos como um sonho, desses que se diluem a cada passo na asperidade da vida.

Sejamos criteriosos...

Artigo assinado: “J. B. Broca”, s. ind., s. l., s. d.

A um rapaz feliz

Rapaz, tu que tens as unhas cuidadosamente polidas e fazes ponto de honra nas dobras de tuas calças, escuta – Eu te admiro e te invejo.

Deslumbra-me a tua saúde, o bem-estar que revelas em todos os teus gestos, a ausência de nervosismo que te empresta essa calma tão apaziguante no falar.

Vinte anos! Disseste-me ontem a tua idade. E ainda não conheces um pouquinho disso a que chamamos a Vida, com “v” grande.

Provavelmente, nunca a conhecerás, para tua felicidade.

Vinte anos! Tens uma dúzia de pequenas no teu bairro, assistes a todas as fitas de fama, pensas em completar o teu curso parcelado e bacharelar-te, um dia, em Direito.

Fazes esportes: possuis os ombros salientes e os músculos densos, como os de Aquiles. Com que inveja eu te vi, naquela tarde ensolarada, envergares o *maillot* e, de peito saliente e claro, num assomo orgulhoso de desafio, arremessares-te nas águas do Tietê!

E foste, esbracejando, galhardamente, conjugando a tua agilidade e o teu vigor com a correnteza do rio, para a glória física de um recorde.

Irradiava um sol terno naquela tarde e ele dava um brilho de vitória nos teus músculos, quando saíste da água.

O esporte – A causa do teu bom humor, dessa tua maneira fácil de sorrir, da ausência saudável de espírito que te abolindo totalmente as idéias produz, em compensação uma suavidade de traços na tua face.

És belo, porque não pensas.

Tens vinte anos, as pequenas brigam por ti, sabes dançar e sabes nadar!...

Continua sempre assim.

Se puderes temperar tudo isso com um pouco de cavalheirismo, ainda será melhor.

Vais pelo melhor caminho da existência.

Encontrarás muitas coisas capitosas, há de sorrir, constantemente, de contar horas e horas de prazer...

E não obstante não conheces a Vida... Para tua felicidade.

Artigo assinado: “Brito Broca”, s. ind., s. l., s. d.

8. Referência bibliográfica

8.1. De Brito Broca

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

_____. *Americanos*. Organização de Miriam Gárate. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____. *Ensaio de Mão Canhestra*. Edição de Alexandre Eulálio. São Paulo/Brasília: Polis/Instituto Nacional do Livro, 1981.

_____. *Escrita e vivência*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Horas de leitura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Letras Francesas*. Edição de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

_____. *Machado de Assis e a Política e Mais Outros Estudos*. Organização de Alexandre Eulálio. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1983.

_____. *Memórias*. Edição de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Organização de Luiz Dantas. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. *O repórter impenitente*. Organização de Márcia Abreu. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. *Papéis de Alceste*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. *Pontos de referência*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1962.

_____. *Raul Pompéia*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

_____. *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro*. Edição de Alexandre Eulálio. São Paulo/Brasília: Polis/Instituto Nacional do Livro, 1979.

_____. *Teatro das letras*. Organização de Orna Messer Levin. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

8.2. Sobre Brito Broca

ARRIGUCCI JR., Davi. “Conversa entre fantasmas”. In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp.226-233.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Um D. Quixote das Letras”. In: *Memórias*. Edição de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. *Ensaio da Mão Canhestra*. Organização de Alexandre Eulálio. São Paulo/Brasília: Polis/Instituto Nacional do Livro, 1981, p.7-10.

CARPEAUX, Otto Maria. “O amigo perdido”. São Paulo, *O Estado de S. Paulo*, 26 de agosto de 1961.

EULÁLIO, Alexandre. Prefácio. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Organização de Luiz Dantas. Campinas: Editora da Unicamp, 1991, p.11-18.

PEREZ, Renato. Brito Broca. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1956.

Remate de Males. Brito Broca. Vida literária e história cultural. Revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Org. Francisco Food Hardman, Campinas, nº 11, 1991.

8.3. Geral

ARRIGUCCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica”. In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.51-56.

BETELLA, Gabriela Kvacek. *Narradores de Machado de Assis*. São Paulo, Edusp/Nankin Editorial, 2007.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 14ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

_____ et alii. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Setor de Filologia da Fundação da Casa Rui Barbosa, org. Campinas, SP, Brasil: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, 1992.

- COELHO, Maria das Graças Pereira. *Fatos importantes em Guaratinguetá no lustrado de 1920 a 1925*. Trabalho monográfico apresentado para o curso de especialização em História, em 1973, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena.
- DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: Imprensa Oficial/Edusp/Editora da Unicamp, 2006. 3 v.
- HERMANN, Lucila. *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. Revista de Administração. Ano II. Universidade de São Paulo, maio-julho de 1948.
- KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1995.
- MACEDO, Silvia Quintanilha. *Alexandre Eulálio: retrato de um intelectual singular*. Tese de Doutorado. Área de Literatura Brasileira. FFLCH. USP. 2004
- MAIA, Tom & MAIA, Teresa. “Alvismo e Camarguismo: mandonismo e resistência em Guaratinguetá”. In: CHALITA, Gabriel. (Coord.) *Vale do Paraíba: Política & Sociedade*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1993.
- MOREIRA, Lauro. *Perfil da mídia impressa de Guaratinguetá*. Trabalho monográfico apresentado para o curso de Jornalismo na Universidade de Taubaté.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.
- RIO, João do. *João do Rio. Um dândi na Cafelândia*. Organização de Nelson Schapochnik. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WILDE, Oscar. *Aforismos ou mensagens eternas*. Introdução James Joyce; tradução Duda Machado. São Paulo: Landy Editora, 2006.